

*A' Bibliotheca do Senado Federal*

*7-5-96*

*off*

*R. Villa-Lobos*

BIBLIOTHECA DO ENSINO INTUITIVO

---

SEGUNDA SERIE

---

OPUSCULOS ELEMENTARES

adaptados ao portuguez

Pelo Professor

**R. VILLA-LOBOS**

## INDICE DA 1.<sup>a</sup> SERIE

- Introdução **Primeiras noções sobre as sciencias**, por Th. Huxley.
- I volume: **Geographia physica**, por A. Geikie.
- II » **Geologia**, por A. Geikie.
- III » **Astronomia**, por N. Lockyer.
- IV » **Chimica**, por H. E. Roscoe.
- V » **Physica**, por Balfour Stewart.
- VI » **Botanica**, J. A. Hooker.
- VII » **Zoologia**, por Beauregard.
- 

## Indice da 2.<sup>a</sup> serie

- I volume: **Economia politica**, por W. S. Jevons.
- II » **Physiologia**, por M. Foster.
- III » **Biologia**, por S. H. Stevenson.
- IV » **Economia domestica**, por W. B. Tegetmeier.
- V » **Methodo de piano**, por F. Taylor.

BIBLIOTHECA DO ENSINO INTUITIVO

---

SEGUNDA SERIE

---

# ECONOMIA POLITICA

de

**W. Stanley Jevons**

Professor de economia politica no "University College",  
Examinador de logica e philosophia na Universidade de Londres.

---

Versão da 5ª edição do original inglez

pelo professor

**R. Villa - Lobos**



LAEMMERT & C., — EDITORES

Rio de Janeiro — São Paulo

1896

330  
17598  
Lobos

## DO MESMO AUTOR

### Publicadas:

**A Republica Brasileira em 1890** ou ensaio chorographico historico do Brazil—2a edição. Rio de Janeiro, Laemmert & C., 1890, in-8°.

**Chorographia do Brazil** (resumo didactico) 3a edição correcta e augmentada.

**Epitome de historia do Brazil** desde o seu descobrimento até a proclamação da Republica por J. P. Xavier Pinheiro... Decima edição revista, correcta e augmentada pelo prof. R. Villa-Lobos.—Rio de Janeiro, 1891, 1 vol. in-8° com 563 pags.

**Historia do Brazil** (resumo didactico) 4a edição correcta e augmentada e ornada de gravuras.

**Lições de historia universal** de accordo com o programma geral de preparatorios (Max Creuser). Rio de Janeiro, 1888, 2 vols. in-8° com 440 pags. (nova edição no prélo).

**Noções de astronomia**, ou rudimentos desta sciencia ao alcance de todos e indispensaveis aos candidatos desta disciplina aos exames geraes de preparatorios, 1890, 1 vol. in-8° com 27 figuras.

**Botanica** de J. D. Hooker. Versão do inglez pelo prof. R. Villa-Lobos e illustrada com 72 gravuras. (Sexto volume da Bibliotheca do ensino intuitivo). Rio de Janeiro, 1894, 1 vol. in-16°.

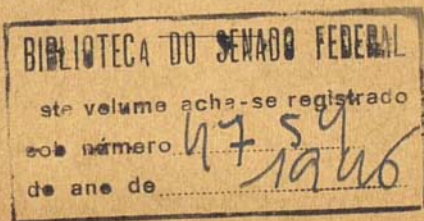
**Economia Politica** de W. S. Jevons. Versão do inglez pelo prof. R. Villa-Lobos (Primeiro volume da segunda série da Bibliotheca do ensino intuitivo).

### Em publicação:

**Guia do viajante no Rio de Janeiro**, com diversos mappas e vistas da cidade e planos dos principaes estabelecimentos.

**Zoologia geral** de H. Beauregard. Adaptada ao portuguez pelo prof. R. Villa-Lobos. (Setimo volume da Bibliotheca de ensino intuitivo).

**Galeria pittoresca de homens celebres** de todas as nações e épocas... pelo dr. J. Ph. Anstett ampliada pelo prof. R. Villa-Lobos.





Rio, 2 março 1896.

*Illm. Snr.*

*R. Villa-Lobos*

Li com muita satisfação a traducção que fez do precioso livrinho de W. Stanley Jevons sobre *Economia Politica*.

Vae emfim ficar enriquecida a *Bibliotheca do Ensino Intuitivo* com mais este livro interessante e util.

As doutrinas economicas ensinadas pelo professor da Universidade de Londres, são as mais sãs e por isso considero o seu trabalho, vertendo-as para o portuguez, como relevante serviço prestado especialmente ás nossas classes proletarias, que neste livrinho podem aprender as noções de *Economia Politica*, de que tanto precisam para a pratica da vida.

O que escreveu Stanley sobre capital, trabalho, salario, paredes de operarios (grèves), moeda, cambio, impostos, funcções do governo, etc., são as que mais convém diffundir pelo povo; porque encerram os verdadeiros principios da boa organisação da sociedade, tanto industrial como civilmente.

E' bem verdade que algumas idéas se encontram no livrinho mais especialmente apropriadas á sociedade ingleza, com seus costumes caracteristicos; isto, porém, em nada diminue a utilidade e o interesse da exposiçào.

Que os dezeseis capitulos deste verdadeiro *Manual de Economia Politica* sejam lidos e relidos, eis o ardente desejo do vosso

att.º, cr.º e admirador

**José Agostinho dos Reis**

Lente de *Economia Politica*, *Direito Administrativo* e  
*Estatistica da Escola Polytechnica*.

# INDICE

---

CAP.	PAG.
I. — Introducção.....	3
II. — Utilidade.....	17
III. — Producção da riqueza.....	29
IV. — Divisão do trabalho.....	42
V. — Capital.....	58
VI. — Distribuição da riqueza.....	66
VII. — Salarios.....	74
VIII. — Ligas-operarias ( <i>Trades-Unions</i> ).....	87
IX. — Cooperação, etc.....	111
X. — Posse territorial.....	126
XI. — Cambio.....	140
XII. — A moeda.....	152
XIII. — Credito e bancos.....	162
XIV. — Cyclos de credito.....	170
XV. — Funções do governo.....	182
XVI. — Impostos.....	187

---

## PREFACIO

---

Escrevendo este opusculo tive em vista apresentar as questões de que trata a Economia Política debaixo de uma forma adequada á instrução elementar. Como professor do Collegio Owens, era do meo dever, de accordo com as doutrinas de Cobden sobre Economia Política, instruir uma classe de normalistas, de modo que pudessem mais tarde propagar o ensino desta importante sciencia pelas escolas elementares. Indubitavelmente é este o meio mais facil para a divulgação dos conhecimentos sobre questões de economia politica a todas as classes da sociedade e de uma maneira efficaz. Da falta de conhecimentos destas questões emanam os maiores prejuizos sociaes — choques e sobresaltos desastrosos, opposição ao aperfeiçoamento, imprevisão, destituição, caridade mal comprehendida e desanimo em muitas medidas bem intencionadas. Ha mais de quarenta



annos que a Srn.<sup>a</sup> Martineau popularisa continuamente varias questões de economia politica em seos admiraveis contos. Por esse mesmo tempo, o arcebispo Whately se tem mostrado muito empenhado com a necessidade de se ministrar á infancia os conhecimentos desta materia. Sob este ponto de vista preparei as « Lições faceis sobre finanças » das quaes muitas edições têm sido esgotadas. Quando menino adquiri as minhas primeiras idéas sobre economia politica nessas lições, de cujo prefacio transcrevo as notas de Whately: « Os prolegomenos concernentes ao perfeito conhecimento desta sciencia pódem, e tem-se verificado pela experiencia, ser communicados mesmo a infancia. Aquelles, entretanto, a quem é confiada a missão de conduzir, proteger ou promover a educação, devem consideral-a uma materia de não pequena importancia para insinuar cedo, noções justas sobre questões com as quaes todos terão necessidade mais tarde de ser praticamente versados, e nas quaes nenhuma classe de individuos, desde os mais altamente collocados até os mais infimos, pódem, e pelo menos em um paiz como este, permanecer na ignorancia ou no erro.» Nestes ultimos annos opiniões seme-



lhantes têm sido sustentadas e esforços executados por William Ellis, prof. W. B. Hodgson, Dr. John Watts, Templar, e outros e varias experiencias parecem confirmar tanto a necessidade como a possibilidade de se pôr em pratica o ensino preconizado por Whately. Porém, é evidente que uma das condições de successo para taes esforços é a obtenção de um livrinho accommodado ao objecto em questão. Confiando na experiencia de uma dezena de annos dispendidos em leccionar em Manchester, dispuz actualmente as minhas lições da forma mais simples que a natureza do assumpto parece offerecer digna de consideração.

Espero que este livrinho possa tambem servir como meio de transição para o conhecimento da sciencia aos leitores de um certo desenvolvimento intellectual, os quaes até a presente data tenham-se descurado do estudo da economia politica.

Em razão dos estreitos limites desta minha exposição era impossivel tratar toda a sciencia de um modo satisfactorio. Por esse motivo omitti inteiramente algumas partes da economia politica e passei sobre outras summariamente. Desta forma reservei o maior espaço para tratar

de questões como a Produccão, a Divisão do Trabalho, o Capital e Trabalho, Ligas-operarias, e Crises Commerciaes, as quaes indubitavelmente mais interessam e aproveitam aos leitores desta obrinha.

---

# ECONOMIA POLITICA

---

## CAPITULO I

### Introdução

---

1. **O que é Economia Politica?** A Economia Politica trata da *riqueza das nações*; indaga das causas que tornam um paiz mais rico e mais prospero do que outro. Tem ella por fim ensinar o que devemos praticar para que um povo sem recursos possa adquiril-os o mais possivel, e para que cada individuo possa, em regra geral, ser bem remunerado pelo seu trabalho. Outras sciencias, entretanto, concorrem para o mesmo fim. A mechanica mostra-nos como podemos obter a força e como devemos empregal-a no movimento das machinas. A chimica ensina-nos a obter as substancias uteis — como, por exemplo, magnificas tinturas, perfumes e oleos podem ser extrahidos de mephíticos residuos gazosos. A astronomia é necessaria a navegação dos oceanos. A geologia nos guia na pesquisa do carvão de pedra e dos metaes.



Varias sciencias concorrem tambem para promover o bem estar da humanidade. A jurisprudencia se occupa dos direitos legitimos das gentes e do modo pelo qual podem ser melhor definidos e garantidos por leis justas. A philosophia politica inquire das differentes formas de governo e vantagens relativas. A hygiene determina a causa das doencas. A estatistica reune todas as especies de factos relativos ao estado ou comunidade. Utilisamo-nos de todas estas sciencias com o fim de adquirirmos mais saude, riqueza e sabedoria.

Porem a *Economia politica* é distincta de todas as outras sciencias e trata da propria *riqueza*; ella inquire da sua natureza; como podemos consumir-a da melhor forma quando a tivermos adquirido; e qual o partido que devemos tirar das outras sciencias para conquistal-a. Muitos censuram a economia politica pelo facto de só *tratar da riqueza*; dizem que ha muitas outras cousas melhores do que a riqueza, taes como a virtude, o affecto e a generosidade. Desejariam que estudassemos de preferencia estas bellas qualidades á simples riqueza. Um individuo póde augmentar a sua fortuna por meio de um trabalho assiduo e viver miseravelmente sobre o ouro como um usurario. Ora, como é preferivel gastar a riqueza em beneficio de parentes, amigos e do povo em geral, concluem por condemnar a sciencia da riqueza.



Mas estes criticos não comprehendem qual o fim de uma sciencia como a economia politica. Não vêem que em nossos estudos devemos tratar de cada cousa por sua vez. Não podemos aprender todas as sciencias sociaes ao mesmo tempo. Ninguem discorre sobre astronomia para só tratar das estrellas, ou sobre mathematica para só se occupar com os numeros e quantidades. Seria muito curioso o tratado elementar que se occupasse ao mesmo tempo de astronomia, geologia, chimica, physica, physiologia, etc. Ha muitas sciencias physicas e tambem muitas sciencias sociaes; porem cada uma trata de questões que lhe são peculiares e não de assumptos geraes.

2. **Erros sobre Economia Politica.** Muitos erros concernentes á sciencia que vamos considerar são commettidos por aquelles que deveriam melhor conhecel-a. Estes erros partem muitas vezes daquelles que julgam conhecel-a, sem jamais tel-a estudado. Ordinariamente nenhum individuo de bom senso aventurar-se-á a contradizer um chimico sobre chimica, ou a um astro-nomo sobre eclipses, ou ainda a um geologo sobre rochas e fosseis. Mas cada um tem a sua opinião de qualquer forma, sobre um máo negocio, sobre o effeito de um elevado salario, sobre a penosa existencia supportada por um trabalho barato, ou sobre quaesquer das centenas de questões de importancia social. Não occorre á imaginação de nenhuma pessoa que essas questões são

realmente mais difficeis de se comprehender do que a chimica, a astronomia ou a geologia e que o estudo de uma existencia inteira não é bastante para habilitar-nos a falar com segurança a respeito. Alem disso, aquelles que nunca estudaram economia politica são ordinariamente os mais ousados.

O facto é que assim como antigamente as sciencias physicas eram desprezadas, do mesmo modo actualmente ha uma especie de estulta aversão e impaciencia para com a economia politica. O homem deseja sempre acompanhar os seus proprios instinctos prejuizos e inquieta-se quando é advertido que praticou justamente o que co onduzirá a um fim opposto ao que pretendera. Tomemos o caso da *pretendida charidade*. Ha muitas pessoas charitativas que pensam ser uma virtude dar esmolas aos pobres que lh'as pedem sem considerar nas consequencias produzidas nesses individuos. Cóntemplam o prazer do mendigo em receber a esmola, mas não consideram nos outros effeitos, e principalmente que os mendigos tornam-se mais numerosos do que a principio. A maior parte dos casos de indigencia e crimes que actualmente apparecem têm sua origem na má entendida charidade dos tempos passados, a qual concorreu para que uma grande parte do povo crescesse na indifferença, imprevidencia e ociosidade. A economia politica demonsttra que, em vez de darmos uma esmola ao acaso, devemos educar o povo,

ensinal-o a trabalhar, e a grangear a sua propria subsistencia e a economisar alguma cousa para ajudal-o a viver durante a velhice. Si continuar na ociosidade e imprevidencia, soffrerá depois as consequencias. Entretanto, como estas considerações parecem severas, os economistas são considerados, pelas pessoas de coração sensível, como individuos mal intencionados para com o povo. A sciencia passa por ser inflexível e indifferente, o que quer dizer que o fim da sciencia é tornar o rico mais rico e deixar o pobre perecer á mingua. Tudo isto pécca pela má comprehensão.

O economista, quando indaga como o individuo póde mais facilmente adquirir riquezas, não ensina que o rico deva guardar os seus bens como um miserável, nem que os dispenda em uma vida luxuriosa como um esbanjador. Não é absolutamente o espirito da sciencia dissuadir o rico a gastar a sua riqueza generosa e sabiamente. Pode com prudencia soccorrer aos seus parentes e amigos; pode fundar instituições publicas como bibliothecas, musêos, jardins publicos, hospitaes, etc.; pode favorecer a instrucção e a pobreza, ou crear instituições de educação superior; pode soccorrer aos que sejam opprimidos pela desgraça, e contra a qual não tenham podido se precaver; os aleijados, os cegos e todos os que estão absolutamente impossibilitados de se manterem por si mesmos recommendam-se naturalmente á charidade do rico. Todos os economistas insistem



que a *charidade* deve ser realmente a *charidade* e que não deve prejudicar áquelles a quem ella quer socorrer. E' erroneo o pensarmos que até aqui muitas desgraças tenham sido occasionadas por aquelles que só desejaram praticar o bem.

E' lamentavel, alem disso, que milhares de pessoas procurem melhorar suas posições por meios, que justamente têm um effeito contrario, pelas gréves, resistindo á introdução das machinas e tentando, por varios modos, impedir a producção da riqueza. Os operarios pretendem fazer uma economia politica a seo modo; querem tornar-se ricos esquivando-se a produzir muita riqueza. Alem disso, observam o effeito immediato do que produzem, porem não consideram nas consequencias futuras. O mesmo acontece com o questão do Livre Cambio. Com a Inglaterra temos enfim aprendido os bons resultados do commercio livre. Em outros paizes, e até nas colonias australianas, ainda ha as leis para tornar o povo mais rico, prohibindo-o de se aproveitar dos abundantes productos de outros paizes. Custamos a acreditar actualmente que a riqueza deva ser augmentada com a sua propria producção, quando póde ser mais facil e abundantemente produzida. Cada praça de commercio, cada cidade, cada nação, deve fornecer o que puder ceder mais barato e as outras mercadorias devem ser compradas nos logares onde possam



em identidade de condições ser obtidas mais facilmente.

A economia politica nos ensina a prever com certa antecipação o effeito immediato do que praticamos e a procurar o bem de toda a comunidade e ainda o de todo o genero humano. A prosperidade actual da Inglaterra é em grande parte devida á sciencia que Adam Smith divulgou na sua «Riqueza das Nações». Elle nos ensina o valor do *Livre Trabalho* e do *Livre Commercio*, e agora, um seculo depois da publicação do seu grande iivro, não convem que induzamos inutilmente o povo a actuar no sentido opposto ás suas lições. E' certo que, *si o povo desconhecer uma verdadeira economia politica, tomará uma falsa pela propria*. A visto disto é de urgencia imperiosa que ninguem, homem ou mulher, cresça sem adquirir alguns conhecimentos da sciencia que vamos estudar.

**3. Divisão da sciencia.** Começaremos estabelecendo a ordem segundo a qual os differentes ramos ou divisões da sciencia economica são considerados neste pequeno tratado. Primeiramente devemos dizer em que consiste a riqueza, o assumpto desta sciencia. Em segundo logar devemos indagar como é a riqueza usada ou consumida, observaremos que cousa alguma pode ser considerada riqueza, a menos que seja applicada em algum emprego, e antes de tornarmo-

nos ricos devemos saber em que podemos empregar a riqueza. Em terceiro lugar, somos levados a considerar com relação a riqueza a sua produção ou existencia; e como, finalmente, tendo sido produzida, é distribuida pelas diversas classes do povo que cooperaram para a sua produção. Resumidamente, podemos dizer que a economia politica trata da: 1) *natureza*, 2) *consumo*, 3) *produção*, e da 4) *distribuição da riqueza*. Será também necessario dizer algumas palavras sobre os *impostos*. Uma parte da riqueza de cada paiz deve ser arrecadada pelo governo, com o fim de pagar as despesas de defesa e do governo da nação. Porem os impostos podem ser tratados no capitulo da distribuição.

4. **Riqueza e bens naturaes.** Nada ensinamos só dizendo que *a economia politica é a sciencia da riqueza*, a menos que conheçamos o que é sciencia e o que é riqueza. Quando um termo é definido por meio de outros, devemos comprehender estes, de modo a obter alguma luz sobre o assumpto. Nos «Prolegomenos de Logica» já procurámos explicar o que era sciencia e agora esforçar-nos-émos por tornar bem claro o que é riqueza.

Sem duvida, muitos julgam não haver difficuldade em saber o que é *riqueza*; a difficuldade real está em obtel-a. Porem enganam-se neste ponto. Ha em nosso paiz muitas pessoas que se tem tornado ricas por si mesmas e poucas,

ou talvez nenhuma, será capaz de explicar claramente o que é riqueza. De facto, não é facil resolver a questão. A ideia vulgar é que a riqueza consiste em moeda corrente fabricada de ouro ou prata; rico seria então o individuo que tivesse um cofre cheio de saccos com moedas de ouro e de prata. Porem este facto é muito differente do caso; os ricos, em geral, têm muito pouco dinheiro em seo poder. Em vez de saccos de ouro tem saldos favoraveis nos bancos. Porem, por outra parte, não podemos dizer que isto seja riqueza, porque é difficil explicar o que é o balanço de um banco; este só é conhecido por meio de exames em seus livros. Em regra geral, o banqueiro não conserva em seo poder a quantia a que está obrigado para com os depositarios.

Talvez digam que é evidentemente rico o que possui uma grande quantidade de terras. Mas isto depende inteiramente do lugar onde estão situadas e da sua natureza. Um individuo que possui um grande terreno na cidade do Rio de Janeiro é muito rico; um outro póde ser possuidor de outro de egual area em Matto-Grosso, sem ser notavelmente rico. Os selvagens do Brasil que possuíam todo o territorio antes da sua tomada pelos portuguezes, tinham enormes superficies, mas eram todavia um povo miseravelmente pobre. Assim, está demonstrado que um territorio só, não é riqueza.



Podem pretender que a riqueza só é constituída quando o terreno é fértil, o solo bom, os rios e lagos abundantes em pescado e as florestas cheias de boas madeiras. O solo deverá encerrar jazidas de carvão de pedra, de ferro, de cobre, de ouro, etc. Si, além disso, a região tiver um bom clima, abundancia de sol, e bastante, mas não demasiada agua, então esse sitio será certamente *rico*. E' verdade que estas cousas tem sido denominadas *bens naturaes*; porem mencionamo-las de modo a excluir as que não são por si mesmo riquezas. Um individuo póde viver em um solo abundante em bens naturaes, como os indios da America do Norte viviam na região que actualmente forma os Estados Unidos; não obstante, póde ser muito pobre, porque não póde, ou não quer trabalhar no sentido de *transformar os bens naturaes em riqueza*. Por outro lado, povos como os hollandezes vivem em uma limitadissima zona de terra, e comtudo, tornam-se ricos pela habilidade, industria e previdencia. Enfim, a riqueza é mais devida ao trabalho e engenho do que a excellencia do solo ou do clima; mas todas essas cousas são necessarias para tornar um povo rico como os habitantes de Inglaterra, França, Estados Unidos ou Australia.

5. **O que é riqueza?** Nassau Senior, um dos que melhor tem escripto sobre economia politica, define *riqueza* nestas palavras: *Debaixo*



desta denominação comprehendemos todas as cousas e somente as que são transmissíveis, limitadas em quantidade e que são directa ou indirectamente productoras de prazer ou preservativas de dôr. E' necessario conhecer, em primeiro logar, qual era o pensamento de Senior. Na sua opinião tudo o que é comprehendido sob a denominação de riqueza deve ter tres qualidades distinctas, e tudo o que possuir estas tres qualidades deve ser uma parte de riqueza. Si estas qualidades forem bem escolhidas, podemos dar uma correcta definição, que, como dissemos nos „Principios de Logica“ (secção 44) é um conjuncto preciso de qualidades exactamente sufficientes para crear uma classe e indicarmos as cousas que a ella se referem ou não. Em vez, entretanto, da longa phrase: »e que são directa ou indirectamente productoras de prazer ou preservativas de dôr« podemos substituir por uma só palavra *util*, e logo estabelecer a nossa definição desta simples maneira:

Riqueza-aquillo que é { 1) *transmissivel*  
 { 2) *limitado em quantidade*  
 { 3) *util*.

Todavia, devemos explicar exactamente o que se comprehende pelas tres qualidades de riqueza; e dizer o que é transmissivel, limitado em quantidade e util.

6. **A riqueza é transmissivel.** Por *transmissivel* comprehendemos a cousa que pode ser

passada de uma (do latim *trans* = através e *ferre* = levar) pessoa para outra. Algumas vezes os objectos podem ser passados de mão em mão, como um relógio ou um livro; outras vezes podem ser transferidos por uma escriptura, ou por posse legal, como no caso de terras e casas; os serviços também podem ser transferidos, como quando, por exemplo, o creado se aluga ao amo. Ainda um musico ou um prégador transfere os seus serviços, quando o auditorio paga para ouvi-los. Porem ha muitas cousas uteis que não podem ser transferidas de uma pessoa para outra; um homem rico pode alugar um creado, porem não pode comprar a boa saude deste creado; pode alugar os soccorros do melhor medico, mas si os seus serviços não conseguem restituir-lhe a saude, não ha mais esperança. Assim, é do mesmo modo impossivel comprar ou vender a amizade dos paes, a estima de amigos ou a felicidade de uma sã consciencia. A riqueza tem muito poder mas não pode obter aquellas cousas que são mais preciosas do que perolas e rubins. A economia politica não pretende examinar todas as causas de felicidade, e todas as riquezas moraes que não podendo ser compradas nem vendidas não representam particulas de riqueza, no sentido que damos a esta palavra. O homem pobre que possui uma sã consciencia, amigos affeiçoados, e vigorosa saude, pode realmente ser muito mais feliz do que o

rico, que fôr destituído de taes venturas; porem, por outro lado, ninguem tem necessidade de perder a paz da consciencia, e outras fontes de felicidade para se tornar rico e gosar de todas as distrações e divertimentos interessantes que a riqueza pode proporcionar. *A riqueza está pois longe de ser o unico bem, sem deixar de ser um bem*, porque poupa-nos dos trabalhos demasiadamente pesados, do temor da indigencia, e habilita-nos a comprar alguns objectos e cousas agradaveis, visto como são transmissiveis.

**7. A riqueza é limitada em quantidade.**

Em segundo lugar, nenhuma cousa pode ser chamada riqueza sem ser *limitada em quantidade*; si tivermos exactamente tanto de uma substancia quanto quizermos não apreciaremos um novo supprimento della. Assim o ar que nos cerca não é riqueza nas circumstancias ordinarias, porque apenas abrindo a bocca teremos tanto quanto quizermos, o ar que respiramos nesse momento é excessivamente util, porque, conserva a vida; mas ordinariamente nada pagamos por elle, porque ha abundancia para todos. No escaphandro, no interior de uma mina, entretanto, o ar se torna limitado em quantidade, e assim pode ser considerado uma parte de riqueza. Quando fôr terminado o tunnel no Canal da Inglaterra, será uma importante questão o modo por que se deverá obter o ar para se respirar na sua parte mais interna. Ainda no tun-



nel da estrada de ferro Metropolitana uma pequena quantidade de ar puro terá muito valor.

Por outro lado os diamantes, considerados de muito valor, são utilizados para fins determinados; constituem a belleza das joias e servem para cortar vidro ou furar pedras. Seo elevado valor resulta principalmente do facto de serem raros. Sem duvida, a raridade por si só não pode produzir valor. Ha muitos metaes ou mineraes raros, dos quaes só pequenas particulas tem sido adquiridas; porem, certos corpos só têm valor quando se lhes encontra um uso especial. O iridium é vendido por elevado preço porque é empregado para fazer as pontas das pennas de ouro, e só pode ser obtido em pequena quantidade.

8. **A riqueza é util.** Em terceiro lugar, podemos facilmente observar que tudo o que constitue uma parte da riqueza deve ser *util*, ou *vantajoso*, isto é, deve servir para algum fim, ou ser agradavel e desagradavel de uma forma ou de outra. Senior affirma com accerto que *cousas uteis são as que directa ou indirectamente produzem prazer ou previnem a dôr*. Um instrumento musical bem afinado e bem executado produz prazer; uma dose de remedio previne o mal a quem delle tem necessidade. Porem é muitas vezes impossivel decidir qual é a cousa que produz mais prazer, ou que evita o mal; um jantar alem de preservar-nos da fome da-nos o prazer de saborearmos bons manjares.

Ha utilidade cada vez que o prazer ó augmentado ou a dôr diminuida; não apuraremos tanto esta questão no dominio da economia politica, onde a natureza do prazer pouco importa.

Então, não precisamos ser tão minuciosos no que disser respeito ás cousas que *produzem directamente prazer*, como o vestuario que usamos, ou *indirectamente*, como no caso das machinas empregadas para fazel-o. Os objectos são indirectamente uteis quando, como os instrumentos, machinas, materiaes, etc., são unicamente necessarios para se fazer outras cousas, que podem ser em epoca futura, consumidas e utilizadas por outras pessoas. O carro em que gosamos um passeio agradavel é directamente util; a carrocinha do padeiro que nos traz o pão, é-nos indirectamente util. Mas algumas vezes podemos difficilmente distinguir. Diremos que o alimento levado para a bocca é directamente util e que o garfo que o leva o é indirectamente?

9. **Commodidade.** Agora já conhecemos exactamente o que é riqueza; mas, em vez de empregarmos continuamente esse vocabulo, será conveniente falar das commodidades ou bens. *Uma commodidade é uma parte da riqueza* — qualquer cousa, portanto, que seja util e transmissivel é limitada em quantidade. A lã, o algodão, o ferro, o chá, os livros, os sapatos, os pianos, etc., são todas estas cousas commodidades

em certas circumstancias, porem não em todas. A lã de uma ovelha desgarrada e perdida nas montanhas não é uma commodidade, nem o ferro em uma mina que não pode ser explorada. *Uma commodidade, em summa, é alguma cousa que é realmente util e desejavel, de sorte que, possamos compral-a ou vendel-a.* Mas em vez do extenso vocabulo commodidade, poderemos empregar frequentemente a palavra mais curta — bens — e ao leitor convem lembrar que são equivalentes as expressões:  
*bens = commodidades = partes de riqueza.*

---



## 'CAPITULO II

### Utilidade

---

#### 10. **Nossas necessidades são variadas.**

Depois de uma breve reflexão, veremos que ordinariamente desejamos muito pouco de cada especie de commodidade, e que preferimos pôssuir uma parte de certa natureza, e uma quantidade de outro genero. Ninguem quererá alimentar-se somente de batata, pão, ou carne; preferirá um pedaço de carne, de pão, e algumas batatas, com cerveja, bolos, etc.; Do mesmo modo, um individuo não se inquietará de possuir muitos ternos semelhantes; póde desejar possuir muitos ternos, mas neste caso, uns serão para o inverno, outros para o verão; alguns para passeiar a tarde, outros para o trabalho, e assim por diante. Uma bibliotheca somente composta de exemplares da mesma obra, seria um absurdo; o facto de possuirmos algumas duplicatas de uma mesma obra é uma inutilidade. Um colleccionador de gravuras não procura adquirir muitas copias identicas da mesma chapa. Nestes e em outros casos vemos que: *as necessidades humanas tendem para a variedade; cada desejo separado*

*ou é logo satisfeito, ou substituído por outro* (do latim *satis* = bastante e *facere* = fazer) e por conseguinte um ou outro desejo é experimentado. Este facto foi denominado por Senior *lei da variedade* e é a lei mais importante em toda a economia politica.

E' tambem facil de vermos que ha uma ordem natural segundo a qual as nossas necessidades se succedem conforme as relações de importancia; é necessario que tenhamos alimento para comer, e si não pudermos obter alguma outra cousa, contentar-nos-émos com pão; então desejaremos carne, legumes, fructos e outras comidas. O vestuario não é, em summa, tão necessario como o alimento; mas, quando um individuo tem o sufficiente para comer começa a pensar em vestir-se bem. Immediatamente vem a questão da casa para habitar; uma tosca cabana é melhor do que cousa nenhuma, porem, quanto mais rico é um homem. maior casa deseja possuir. Quando tem uma bôa casa deseja guarnecer-a de moveis, livros, quadros, instrumentos musicaes, artigos de luxo e assim por diante. Assim, podemos dizer mui precisamente *a lei da successão das necesssidades*, mais ou menos na seguinte ordem: ar, alimento, vestuario, morada, litteratura, artigos de luxo e de prazer.

E' muito importante observar que não ha fim nem limite para os numeros de cousas que um homem rico desejará obter, si poder alcançal-

as. O que adquirio uma bôa casa, começa por ambicionar uma outra; quer ter uma casa na cidade e outra no campo. Alguns titulares e muitas pessoas ricas possuem quatro, cinco, ou mais casas. Por estas considerações vemos que nunca pode haver, entre as nações civilisadas, tanta riqueza que um povo desista de cubiçar ainda mais. Comtudo, por mais numerosas que sejam as cousas que procuramos, ainda ha muitas outras que desejamos obter. Quando um homem se alimenta bem, começa a desejar bom vestuario; quando isto consegue, quer boas casas, moveis e objectos de arte. Si então a riqueza fôr produzida em excesso, deverá sel-o *muita de uma só especie e não muita de todas as especies*. Os lavradores podem ficar arruinados si cultivarem cereaes em tamanha quantidade que ninguem possa consumil-os todos; portanto, em vez de produzir tantos cereaes, devem activar mais a producção da carne e do leite. Assim, não ha receio que as machimas ou outros instrumentos de aperfeiçoamento deixem os productos se accumularem por tal forma, que os operarios se tornem desempregados e não queiram mais aquella occupação. Os individuos que não achassem um meio de vida, precisariam então applicar-se a outro officio.

11. **Quando as cousas são uteis.** A principal questão a considerarmos, é pois, sabermos quando são as cousas necessarias, e quando não



o são. *Isto depende quasi inteiramente de as desejarmos ou não.* A maior parte das cousas que nos cercam, o ar, a agua da chuva, as pedras, o solo, etc. não são riquezas, porque não as desejamos, ou o fazemos em tão diminuta quantidade que facilmente podemos obter a porção que queremos. Consideremos cuidadosamente si podemos affirmar que a *agua é util*, ou em que sentido podemos dizel-o. E' commum dizer-se que a agua é a substancia mais util do mundo e assim é — em seo logar e em seo tempo. Mas si a agua é demasiadamente abundante e transborda por fóra de seos reservatorios, não é mais util; si infiltrando-se pelas paredes da origem a rheumatismos, é nociva e não util. Si o individuo que deseja uma boa e pura agua, cavar um poço e encontral-a, é útil. Porem si, cavando uma mina de carvão, a agua surgir pelo veio da mina, antes de apparecer o mineral, é claro que neste caso está em opposição a utilidade. Em alguns paizes as chuvas são irregulares e incertas. Na Australia as seccas duram um, dous e até tres annos, e no interior do continente os rios algumas vezes seccam totalmente. Os pantanos mais infectos tornam-se então muito preciosos para alimentar os rebanhos de ovelhas. Em a Nova-Galles do Sul a agua custa cerca de 1\$400 o barril. Logo que as seccas desaparecem inundações violentas chegam a abater as margens dos rios, destruindo os

diques e pontes, arrebatando casas e muitas vezes afogando homens e animaes. E' perfeitamente claro que não podemos dizer que a agua seja sempre util. E' muitas vezes tão nociva que arruina e mata os individuos. O que realmente podemos affirmar é que *a agua é util quando e onde a desejamos e na quantidade que queremos, e não de outro modo.* Não devemos dizer que toda a agua seja util, mas unicamente, a determinada quantidade que pudermos empregar.

Agora é facil de ver porque as cousas, para ser uma riqueza, devem ser *limitadas em quantidade*: nunca temos necessidade de uma quantidade illimitada de objectos. Um individuo não pode beber mais do que duas ou tres canadas de agua por dia, nem comer mais do que uma libra de um certo alimento. Assim, podemos saber a razão porque na America do Sul, onde ha grandes boiadas, a melhor rez não é uma riqueza, isto é, porque encontram-se em tal abundancia que não ha população bastante para consumil-as. A carne que ahi é consumida é tão util como alimento da população, como a que o é na Inglaterra; mas não terá tanto valor porque, ha quantidade excessiva de gado, isto é, abundancia de carne alem da que é consumida pelo povo.

**12. Qual deve ser o nosso objectivo.**  
Agora podemos ver precisamente o que temos

ensinado em economia politica. *E' como devemos supprir as nossas varias necessidades tanto quanto possivel.* Para isso, antes de tudo, assegurar-nos-émos das cousas que nos são uteis. E' inutil fazermos certas cousas, a menos que, quando feitas, sejam necessarias, e a quantidade dellas deve ser proporcional as que desejamos. O marceneiro não deve fazer uma grande quantidade de mezas, e somente algumas cadeiras; mas sim, algumas mezas, e muitas cadeiras. Semelhantemente, toda a commodidade deve ser fornecida quando se fizer necessaria; e não deve ser superabundante o que é fabricado em tão grande quantidade, que teria sido preferivel empregar o trabalho em outro mister.

Em segundo lugar, sempre devemos tentar produzir com o menor trabalho possivel; para trabalhar o esforço é penoso, e devemos dispender o menor esforço e actividade que pudermos. Assim, como bem descreve o professor Hearn, da Universidade de Melbourne, *a economia politica é a sciencia dos esforços para a satisfação das necessidades*; ella nos ensina a descobrir o meio mais rapido para conseguirmos o que desejamos. O fim a que aspiramos é *obter a maior quantidade de bens a custa do menor trabalho.*

13. **Quando devemos consumir a riqueza?** Consumir uma commodidade é destruir a sua utilidade; ex: o carvão de pedra queimado, o



pão comido uma moringa quebrada, ou um piano usado. As cousas perdem a sua utilidade de varios modos: — deterioram-se como a carne ou o peixe; — mudam de forma como as toilettes das damas; — ou envelhecem como uma data, um almanack. Alem disso, as casas estragam-se com máos concertos, os celleiros de trigo podem se queimar, os navios podem ir a pique. Em todos estes casos a utilidade é destruida vagarosa ou promptamente e as commodidades podem ser consideradas como consumidas. E' obvio que devemos nos servir com as cousas enquanto estão em condições de serem usadas, si dellas quizermos aproveitar-nos.

E' evidente da mesma sorte que devemos usufruir no maior gráo possivel tudo o que desejamos possuir bastante. Si um objecto não estiver estragado ou destruido pelo uso, como no caso da leitura de um livro, ou da contemplação de um quadro, quanto mais usamol-o, maior é a sua utilidade. Algumas cousas tornam-se mais usadas quando passam de uma pessoa para outra, como os livros de uma bibliotheca. Neste caso da-se o que podemos denominar *a multiplicação da utilidade*. As bibliothecas, museus, galerias de pintura e instituições congeneres multiplicam todos a utilidade, e as despezas de taes estabelecimentos são pequenas ou nullas comparadas com a sua utilidade.

Quando uma commodidade é uma vez des-

truida pelo uso, como o alimento, é claro que só uma pessoa pode fazer uso de cada porção. Devemos consumir-a quando ella é mais util. Si um individuo perdido em uma floresta achar uma pequena quantidade de alimento, será um nescio si comel-o todo de uma vez, quando poderá mitigar a fome durante alguns dias. Deve poupar essa provisão, de modo a comer cada pedacinho com o fim de alimentar as suas forças. Assim devemos praticar para com tudo aquillo que interessar a nossa existencia. O operario não deve gastar todo o seu salario quando os negocios prosperarem, porque delle necessitará, e em maior quantidade, quando estes se paralsarem e ficar desempregado. Do mesmo modo o que é gasto na mocidade em simples extravagancias e frivolidades, poderá ser muito mais util na velhice, quando as necessidades e confortos ordinarios forem de difficil obtenção. *Toda a riqueza é produzida de modo a ser consumida, porém, só o deverá ser, quando melhor corresponder aos seus fins, isto é, quando fôr mais util.*

14. **Prejuizos do consumo.** E' commum dizer-se que devemos gastar dinheiro livremente para animar o commercio. Si cada um economisar os seus capitaes em vez de gastal-os, o commercio, dizem, definhará e os operarios ficarão sem trabalho. Os commerciantes favorecem estas idéas porque é evidente que, quanto

mais uma modista ou alfaiate puder persuadir a seus freguezes para comprar, maior lucro terá com isso. Os freguezes por sua vez aceitam favoravelmente os seus argumentos, porque compram-se comprando novos vestuários e outras cousas agradáveis. Não obstante *o argumento é um erro para enganar.*

O facto é que qualquer individuo rico não pôde deixar de promover o trabalho de um ou de outro modo. Para economisar os capitaes ordinariamente colloca-os em um banco; mas o banqueiro não deve guardal-os inutilmente. Este empresta-os a negociantes, fabricantes e constructores, que os empregam no desenvolvimento de seus negocios e na admissão de mais operarios. Si o capitalista comprar acções de estradas de ferro ou fundos publicos, aquelles que recebem o dinheiro empregam-no em outros fins proveitosos. Si, entretanto, amontoal-o em moedas de ouro ou prata, não tirará vantagens com este emprego, porem, promoverá a procura do ouro e de prata. Si muitos capitalistas levassem a amontoar ouro, resultaria que o trabalho de mineração seria mais lucrativo e que haveria mais operarios empregados nesta industria e desviados do trabalho das estradas de ferro.

Vemos portanto que, quando um homem rico resolve-se a gastar dinheiro, não e com o fim de saber a quantidade de trabalho que delle resultará, mas sim qual a especie de trabalho a



executar. Quando se resolve a tomar uma grande inclinação pelos bailes, então apparecem muitas modistas, costureiras, rendeiras, etc. Um baile só, certamente não influirá bastante; mas, si muitas pessoas começarem a imital-o, haverá em pouco tempo muitas pessoas attrahidas para este passatempo. Si, por outro lado, um capitalista empregar os seus fundos em uma nova estrada de ferro, haverá muito mais agrimensores, engenheiros, mestres de officina, terraplenadores, ferreiros, laminadores, machinistas, constructores de waggons, etc.

Effectivamente, a questão se reduz a isso quer um individuo se torne mais feliz por gastar muito em bailes, quer por gastar muito em estradas de ferro. Os bailes só são divertimentos em um periodo de tempo limitado, porem são muito dispendiosos, principalmente para os convidados com as suas custosas toilettes. Depois de passados, não ha um resultado pratico permanente e ninguem melhora de condição com elles. As estradas de ferro, ao contrario, não são uma causa immediata de prazer, mas barateiam os objectos, tornando-os de conducção mais facil; facilitam a um individuo viver nos arrabaldes e suburbios, em vez de viver coagido nas cidades, ou transporta-nos em agradaveis e uteis excursões. Vemos, assim, que é uma loucura approvarmos o consumo em si mesmo, ou porque beneficia o commercio. Gastando a nossa riqueza somos levados a observar tão somente

os lucros que nos mesmos ou outrem tiramos daquellas despezas.

15. **A illusão da falta de consumo.** Muitas pessoas que se mostram adversas ao consumo são de opinião que todo o gasto é um mal. Pensam que o melhor emprego que se deve dar a riqueza é deixal-a augmentar por meio do juro, ou mesmo abandona-lo e guardar o ouro. Fazendo jus ao titulo de miseráveis, privam-se tambem dos prazeres ordinarios da vida para gosarem a satisfação de sentirem-se ricas. Esta especie de individuos não faz um mal positivo aos seos concidadãos; pelo contrario, augmenta a riqueza do paiz, e qualquer um tarde ou cedo della se aproveitará. Alem disso, si depositarem a sua riqueza em bancos, ou si empregarem-na em uma boa transacção, prestarão um grande serviço, augmentando os capitaes da nação, e concorrendo desta forma para a construcção de muitas fabricas, diques, estradas de ferro e outras obras importantes. A maior parte de individuos gosta de gastar dinheiro em divertimentos passageiros, recepções, banquetes, bacchanaes e toilettes ao passo que outros empregam-no de uma fórma mais permanente e util.

Não obstante, estas considerações não devem servir de impedimento a que nos divirtamos para amontoarmos ouro. Para que uma cousa seja riqueza é necessario ser util e agradável. Si cada um empregasse seos capitaes em acções de estradas de

ferro, teríamos tantas estradas de ferro, que não poderiam todas funcionar, e tornar-se-iam antes um embaraço do que um beneficio. Semelhantemente, não seria de boa regra construirmos doc-eas, sem haver navios bastantes para nellas descarregarem, ou navios em grande quantidade quando não honvesse generos ou passageiros para conduzir. Seria igualmente absurdo construirmos mais fabricas de tecidos, alem das já existentes, bastantes para manufacturarem as peças de fazenda que o povo pode consumir.

Assim, chegamos a conclusão de que a riqueza deve sèr adaptada ao uso e consumo de um modo ou de outro. O que devemos fazer é procurar gastar os nossos recursos para attingirmos a um certo gráo de felicidade real para nos mesmos, nossos paes, nossos amigos e enfim para todos aquelles por quem nos interessamos.

---



## CAPITULO III

### Produção da riqueza

16. **Os factores da produção.** A primeira cousa a observarmos na industria é a determinação dos objectos de que temos necessidade; a segunda é procural-os, fazel-os ou como dissemos, *produzil-os*, e evidentemente devemos produzil-os com o menor trabalho possível. Devemos procurar o que é necessario para a produção da riqueza. Como é geral e correntemente sabido ha tres *factores da produção*; no estado actual da sociedade, antes de emprehendermos a produção da riqueza, devemos possuir as tres cousas seguintes: 1º) *terreno*, 2º) *trabalho*, e 3º) *capital*.

Na produção consideramos estas cousas ao mesmo tempo; applicamos o trabalho ao terreno, empregamos o capital em auxiliar o trabalhador com instrumentos e em sustental-o enquanto applicado ao trabalho. Vamos agora considerar cada um dos factores successivamente.

17. **Terreno ou fonte de materiaes.** A palavra *produção* é muito expressiva; significa *conduzir a favor* (Latim, *pro* = a favor de, e

*ducere* = conduzir), e assim exprime exactamente o facto de, quando queremos produzir a riqueza, conduzirmo-nos para algum pedaço de terra, para algum lago, rio, ou mar, e d'elle tirarmos os meios que têm de ser convertidos em riqueza. E' indifferente que os materiaes venham da superficie da terra, das minas, das pedreiras cavadas no interior da terra, dos mares e dos oceanos. Nosso alimento vêm geralmente da superficie da terra, como por exemplo, trigo, batatas, caça, gado, etc.; o nosso facto é principalmente fabricado de algodão, linho, lã, e pelles recolhidas do mesmo modo. Os mineraes e os metaes obtem-se cavando-se poços e galerias através a crosta da terra. Os rios, lagos, mares e oceanos não são pequenas fontes de riqueza; fornecem-nos alimento, oleo, ossos de baleia, pelles de phocas, etc. Para manufacturarmos certos objectos necessitamos dos materiaes para executal-os; para fazermos um alfinete carecemos de cobre, zinco e estanho extrahidos das minas; para uma fita precisamos de seda e de tinturas; tudo o que tocamos, usamos, comemos ou bebemos compõe-se de uma ou mais substancias, de modo que devemos sempre começar por descobrir um supprimento da especie dos materiaes necessarios.

Ordinariamente, desejamos tambem alguma cousa mais que a materia; necessitamos de uma força que nos auxilie a transportar e a trabalhar em uma materia bruta. Naturalmente o homem

sempre procura esquivar-se ao trabalho de fatigar os seus braços e pernas e assim faz moinhos de vento para moer o trigo, navios para transportar mercadorias, machinas a vapor para tirar agua e para executar toda a sorte de trabalhos pesados. Do solo, ou como havemos dito, da Natureza obtemos os materiaes da riqueza e a força que nos auxiliará a transformal-os em riqueza. Tudo o que assim nos fornece o primeiro instrumento da producção chama-se *agente natural*, isto é, o que age por nos e nos auxilia (do latim *agens*, = agindo). Entre os agentes naturaes o solo é o mais importante, porque, supprido de calor e humidade, pode ser cultivado e posto em condições de produzir todo o genero de colheitas. Os economistas quasi sempre falam do solo, quando as suas ponderações deveriam ser tambem applicadas aos rochedos e aos rios. As tres quartas partes da superficie do globo são cobertas de agua, porém, esta vasta extensão de agua salgada apenas poucas riquezas fornece a terra, salvo as baleias, as phocas, as algas e algumas outras especies de animaes e plantas. Portanto, quando falarmos da terra, realmente temos em vista designar alguma fonte de materiaes, algum agente natural, e podemos estabelecer a equivalencia entre os seguintes termos:

*Terreno = fonte de materiaes = agente natural.*

18. **O trabalho.** E' evidente, entretanto,



que não são só os agentes naturaes que constituem a riqueza. Um individuo poderá morrer no sitio mais fertil, si não fizer algum esforço para se apoderar das cousas que o cercam. O fructo selvagem que cresce nas arvores deve ser colhido antes para tornar-se riqueza, e a caça selvagem deve ser apanhada antes de poder ser cozida e comida. Devemos dispendir uma grande somma de trabalho para termos roupa e casa confortaveis e regular provisão de alimento; as especies necessarias de materiaes devem ser gradualmente adquiridas, polidas e fabricadas. Assim, a somma de riqueza que um individuo pode obter depende muito mais da sua actividade e pericia no trabalho, do que da abundancia de materiaes que o cercam.

Como já observámos, a America do Norte é um paiz muito rico, possui um solo bom e abundante, jazidas de carvão de pedra, veios metallicos, rios piscosos e florestas de madeiras preciosas, em summa, todos os materiaes que se podem desejar; não obstante os indios americanos vivem nessa região ha milhares de annos em grande pobreza, porque não tem os conhecimentos e a perseverança para propriamente habilitarem-se ao trabalho e tirarem a riqueza dos agentes naturaes. Assim vemos claramente que o trabalho habil, intelligente e regular é necessario para a producção da riqueza.

19. **O capital.** Para a producção de muita

riqueza necessitamos ainda de alguma cousa mais especialmente, o *capital* que auxilia os trabalhadores, enquanto estão empregados no trabalho. O homem deve comer uma vez por dia, e não duas ou tres vezes. Quando não tiver provisão de alimento em seo poder deve correr immediatamente a buscal-a, e do melhor modo que puder, de modo a não morrer a fome. Deve arrancar as raizes da terra, catar as sementes das hervas, e quando possa, apanhar os animaes selvagens. E assim procedendo, ordinariamente gasta uma grande somma de trabalho para um resultado insignificante; os australianos muitas vezes deitam abaixo uma grande arvore com machados de pedra, o que é um trabalho muito penoso, para apanharem um ou dous sarigues. Os individuos que vivem deste modo, em tão precarias condições, não tem tempo, nem poder bastantes para se prepararem afim de receber alimento ou vestuario de modo mais facil. E' preciso muito trabalho para lavrar a terra, gradal-a, semeal-a e cercal-a; tudo isto terminado, é preciso esperar seis mezes para que a colheita possa ser feita. Certamente, a quantidade de alimento assim obtida é consideravel comparada com o trabalho dispendido, mas os selvagens da India e outras tribus ignorantes não podem esperar que a semente germine; os pobres naturaes da Australia recolhem as sementes das hervas e todos os dias procuram insectos e sarigues.

Ha uma boa maxima japoneza assim concebida: «Cavai um poço antes que tenhais sêde», e é evidentemente preferivel praticarmos desta forma. Porém, deveis possuir um capital para viver emquanto cavais o poço. Desta forma, quasi todos os meios de adquirir riqueza sem grande trabalho exigem que tenhamos uma provisão de alimento para vivermos emquanto trabalhamos e esperamos, esta *reserva é chamada capital*. Na falta de capital um individuo encontra-se continuamente em difficuldades e em perigo de morrer a fome. Na primeira das suas narrativas sobre economia politica, denominada «A vida no deserto» Miss Martineau descreve acertadamente a posição dos colonos no Cabo de Boa Esperança, os quaes imagina que hiam ser atacados pelos Bushmen e despojados das suas reservas de capital. Ella mostra-nos com que difficuldade conseguiam algum alimento ou faziam algum trabalho util, porque antes mais alguma cousa era necessaria — algum instrumento ou materia, ou qualquer espaço de tempo para fazel-o. Mas não tinham tempo para fazer cousa alguma porque toda a attenção estava occupada com a descoberta de um asylo para a noite e com alguma cousa para a cêa. Quem quizer comprehender a necessidade do capital e os serviços que elle nos presta, deve ler as narrativas de Miss Martineau e depois passar em revista as suas outras obras sobre Economia Politica.



Difficilmente podemos dizer que o capital seja um instrumento da producção do mesmo modo que o solo e o trabalho, porque o capital deve ter sido o producto do solo e do trabalho. E' preciso com effeito, estarmos sempre, de posse de um pequeno capital, ainda mesmo que só seja a ultima refeição no estomago, antes de produzirmos mais. Porem não ha utilidade em procurarmos formar uma idea exacta da maneira pela qual o capital começa a ser adquirido, porque isto começa com a infancia do mundo, quando os homens e as mulheres viviam mais como animaes selvagens do que como vivem actualmente. E' certo que não podemos ter pães, facas, garfos, comida quente, vestuario e casas de tijolo, sem que tenhamos um certo capital para nos auxiliar a viver emquanto formamos todas estas cousas. *O capital é, pois, necessario; não tanto para trabalhar, mas para fazel-o economicamente e com grande successo.* Podemos consideral-o um instrumento secundario, seria melhor para o estudo dispormos os instrumentos de producção deste modo:

*Instrumentos primarios . . .* { *agente natural*  
*trabalho*

*Instrumento secundario . . . capital*

20. **De que modo tornamos o trabalho mais productivo.** O grande problema deve ser tornar o trabalho o mais productivo possivel, isto é adquirirmos a maior quantidade de riqueza

possivel com um dispendio de trabalho rasoavel. Neste sentido, devemos procurar trabalhar do modo o mais favoravel, o que não offerece difficuldade uma vez que devemos trabalhar

- 1) *no melhor tempo*
- 2) *no melhor logar*
- 3) *e do melhor modo.*

21. **Trabalhar no melhor tempo.** Devemos fazer as cousas quando é mais facil fazel-as e quando temos a probabilidade de produzir mais pelo trabalho. O pescador busca o rio pela manhã cedo ou a tarde, quando o peixe pega no anzol; o lavrador recolhe o feno emquanto o sol brilha; o moleiro móe o trigo emquanto a brisa é fresca ou o rio está cheio; o canoeiro veleja emquanto o vento e a maré estão a seu favor. A custa de uma longa experiencia os lavradores sabem a melhor época do anno para reprehenderem differentes especies de trabalho; fazem a sementeira no outono ou na primavera; estercam no inverno quando o solo está gelado; reformam as cercas e as aberturas das vallas, quando não ha mais outra cousa que fazer; e a ceifa é feita justamente na occasião opportuna e quando o tempo está bom. Os camponezes da Noruega trabalham muito em julho e agosto, cortando a herva e fazendo a maior quantidade de feno possivel. Não se lembram então da lenha, porque sabem que durante o longo inverno terão muito tempo para cortal-a:

e quando a neve encher todos os fossos da montanha, poderão facilmente arrastar as arvores pelos rios que, augmentando as origens das neves, trarão os troncos, sem muito trabalho, para as cidades e portos. E' de bom governo não fazer hoje o que provavelmente podemos fazer mais facilmente amanhã; porem é ainda melhor não guardarmos para amanhã o que mais facilmente podemos fazer hoje. Afim, entretanto, de habilitarmos a esperar e a fazer cada genero de trabalho no melhor tempo, devemos ter bastante *capital* para viver neste intervallo.

22. **Trabalhar no melhor lugar.** Devemos, alem disso, executar cada especie de trabalho no lugar que melhor lhe seja adequado e onde possamos dispôr. Em muitos casos este facto é tão evidente que a menor observação parece absurda. Por ventura alguem se lembrará de plantar arvores fructiferas nas praias, ou semear trigo nas pedras? Certamente que não, pois seria sem resultado. Ninguem seria tão insensato que gastasse o seu trabalho em um lugar onde ficasse totalmente perdido. Nos outros casos é uma questão de gráo; pode haver alguma vantagem em um certo lugar mas poderia haver-a ainda mais em outra parte. No sul da Inglaterra, a vinha se desenvolve ao ar livre, e antigamente já se chegou a fazer vinho de uva colhida na Inglaterra. Porem, a vinha desenvolve-se muito melhor nas collinas, da França, Hespanha e Allemanha, que ficam ex-



postas ao sol, e o vinho que ahi se fabrica, com o mesmo trabalho, é muito mais abundante e immensamente melhor em qualidade. Quem de-sejar, pois, fazer vinho na Inglaterra, andar-á mais avisado, transportando-se para o continente, ou ainda melhor, deixando aos francezes, hespanhoes e allemães o trabalho de produzi-lo. Na Inglaterra, o solo fertil e o clima humido são proprios para o desenvolvimento de pastagens, e a melhor cousa que os lavradores podiam fazer seria cuidar da criação do gado para produzirem muito leite, manteiga e queijos.

Para que o universo se torne o mais rico possivel, é mister que cada paiz procure desenvolver o que póde mais facilmente produzir em suas actuaes circumstancias, permutando as outras cousas com o commercio estrangeiro. Os Estados Unidos podem fornecer uma quantidade illimitada de algodão, trigo, toucinho, fructo, petroleo, alem de muito ouro prata, cobre, ferro, etc. A Australia, a Nova Zelandia e a Africa Meridional podem fornecer muita lã, couros, assucar, carnes em conservas, e tambem ouro, cobre e diamantes. A Africa tropical tem oleo de palmeira, marfim, teca, gomma, etc. A America Meridional abunda em gado de que os inglezes extrahem sebo, couros, ossos, chifres, extracto de carne, etc. A China exporta grande quantidade de chá, alem de seda, gengibre, e muitas mercadorias em menor quantidade. A India dá a In-

glaterra algodão, anil, canhamo arroz, sementes, assucar, especiarias e productos de todas as outras especies. Cada parte do mundo tem certas commodidades, a qual produz melhor do que em outras regiões, e si os homens e governos fossem previdentes, deveriam tornar o commercio o mais livre possível, de modo que cada cousa fosse produzida onde custasse o menor trabalho para obtel-a.

23. **Trabalhar do melhor modo.** Qualquer que seja a industria exercida em um logar, devemos acautelarmo-nos, finalmente, para que cada operario trabalhe do melhor modo, não só para que não perca o seu trabalho, como tambem para que não commetta erros. Ha muitos modos differentes de executarmos o mesmo trabalho, e, para escolher o melhor, o operario deve ser intelligente e habil, ou então deve ser guiado por uma pessoa que disponha de conhecimentos e habilidade. Alem disso, deve haver, como veremos mais adiante, uma grande divisão do trabalho, de maneira que cada individuo faça a natureza de trabalho que melhor possa executar. Precisamos, pois de

1) *sciencia*

2) *divisão do trabalho.*

24. **A sciencia.** Para que o trabalhador possa empregar o seu trabalho mais vantajosamente, é necessario que não seja simplesmente habil, isto é dextro e pratico na mão de obra, mas que seja dirigido por conhecimentos scien-

tíficos das cousas com que tem de lidar. O conhecimento da natureza consiste, em grande parte, na comprehensão da *causa das cousas* isto é, na sciencia do arranjo das cousas, para a producção de outras. Desta forma, a machina a vapor é devida a descoberta que si o calor fôr applicado a agua, resulta o vapor expandir-se com mais força, de maneira que a fornalha, o carvão de pedra, a caldeira e a agua são causas da força. Quando quizermos executar um trabalho, devemos começar por indagar, si possível fôr, das causas que o produzirão mais facil e abundantemente. Por meio da sciencia libertamo-nos muitas vezes de um trabalho inutil.

Como explica sir John Herschel, algumas vezes a sciencia nos mostra que *as cousas que desejamos fazer são realmente impossiveis*, como por exemplo: a invenção do moto-contínuo, isto é, de uma machina que se mova por si mesma. Em outras vezes a sciencia nos mostra que *o modo pelo qual experimentamos fazer alguma cousa é inteiramente falso*. Assim, os mestres de forjas, para melhor fundirem o ferro sopram a fornalha com ar quente; a sciencia, entretanto, demonstra que, em vez de quente, o ar introduzido na fornalha deve ser o mais ardente possível. Muitas vezes tambem a sciencia habilita-nos frequentemente *a executar a nossa obra com grande economia de trabalho*. O



bateleiro ou o barqueiro, quando têm de viajar, procura conhecer a direcção da maré, para tel-a a seu favor. Os meteorologistas têm actualmente preparado cartas maritimas que mostram aos commandantes de navios onde se encontram os ventos e correntes mais favoraveis a uma viagem rapida. Nestes ultimos tempos, *a sciencia tem-nos conduxido, algumas vexes, a descoberta de cousas admiraveis que, sem ella, jamais poderiamos imaginar a possibilidade de executal-as*; basta mencionar a descoberta da photographia e as invenções do telegrapho e do telephone. Pode-se affirmar indubitavelmente que todos os grandes aperfeiçoamentos da industria — muitos dos quaes tendem a elevar o homem acima da condição dos irracionaes — procedem da sciencia. O poeta Virgilio com rasão disse: *«Felix é o que conhece a razão das cousas»*

---

## CAPITULO IV

### Divisão do Trabalho

---

25. **Donde procede a divisão do trabalho.**  
Quando um certo numero de individuos estão empenhados em um trabalho, vemos que cada um ordinariamente tem uma parte neste trabalho, e deixa as outras para os seus companheiros. A partilha se prepara gradualmente, de maneira que, executado todo o trabalho em um lugar, é dividido em muitos empregos ou officios. Esta divisão do trabalho é observada em todos os paizes civilizados, e mais ou menos em todos os estados da sociedade, que não são inteiramente barbaros. Em cada aldeia ha o carniceiro e o padeiro, e o ferreiro e o carpinteiro. Em uma familia mesmo observamos a divisão do trabalho: o chefe lavra e terra ou corta lenha; a mulher cozinha, cuida dos arranjos da casa e fia ou tece; os filhos caçam, ou apascentam os rebanhos; as filhas são leiteiras. Ha na Inglaterra uma canção popular que diz:

«Quando Adão cavava e Eva fiava  
O que fazia então o *gentleman*?»

O que parece exprimir que a divisão do trabalho

existia em um tempo muito remoto, antes de haver os *gentlemen*. Nos tempos modernos a divisão do trabalho é immensamente complicada; não só cada cidade, cada villa tem industrias diferentes, operarios e artistas em profissões e empregos diversos, como tambem cada districto tem suas manufacturas peculiares. Aqui fabrica-se algodão, alli tece-se a lã e acolá são manufacturados linho, canhamo e seda. O ferro é fabricado em Staffardshire. Cleveland, Galles Meridionaes e na Escossia; o cobre é fundido nos Galles Meridionaes; a faiança preparada nas olarias; as fazendas brancas são manufacturadas em Nothingham e Leicester; as linhas são fabricadas em o norte da Irlanda, e assim por diante. Em cada manufactura observa-se ainda a divisão do trabalho; ha o director, o guarda-livros, o chefe assistente, os contra-mestres das differentes secções, o apontador, o machinista, o que dá aos folles, os operarios, os carroceiros, os moços de recados, os porteiros, etc., além dos mecanicos propriamente ditos, de especialidades e cathegorias diversas, que executam os principaes trabalhos. Assim, a divisão do trabalho estende-se por toda a sociedade, desde o chefe da nação e ministros até os moços de recados, ou o varredor de ruas.

## 26. Adam Smith e a divisão do trabalho.

Ha muitos modos de nos aproveitarmos da divisão do trabalho, mas Adam Smith tratou tão excellentemente do assumpto, que achamos melhor



expôr primeiramente as suas opiniões sobre a materia. Ha, em seu modo de vêr, tres maneiras de aproveitarmos da divisão do trabalho, a saber:

- 1) o augmento de habilidade em cada operario;
- 2) a economia de tempo que ordinariamente é perdido quando se passa de um trabalho para outro;
- 3) a invenção de um grande numero de machinas que facilitam e abreviam o trabalho, e habilitam um homem a fazer o trabalho de muitos.

Não resta duvida que o *augmento de habilidade* provem da pratica. Todo aquelle que procurar imitar em pelotiqueiro ou tocar piano sem ter aprendido a fazel-o, reconhecerá absurdamente o seu máo exito. Ninguem poderia, sem uma longa pratica, desempenhar satisfactoriamente a tarefa de um soprador de vidro. Mesmo quando um individuo chegue a executar um trabalho de um certo modo, fal-o-á muito mais depressa, si o repetir muitas vezes. Adam Smith estabelece que si um ferreiro fizer pregos sem estar acostumado a trabalhar neste serviço, não poderá fazer mais que 200 ou 300 pregos mal feitos, por dia. Com pratica poderá chegar a fazer 800 ou 1000 pregos diariamente; emquanto que as crianças affeitas a este mister podem fazer 2300 pregos, do mesmo modo e no mesmo tempo. Não ha necessidade de muitos exemplos: tudo o que vemos ser feito depressa e com facilidade pelos homens custou a estes um grande dispendio de tempo e de trabalho para aprender e praticar.

Em segundo lugar, *ha uma grande parte de tempo perdido quando um individuo passa de uma especie de trabalho para outro*, muitas vezes durante o dia. Antes que possais fazer alguma cousa, deveis reunir todas as ferramentas e materiaes em torno de vós; quando, por exemplo, tiverdes acabado uma caixa, fazeis promptamente outra com menos esforço que a primeira; mas si passardes para uma outra cousa inteiramente differente, como remendar um par de sapatos ou escrever uma carta, tereis que reunir de novo uma differente collecção de ferramentas. O homem, como pensa Adam Smith, vadia algumas horas pelas ruas, quando passa de uma especie de emprego para outro, e si isto acontecer frequentes vezes, tornar-se-á provavelmente preguiçoso.

Finalmente Smith assevera que *a divisão do trabalho conduz á invenção das machinas que o diminuem* porque, como elle argumenta, os homens muito mais facilmente descobrem methodos simples para conseguir um certo fim quando toda a sua attenção está dirigida para esse fim. Mas esta asserção que parece duvidosa é, mais adiante, corrigida. Os operarios accidentalmente descobrem algum meio de diminuir o seu trabalho, e algumas importantes invenções tem sido feitas neste sentido. Porém, em regra geral a divisão do trabalho auxilia a invenção, porque habilita o engenho humano a fazer pro-

fissão da invenção. Os maiores inventores, como James Watt, Bramah Fulton, Roberts, Nasmyth, Howe, Fairbairn, Whitworth, os Stephensons, Wheatstone, Bessemer, Siemens, não foram levados a invenção no sentido descripto por Adam Smith, mas cultivaram os seus genios originaes por um cuidadoso estudo e longa pratica da construcção mechanica. Porém, a divisão do trabalho auxilia grandemente a invenção, porque permite a cada fabrica adoptar uma especie particular de machinas. Na Inglaterra a divisão do trabalho continuamente tende a mais se acentuar, não é raro ver-se todo o provimento de uma commodidade ser fornecido por uma só fabrica que póde pois possuir uma serie de machinas inventadas com o fim de produzir essa unica commodidade. Assim, este caso é mais commum nas grandes manufacturas dos Estados Unidos.

Vamos agora descrever outros modos segundo os quaes uma grande economia de trabalho provem ainda da sua divisão.

**27. A multiplicação dos serviços.** Uma grande parte do trabalho é muitas vezes economizada pela sua disposição, de modo que um trabalhador pode servir a muitas pessoas tão facilmente como a uma só. Si um mensageiro fôr levar uma carta ao correio, sem grande custo poderá levar mais uma dezena dellas. Em vez de vinte pessoas cada qual levando a sua carta, um mensageiro pode fazer todo o serviço sem grande



esforço. Este facto se explica porque o correio está habilitado a enviar uma carta de um extremo da Republica ao centro, por cem réis. Ha muitas pessoas que enviam e recebem cartas que um carteiro ordinariamente leva em grande quantidade e em alguns casos entrega meia duzia de uma vez. Porém, seria inteiramente impossivel transmittir-se telegrammas por preço tão reduzido porque cada recado é separadamente telegraphado pelos fios, e entregue por sua vez a um estafeta especial, que raramente póde levar mais de um ao mesmo tempo. O arcebispo Whately fez ver que quando um grupo de viajantes, explorando um paiz novo, acampam á noite, naturalmente dividem o trabalho; uns tratam dos cavallos, outros desenfundam as provisões, alguns acendem fogo e preparam a ceia, muitos procuram agua, e assim por diante. Seria inteiramente absurdo si uma duzia de individuos viajando em commum fizessem doze fogos separados e cozinhassem doze refeições tambem separadas. O trabalho de acender fogo e cozinhar para vinte pessoas não é maior do que para uma ou duas. Ha algumas cousas que uma vez feitas, servem para milhares e para milhões de individuos. Si uma pessoa receber uma importante informação, como por exemplo, que uma tempestado caminha através o oceano Atlantico, pode avisar a todo o mundo por meio dos jornaes. E' um grande beneficio haver um observatorio meteorologico em

Londres, onde dous ou tres empregados se occupam em estudar o estado da atmospherá em todo o paiz por meio do telegrapho, e assim habilitam-nos a prever, o quanto mais possivel, o tempo futuro. E' um caso muito importante da *multiplicação dos serviços*.

28. **A multiplicação das copias** é tambem um meio de augmentar immensamente a produção do trabalho. Quando os instrumentos e modelos destinados a se fazer um objecto estão uma vez preparados, é muitas vezes possivel multiplicar-se as copias com o menor esforço. Abrir um cunho para se fazer uma medalha de ouro é um trabalho muito lento e custoso; mas, uma vez obtido bons cunhos, é facil cunhar-se uma grande quantidade de moedas, e a despeza da cunhagem é muito pequena. A prensa, entretanto, é o melhor exemplo da multiplicação das copias. Todas as obras de Shakespeare copiadas por um escrivão juramentado custam mais de duzentas libras, e cada copia nova custará tanto quanto a primeira. Antes da invenção da imprensa, os livros eram assim copiados, e os manuscriptos eram portanto muito mais caros, além de serem crivados de erros. As obras completas de Shakespeare podem actualmemente ser adquiridas por um shilling; e cada um dos romances de Waverly por seis pence. Pode custar muitas centenas de libras a composição e stereotypia de um grande livro; mas este processo uma vez feito,

centenas de milhares de exemplares podem ser impressos, e o custo de cada um é muito menor do que o do papel e da encadernação.

Quasi todos os objectos vulgares que actualmente usamos, taes como: cadeiras e mezas comuns, chicanas e pires, bules, colheres e garfos, etc., são feitos por machina e copiados de um modelo original. Uma boa cadeira pode ser comprada por dez mil reis ou menos, mas si quizerdes obter uma cadeira inferior de um novo modelo, custar-vos-á talvez cinco ou dez vezes mais.

**29. Adaptação pessoal.** Uma outra vantagem muito recente da divisão do trabalho é cada pessoa poder escolher dentre muitas profissões a que melhor se adapte ás suas inclinações — o homem muito robusto vae ser ferreiro; o individuo fraco emprega-se como tacelão ou sapateiro; o habilitoso aprende o officio de relojoeiro; o mais ignorante e desajeitado pode encontrar trabalho quebrando pedras ou concertando cercas. Cada individuo geralmente trabalhará no emprego em que puder obter maiores vantagens, e seria uma perda manifesta de habilidade si o artista fosse quebrar pedras ou varrer as ruas. Actualmente a grande divisão do trabalho e as numerosas fabricas proporcionam os melhores ensejos para a obtenção de um emprego adaptado a cada faculdade pessoal; os operarios intelligentes fazem o trabalho que ninguem alias poderia fazel-o; tem serventes para ajudal-os nas cousas



que exigem habilidade; os contra-mestres delineam o trabalho e dividem-no pelos artistas; os caixeiros que são habéis em contabilidade escripturam os livros e pagam e recebem as quantias; o director da fabrica é um individuo engenhoso e com experiencia, o qual pode prestar toda a attenção á direcção do trabalho, fazer boas compras ou imaginar melhoramentos nos negocios. Cada um está assim occupado de modo que o trabalho será mais productivo e util para os outros e ao mesmo tempo mais aproveitavel para si.

30. **Adaptação local.** Enfim a divisão do trabalho leva-nos a adaptação local — isto é, permite que cada especie de trabalho seja executado no lugar que melhor nos convem. Temos já mostrado (sec. 22, pag. 37) que cada genero de trabalho deve ser executado onde for mais productivo; o que não se pode dar sem a divisão do trabalho — de maneira que, emquanto a França produz vinho, sedas e modas compra algodões de Manchester, cerveja de Burton ou Trent, e carvão de Newcastle. No caso da livre permuta e a divisão do trabalho perfeita cada cidade ou districto aprende a executar cada commodidade melhor do que os outros paizes; os relógios são feitos em Clerkenwell, as pennas de aço em Birmingham, as agulhas em Redditch, a cutellaria em Sheffield, as faianças em Stoke as fitas em Coventry, os vidros em

Santa Helena, os chapéus de palha em Luton, e assim por diante.

Não é sempre possível dizermos exactamente a razão porque certos objectos são fabricados melhor em um lugar do que em outro como, por exemplo as sedas de Lião: mas isto acontece frequentemente, e ao povo deve ser deixada a mais livre faculdade possível para comprar as mercadorias que melhor lhe aprouver. As commodidades são manufacturadas de modo a produzir prazer e utilidade, não, como veremos, com o fim de onerar os trabalhadores. Quando o commercio é livre a divisão do trabalho se manifesta ora de cidade para cidade, ora de provincia para provincia, e tambem entre as mais distantes regiões do globo. Assim produz-se o que podemos chamar *a divisão territorial do trabalho*. O commercio de uma nação para outra não é somente com o fim de conseguir os melhores meios de augmentar a riqueza e economisar o trabalho, mas tambem para aproximar-nos do momento em que todas as nações deverão viver em harmonia, como fossem por assim dizer, uma só nação.

31. **A combinação do trabalho.** Vamos agora ver quaes são as grandes vantagens que resultam de cada individuo aprender perfeitamente uma unica profissão. Chama-se a isto a divisão do trabalho, porque a obra é dividida em muitas operações differentes; não obstante,

esta impelle os individuos á ajudarem-se reciprocamente e a trabalharem ao mesmo tempo, manufacturando os mesmos objectos. Assim, na producção de um livro muitas profissões se auxiliam: os fundidores fazem os typos; os mechanicos as prensas de imprimir; o papel é manufacturado em uma fabrica; a tinta de impressão é preparada em outra; o editor cuida dos negocios; o auctor fornece o original; os compositores arrumam os typos; o revisor corrige as provas; o impressor retira as folhas; depois ainda ha os encadernadores e os livreiros, alem de muitas outras pequenas occupações que fornecem os auxilios exigidos pelas operações principaes. Assim, a sociedade assemelha-se a uma machina muito complicada, na qual ha um grande numero de rodas, umas dentro de outras, e cada qual movendo-se e fazendo o mesmo trabalho repetidas vezes. E' o que poderiamos chamar uma *organisação complexa* (do grego *ὄργανον*, instrumento): diversos individuos e differentes profissões trabalhando em commum, todos concorrem para o resultado final.

Porem, cumpre observar que ninguem projecta estes systemas de trabalho dividido; realmente poucas pessoas conhecem a maneira de ser de muitas profissões o como se combinam ao mesmo tempo. Calcula-se que são necessarias cerca de trinta e seis cathogorias distinctas de operarios para a construcção e collocação de todas as peças de



um piano; cerca de quarenta profissões são utilizadas em relojoaria; na industria do algodão ha mais de cem occupações. Porem frequentemente são creados novos serviços, principalmente quando surge uma recente descoberta; assim, ha pelo menos dezesseis occupações em photographia, ou em fabricar objectos usados pelos photographos; as estradas de ferro têm originado uma serie de empregos que não existiam ha cincoenta annos passados. Estas profissões apparecem sem um decreto legislativo que as sancione ou as autorise. Não ha lei que estipule como muitas profissões são executadas, nem como um certo numero de individuos deve dirigir-se em cada uma dellas, porque a ninguem é permittido perscrutar as necessidades do futuro. Estas cousas são arrançadas por meio do *instincto social*. Cada individuo chama a si a especie do trabalho que parece servir-lhe e fal-o do melhor modo.

Uma outra especie differente de combinação do trabalho apparece quando certos individuos auxiliam-se mutuamente na execução de um serviço. Assim, os marinheiros puxando pelo mesmo cabo, combinam o seu trabalho ao mesmo tempo; são ainda exemplos, quando levamos a mesma escada, quando remamos na mesma embarcação, e assim por diante. Neste caso diz-se haver uma *combinação simples*, porque os individuos executam o mesmo genero de trabalho.

Quando ha differentes operações a executar, diz-se haver uma *combinação complexa*, como quando um individuo faz as pontas de um alfinete e outro as cabeças. A bordo de um navio ha combinações simples e complexas. Quando muitos marinheiros trabalham no mesmo cabrestante a combinação é simples, porque cada um faz exactamente o mesmo que os outros; Mas o capitão, o immediato, o timoneiro, o carpinteiro, o contramestre, e o cozinheiro trabalham ao mesmo tempo em combinação complexa, desde que cada um cuida das proprias occupações. Similarmemente, em uma companhia, os soldados actuam ao mesmo tempo, em combinação simples, mas os officiaes dos differentes postos, tendo funcções distinctas a desempenhar, a combinação torna-se complexa. Os individuos que desta forma se auxiliam estão aptos ordinariamente a fazer muito mais trabalho do que si actuassem separadamente.

### 32. **Inconvenientes da divisão do trabalho.**

Ha certamente alguns inconvenientes que apparecem da grande divisão do trabalho actualmente existente nos paizes civilisados. Estes inconvenientes não são para compararmos com os immensos beneficios que recebemos; entretanto, convem indical-os:

Em primeiro logar *a divisão do trabalho tende a tornar o poder humano limitado e restricto*; este executa um certo serviço tão

constantemente, que não tem tempo para aprender e praticar com outros. Um individuo torna-se, como ordinariamente se diz, valendo apenas a decima parte de um alfinete; isto é, ha individuos que so sabem fazer, por exemplo, cabeças de alfinetes. No tempo dos romanos dizia-se, *ne sutor ultra crepidam* não deixes o sapateiro ir alem da fôrma. Quando um homem, só acostumado a fazer alfinetes ou sapatos, acha-se nos longiquos estados de oeste da America, julga-se incapaz de fazer todos os trabalhos pezados exigidos de um colono. O camponio pobre da Noruega ou da Suecia, que a primeira vista parece menos intelligente, está habilitado a construir a sua casa, a cultivar o solo, a cuidar do seo cavallo, e a fazer toscamente as suas carroças, instrumentos, e mobilia domestica. Até mesmo os Indios pelles-vermelha estão muito mais habilitados a se manterem em um paiz deserto, do que um mechanico instruido. A unica cousa que se pode dizer é que um habil sapateiro ou artista de qualquer especie deve esforçar-se por se conservar no officio que aprendeo com tanto trabalho. E' uma desgraça tanto para elle como para outrem, si fôr obrigado a apprehender um trabalho que não póde executar bem.

Um segundo inconveniente da divisão do trabalho é que *o commercio se torna muito complicado, e quando desorganizado, as consequencias são prejudiciaes a certos indivi-*



*duos*. Cada pessoa aprende somente a fabricar uma certa especie de objectos, e si uma mudança de moda ou outra cousa occasionar uma diminuição na procura daquellas mercadorias, o productor torna-se pobre, até que possa aprender uma outra profissão. Antigamente o fabrico das crinolinas era um grande e lucrativo commercio; hoje cessou quasi inteiramente, e aquelles que se entregavam a este ramo de negocio, recorreram a outras occupaões. Mas cada profissão é geralmente bem supprida de braços perfeitamente adestrados no trabalho, e é muito difficil aos operarios novos, especialmente quando idosos, aprenderem um novo officio para entrarem em competencia com os que já tem uma longa practica. Em alguns casos este facto tem sido executado com bom exito; assim, os mineiros de Cornish, quando as minas de Cornwall não foram mais exploradas, passaram-se para as minas de carvão, onde havia falta de pessoal. Mas geralmente, é muito difficil encontrar-se na Inglaterra um novo emprego e é por esta forte razão que as ligas operarias não se deveriam oppôr a que novos operarios entrassem para uma profissão para a qual não se habilitarem.

Os obreiros das minas de carvão de pedra procuraram impedir aos mineiros de Cornish a entrada dos poços. Para conservarem os seus salarios o mais elevado possivel, teriam deixado outros individuos morrer a fome. Mas este modo

de agir é muito egoista e funesto. Si cada profissão fosse empregada desta forma e executada para com todos os outros individuos, como si os officios fossem sua propriedade, haveria constantemente um certo numero de desgraçados arrastados para as casas de correção, não por sua propria culpa. E' muito importante, entretanto, assegurar o direito da cada individuo para fazer qualquer especie de trabalho que possa adquirir. E' um dos primeiros e mais necessarios direitos do operario trabalhar honestamente na profissão que lhe fôr mais proveitosa. *O trabalho deve ser livre.*

---

## CAPITULO V

### Capital

---

33. **O que é o capital?** Vamos agora procurar comprehender a natureza do *terceiro factor da producção, chamado capital, e que consta da riqueza empregada para nos auxiliar a produzir mais uma outra riqueza.* Todo o capital é riqueza, mas não é exacto que toda a riqueza seja capital. Si uma pessoa tiver uma provisão de alimento, ou uma provisão de dinheiro com que compre o alimento, e viver simplesmente desta sem trabalhar, não é esta considerada capital, porque não produz riqueza ao mesmo tempo. Mas si se occupar em construir uma casa, ou empregar bem os seus capitães, já produzindo alguma cousa que depois poupar-lhe-á trabalho ou trar-lhe-á utilidade, então a sua provisão será capital.

A grande vantagem do capital é habilitar-nos a fazer uma obra com o menor trabalho. Si um individuo desejar levar agua de um poço para a sua casa, e tiver um pequeno capital, poderá comprar um balde e levar um cheio d'agua de cada vez; este processo é muito trabalhoso. Si



tiver mais capital, pode adquirir um barril e transportal-o em um carrinho de mão, que o alliviará de uma grande parte do peso; assim economisarà muito trabalho. Si tiver ainda mais capital, andarà melhor abrindo um rego ou um canal, ou mesmo collocando um conductor metalico que estabeleça a derivação para a sua casa; isto custará muito trabalho de uma só vez, mas, uma vez feito, a agua correrà talvez pelo seo proprio peso, e durante toda a sua vida não se darà mais ao trabalho de carregar agua.

34. **Capital fixo e circulante.** Ordinariamente dizemos que o capital é fixo ou circulante, e vamos aprender verdadeiramente a differença entre ambos. O *capital fixo* consiste em fabricas, machinas, instrumentos, navios, estradas de ferro, diques, carros, carroças, e outras cousas que duram longo tempo, e auxiliam o trabalho. Elle não abrange, verdadeiramente, todas as especies de propriedades fixas. As egrejas, os monumentos, os quadros, os livros, as arvores de ornamento, etc., duram por muito tempo, porem não são um capital fixo, porque não se empregam com o fim de nos auxiliar na producção de novas riquezas. Podem ser uteis e agradaveis e fazer parte da riqueza de um paiz; mas não são um capital na verdadeira accepção da palavra.

*O capital circulante consiste em alimento, vestuario, combustivel, e outras cousas que são necessarias para o sustento dos traba-*

*lhadores emquanto estão empenhados em um trabalho.* Chama-se circulante porque é de curta duração; as batatas e as couves uma vez comidas, cresce uma nova provisão; o facto gasta-se em alguns mezes, ou em um anno, e é substituido por outro. O capital circulante, que actualmente existe em um paiz, não é o mesmo que o ahi encontrado dous annos antes. Porem o capital fixo é quasi o mesmo; algumas fabricas podem ser queimadas ou demolidas, algumas machinas podem se gastar e ser substituidas por outras. Porem estas mudanças no capital fixo são relativamente pequenas; ao passo que todo, ou quasi todo o capital circulante é mudado em um ou dous annos.

Porem a questão é que não podemos distinguir, tão facilmente como acreditavamos, o capital fixo do capital circulante; pode haver certas especies de capitaes que não sejam inteiramente fixas, nem inteiramente circulantes, mas que algumas vezes estacionem entre ambas. A farinha de trigo é cedo comida e é um capital circulante. Um moinho de farinha pode durar talvez cinquenta annos, e certamente pode-se chamar um capital fixo; um sacco de farinha de trigo pode durar cerca de dez annos na media; será um capital fixo ou circulante? Parece-nos difficil dizel-o. No caso de uma estrada de ferro, o carvão de pedra e o oleo necessarios para a machina, são usados uma vez, e são claramente

um capital circulante; os carros das estradas de ferro duram cerca de dez annos, as locomotivas vinte annos ou mais; os edificios das estações duram pelo menos trinta annos; não ha motivo para que, com um certo cuidado, as pontes, tunneis e os diques não durem centenas de annos. Temos visto, pois, *o capital é inteiramente, uma questão de tempo, e dizemos que é tanto mais fixo quanto dura ou continua a sua utilidade por mais longo tempo; e tanto mais circulante quanto mais depressa é usado ou destruido, e assim exige ser substituido mais frequentemente.*

35. **Como o capital é obtido.** *O capital é o resultado da economia e da abstinencia, isto é, pode somente ser obtido pelo operario para produzir riqueza, e então não é elle immediatamente o consumidor desta riqueza. O pobre selvagem que, para não ficar sem alimento, tem que trabalhar diariamente de um modo arduo, não tem capital; mas quando tem algum alimento nas mãos, e pode occupar-se em fazer arcos e flexas para facilitar a caça de animaes, deposita o capital nestes arcos e flexas. Cada vez que trabalhamos deste modo para um fim futuro vivemos do capital e nelle confiamos. A abstinencia (do latim *abs* = de e *tenere* = conservar) consiste em privarmo-nos do prazer de alguma cousa que produzimos, ou que poderíamos produzir com algum trabalho. *Economisar* é guardar alguma cousa intacta para um uso futuro;*



é economisal-a durante um espaço de tempo tal que não a consumimos. Si eu tiver uma provisão de farinha de trigo e comel-a inteiramente, ella se acabará e não se poderá affirmar que a economisei. Mas si enquanto eu a como, occupo-me em fazer uma charrua ou uma carroça, ou qualquer outro objecto duravel que me auxiliará a produzir, tenho deste modo transformado uma forma de capital em outra. Poderia ter comido a farinha na ociosidade e neste caso não teria sido um capital. Porem comendo-a, trabalho para o futuro. Proseguindo desta forma tenho *empregado o capital*, ou por outra, *tenho transformado um capital circulante em outro fixo, ou um capital duravel em outro menos duravel*. O capital, por consequencia, é empregado durante um período de tempo mais ou menos longo, conforme a duração da fórma segundo a qual é depositado. Uma boa charrua durará talvez vinte annos; durante todo esse tempo o seu possuidor recuperará pelo seu uso o beneficio do trabalho e do capital despendidos em fazel-a. Quando ella se gastar, deverá ter recuperado todo o capital, do seu custo, e mais algum juro. O capital empregado em carros de estradas de ferro é recuperado no fim de dez annos que os carros duram no termo medio.

O capital empatado em um negocio podemos sempre dizer que consiste em salarios ou que é comprado com salarios. Assim, o capital em-

pregado em estradas de ferro consiste realmente em alimento, vestuario, e em outras commodidades consumidas pelos operarios que trabalham nas estradas de ferro. E' verdade que as ferramentas são tambem tão necessarias como os trilhos, os dormentes, os tijolos e outros materiaes necessarios ao trabalho. Mas como estas cousas foram previamente obtidas pelo trabalho, podemos affirmar que o capital realmente nellas empregado representa os salarios dos operarios que já as haviam fabricado. Assim: *sempre proseguindo, observaremos que o capital empregado consiste na manutenção dos trabalhadores.*

36. **Emprego do capital.** Temos duas cousas a considerar com relação ao emprego do capital: *a quantidade do capital e o periodo de tempo durante o qual é empregado.* A mesma quantidade de capital occupará mais ou menos homens no trabalho, conforme é empregado em um periodo de tempo mais ou menos longo. Um individuo que cultiva batatas apenas precisa esperar pelo resultado do seu trabalho durante um anno, na media. Si o seu alimento e vestuario durante este tempo importam em 700\$000, então um capital de 700\$000 é *sufficiente para lhe dar trabalho deste modo.* Tres homens cultivando batatas precisarão naturalmente tres vezes mais capital, ou 2:100\$ dez homens precisarão 7:000\$, e assim por diante na mesma proporção. Porem na cultura da

vinha é necessario esperar muitos annos até que começe a fructescencia. Supponhamos que sejam necessarios cinco annos de espera, então o vinhateiro precisará de  $5 \times 700\$$ , ou  $3:500\$$  antes que as vinhas se desenvolvam. Tres vinhateiros precisarão de  $3 \times 5 \times 700\$$  ou dez contos e quinhentos mil reis, e assim por diante em proporção. Desta fórma vemos claramente que o capital exigido para uma certa industria é proporcional ao numero de homens empregados, e tambem ao espaço de tempo durante o qual permanece estacionado ou empregado. Porem não ha proporção alguma fixa entre o numero de trabalhadores e o capital que exigem — isto depende inteiramente do espaço de tempo durante o qual o capital permanece em giro, isto é, empregado e recebido de novo. Um pobres elvagem arranja-se para viver com o capital de alguns dias nas mãos; um cultivador de batatas com o capital de um anno. Em uma plantação moderna na qual são observados muitos melhoramentos duradouros, a quantidade de capital exigido é muito maior. Para se empregar trabalhadores em uma estrada de ferro exige-se um capital immenso porque este toma uma forma muito fixa e duravel nos aterros, tunneis, estações, trilhos e machinas.

37. **O trabalho não pode ser um capital.** Não é raro ouvirmos dizer *que o trabalho é o capital do pobre*; e então argumenta-se que o pobre tem justamente tanto direito de viver do



seo capital, como tambem o rico. E assim é, si o puder. Si um trabalhador puder manter-se, produzir uma certa riqueza e permutal-a por alimento e por cousas necessarias, certamente deve fazel-o. Mas, em regra geral, não póde assim proceder, sem trabalhar durante um longo espaço de tempo, esperando que o producto se acabe ou se venda. Procedendo desta forma, necessita muitas vezes neste meio termo, de alguma cousa mais do que o seo trabalho, especialmente, de alimento, alem de materiaes e instrumentos. Estas cousas constituem o capital necessario, e não ha vantagem em chamarmos de trabalho ao capital, quando é na realidade uma cousa diversa. Por outras vezes temos ouvido dizer que *a terra é um capital* e que *a intelligencia tambem é um capital*, e assim por diante. São expressões erroneas. A idea proposta parece ser de que alguns individuos vivem das cousas que obtem do solo ou da intelligencia, como outros vivem do que adquirem, como os juros de um capital. Não obstante, a terra não é um capital, como tambem não o é a intelligencia. A producção exige, como vimos, tres cousas distinctas, a saber: a terra, o trabalho, e o capital; e ha grande inconveniente em confundir-se as cousas simultaneamente, tomando-as pelo mesmo nome, quando não são identicas.

## CAPITULO VI

### Distribuição da riqueza

38. **Como a riqueza é dividida.** Já sabemos o que é riqueza, como deve ser usada e como pôde ser produzida em maior quantidade, com o menor trabalho possível, vamos agora entrar na parte mais melindrosa do assumpto. Devemos procurar descobrir como a riqueza é distribuida por aquelles que têm uma parte na sua producção. Os instrumentos da producção, como já vimos, são a terra, o trabalho, e o capital; si todos estes forem fornecidos pela mesma pessoa, não ha duvida que todo o producto deve pertencer-lhe, a excepção do que é arçadado pelo governo sob a forma de impostos. Porem, no estado actual da sociedade, o trabalhador raras vezes possui toda a terra e capital que emprega; ordinariamente trabalha na herdade ou fabrica de outrem; ou habita em casa que não é propria; e frequentemente come o alimento fornecido por outros individuos; recebe os beneficios das suas invenções e descobertas; e serve-se dos caminhos, estradas de ferro, edificios publicos, etc., construidos a custa da commuidade.

A producção da riqueza, portanto, não depende da vontade e esforços de um só homem mas ao mesmo tempo da propria distribuição da terra, do trabalho e do capital por differentes pessoas ou classes de individuos. Estas devem ter o seu quinhão na riqueza produzida; si fornecerem alguns dos factores da producção, podem negociar e reclamar mais ou menos producto. Porem, *não é o simples acaso ou capricho que preside a distribuição da riqueza; vamos estudar as leis naturaes de accordo com as quaes a distribuição se realisa.* Devemos explicar a proporção da sua quantidade obtida pelos individuos. Os homens trabalham mui penosamente em uma herdade e valorisam as colheitas; o proprietario chega e toma uma grande parte dellas para renda, de maneira que os trabalhadores ficam quasi sem ter do que viver. Quando estivermos habilitados a comprehender porque o trabalhador ganha tão pouco presentemente, veremos, talvez, como deve dirigir-se para ganhar mais, porem em qualquer caso observaremos que isto é devido em grande parte as leis da natureza.

A parte do assumpto que vamos agora considerar é chamada a *distribuição da riqueza*, porque nos ensina como a riqueza produzida é distribuida (do latim *dis* e *tribuere*, entregar) pelos trabalhadores, proprietarios, capitalistas e pelo governo. A parte que o trabalhador recebe



chama-se *salario*; o quinhão de terra do proprietario denomina-se *renda*; o do capitalista é *juro*; e o governo recebe os *impostos*. Podemos affirmar que, em regra geral, o producto do trabalho divide-se em quatro partes, que podem ser assim indicadas:

*producto* = *salario* + *renda* + *juro* + *impostos*.

39. **A parte do trabalhador.** *Salario.* Deve ser cuidadosamente recordado que as denominações *salario*, *renda* e *juro*, aqui empregadas não se devem confundir exactamente com os nomes que empregamos na vida ordinaria. Os salarios pagos aos operarios são muitas vezes mais do que salarios, são de algum modo *juro*; a *renda* consta quasi sempre de alguma parte do *juro*; e o que chamamos *juro* póde ser em alguns casos realmente *salario* ou *renda*.

Pela denominação *salario*, exprimimos em economia politica, aquillo que paga o esforço do trabalho. Porém, um operario é o dono de suas ferramentas; os pedreiros têm cinzeis, martellos, regoas, etc.; os carpinteiros muitas vezes possuem plainas e outros instrumentos que representam um certo valor; um fabricante de pianos algumas vezes tem um certo capital empregado em ferramentas; até mesmo os jardineiros necessitam de pás, ancinhos, um carrinho de mão, focues e as vezes machina de aparar grama. Estes instrumentos representam inteiramente o capital empregado, eum certo *juro*

deve ser pago por este capital. O fabricante de pianos deve cobrar um determinado juro pelo custo de suas ferramentas. Mas, salario propriamente dito é aquillo que fica depois de se haver distribuido a parte deste juro, e seria conveniente deduzir-se tambem o que é pago ao governo sob a forma de impostos.

40. **A parte do solo.** *A renda*, o segundo factor do producto, representa, em economia politica, o que é pago pelo emprego de um agente natural, sejam um terreno, jazidas de mineraes, rios ou lagos. A renda de uma casa ou de uma fabrica não é, pois, toda a renda na verdadeira accepção da palavra. Um certo capital tendo sido gasto para a construcção da casa ou da fabrica, um juro deve ser pago sobre este capital; devemos então deduzir este juro do que é commumente chamado renda para podermos descobrir o que é realmente uma renda. A renda de uma casa é a quantia paga pelo terreno no qual ella está edificada; e será mais proximamente a verdadeira renda, pondo de parte o juro. Semelhantemente a renda ordinaria de uma herdade inclue de ordinario o juro do capital dispendido na sua construcção, nas estradas, portões, cercas, canaes e outros melhoramentos. Depois aprenderemos exactamente donde procede a verdadeira renda.

41. **A parte do capital.** A parte natural do capital é o *juro*; porém, é de ordinario muito menor do que o que actualmente fica em poder

do capitalista. Os negocios são geralmente comprehendidos por algum capitalista que aluga uma zona de terreno, constroe uma fabrica, adquire machinismos, e então emprega individuos para trabalhar nas machinas, pagando-lhes salarios. O proprio capitalista muitas vezes é o administrador, e trabalha diariamente quasi tanto como os operarios. Quando as mercadorias estão acabadas e vendidas, arrecada todo o dinheiro e guarda-o; mas então já tem pago uma grande somma em ordenados emquanto as mercadorias se manufacturavam; e tambem o aluguel do terreno que tomou. Tendo apartado estas quotas, deve ficar um certo *lucro*, do qual uma parte empregará em manter-se. Porém, este lucro deve sempre constar de mais alguma cousa que o juro do capital, encerrará tambem uma remuneração pelo trabalho de administrar o negocio. O director de uma fabrica raras vezes póde siquer tocar no algodão, linho, ferro ou outras materias que são manufacturadas; não obstante, trabalha com a intelligencia e com a penna calculando os preços pelos quaes poderá vender as mercadorias, indagando onde poderá comprar mais barato as materias primas, escolhendo bons operarios, cuidando das contas, e assim por diante. Um trabalho mental assiduo é realmente muito mais difficil e fastidioso, do que um trabalho manual; e para se collocar um negocio em bom andamento e atravessar-se epocas calamitosas, um director tem que supportar grandes desgostos e



fadigas mentaes. Assim, é necessario que, si fôr bem succedido, receba uma parte consideravel do producto, de modo que o lucro compense o trabalho. Esta parte é chamada *despeza de superintendencia*, e ainda que seja ordinariamente muito maior do que a de um simples trabalhador é realmente um ordenado da mesma natureza.

Uma outra parte do lucro dos capitalistas deve ser posta de lado como *seguro contra os riscos*. Ha sempre mais ou menos incerteza em um negocio, e mesmo o administrador mais habil e prudente póde perder dinheiro por uma serie de circumstancias, contra as quaes não se prevení; algumas vezes, depois da construcção da fabrica, os pedidos das mercadorias que elle tem de fabricar acabam-se; em outros casos as materias primas não podem ser adquiridas; talvez descubra, porém ja tarde, que a fabrica foi construida em um local inconveniente, por acaso, da mesma sorte, os operarios ficam descontentes e recusam-se a trabalhar pelos salarios que o capitalista póde pagar. Então, todas as vezes que occorrer estes erros ou infortunios, é o capitalista o que mais soffre, porque perde enormes quantias que poderiam proporcionar-lhe um outro modo de vida mais confortavel. Ha casos em que individuos que trabalharam vigorosamente durante toda a vida, e enriqueceram-se gradativamente, perdem todos os seus bens no termo de seos dias.

devido a algum erro de calculo ou a alguma empreza infeliz, de que não foi culpado.

Um capitalista deve, então, ter alguma coragem para supportar estes revezes; emprestando o seu capital ao governo póde obter um certo juro, e ficar inteiramente descansado de não perdê-lo. Si, entretanto, empregal-o em um negocio, correndo o risco de perdê-lo, deve ter por isso uma recompensa. Esta deve, pelo menos, equilibrar as vantagens do bom exito de um negocio, com as perdas de outros, de maneira que os capitalistas obtenham, na media, os juros do capital e mais os ordenados pela administração livres de perdas. Podemos estabelecer, então, que

*lucro = ordenados pela administração.*

42. **Do juro.** O que se paga pelo emprego do capital, inteiramente a parte o que é devido ao trabalho e risco do administrador do negocio, é chamado *juro*. Este, sem duvida, póde ser maior ou menor, conforme a somma do capital é maior ou menor; será tambem proporcional ao tempo em que o capital esteve empregado. Desta forma a taxa do juro é sempre estabelecida em proporção a quantidade do capital e do tempo; *cinco por cento ao anno* quer dizer que, de cada cem mil réis, cinco mil réis são deduzidos por cada anno em que o capital é empregado, e na mesma proporção para epochas mais ou menos longas.

A taxa de juro actualmente paga em uma transacção varia muito de um a dous por cento,

até cincoenta por cento ou mais. Quando a taxa é acima de cinco ou seis por cento, até um certo ponto, não é mais um juro real, mas sim para compensar o risco da perda de todo o capital. Para conhecer-se a verdadeira taxa media do juro, deve-se indagar quanto se paga pelo dinheiro emprestado áquelles que são certos em restituil-o novamente, e que dão propriedades como garantia, de modo a não haver duvida sobre a restituição. Parece provavel que a verdadeira taxa media de juro na Inglaterra é presentemente cerca de quatro por cento, porém é variavel em cada paiz, sendo mais baixa na Inglaterra e Hollanda do que em outra qualquer parte. Nos Estados Unidos da America do Norte é, provavelmente, seis ou sete por cento.

O facto mais importante acerca do *juro* é que *elle é o mesmo em qualquer negocio*. Os lucros differem muito, é verdade, porque o trabalho de superintendencia é differente ou porque ha mais risco em um commercio do que em outro. Mas o juro real é o mesmo porque o capital, sendo emprestado sob a forma de moeda, póde sel-o para qualquer industria. Não ha nada em um capital circulante que o torne mais adaptado a um commercio do que a outro; consequentemente deverá ser emprestado áquella industria que offerecer sempre um juro maior do que as outras. Assim: *ha uma tendencia constante para a uniformidade do juro em todos os ramos de industrias*.



## CAPITULO VII

### Salarios.

43. **Salario apparente e salario real.** O salario, como já vimos, é o pagamento recebido pelo trabalhador a troco do seu trabalho. Não tem grande alcance o facto do pagamento ser feito diariamente, em cada semana, todos os mezes, de tres em tres mezes ou no fim de cada anno. Na Inglaterra a diaria de um jardineiro é, ordinariamente, paga á tarde; um artista é usualmente pago aos sabbados, ou ás sextas feiras á noite, ou algumas vezes quinzenalmente; os empregados recebem os ordenados mensalmente; os directores, funcionarios, amanuenses, e outros, são pagos por trimestres, ou em outras vezes semestralmente. Quando os ordenados são pagos mensalmente, ou em um longo intervallo, são geralmente chamados *salarios* (do latim *salarium*, dinheiro dado aos soldados romanos para sal) mas si estes fôrem sómente o preço do trabalho, são exactamente da mesma natureza que os ordenados propriamente ditos.

Dissemos, no ultimo capitulo, que o ordenado consta de uma parte do producto do trabalho, da

terra e do capital; no paragrapho precedente declarámos que consiste em pagamentos. Aqui apparece uma das grandes difficuldades do nosso assumpto. De facto, o salario recebido pelos trabalhadores, presentemente, consiste quasi sempre em dinheiro. Um individuo que trabalha em algodão fabrica fios de algodão; mas não recebe no fim da semana o equivalente do seu trabalho em fios de algodão; recebe uns tantos mil réis. Isto é muito mais commodo; porque si o operario recebesse algodão, ou outra commodidade que tivesse produzido, teria que vendel-a para comprar alimento, roupa e pagar o aluguel da casa. Em lugar de receber, pois, uma parte de um producto, recebe do capitalista uma certa quantidade de dinheiro correspondente ao seu valor.

Agora podemos ver o que é exigido para distinguirmos o *salario apparente* do *salario real*. Um operario trabalha realmente para comer, vestir-se, beber, fumar e para outras cousas que consume; estas constituem o salario real. Comtanto que adquira mais cousas, pouco se incommoda que ganhe mais ou menos salario em dinheiro; não póde comer dinheiro nem empregal-o de uma certa forma, sinão nas lojas. Si o trigo ou o algodão encarecer, o salario de cada operario tornar-se-á realmente diminuido, porque então póde comprar menos trigo ou algodão com o salario em dinheiro. Os homens estão acostumados a ligar demasiada importancia á quantidade de mil

réis que ganham por um dia de trabalho, imaginam que, si ganharem 25 por cento mais alem do salario em dinheiro, devem ser 25 por cento mais ricos. Mas não é necessariamente este o caso; porque si os preços medios das mercadorias forem tambem elevados a 25 por cento, não ficarão realmente nem mais ricos, nem mais pobres do que antes.

Começamos agora a comprehender que o augmento do producto do trabalho é realmente o facto importante para cada um. Porque, si alguma mercadoria, como o tecido de algodão póde ser feita com menos trabalho, póde ser vendida por menos preço, cada um póde comprar mais, pelo mesmo preço, e assim ficar melhor vestido. Si acontecer o mesmo caso com outras mercadorias, de maneira que o linho, as meias, os sapatos, os tijolos, as casas, as cadeiras, as mezas, os relogios, os livros, etc., sejam feitos em maior quantidade do que antes, com o mesmo trabalho, cada um será melhor servido com as cousas que realmente desejar obter.

E' certo que, *um augmento real de ordenados para o povo em geral só póde ser obtido fabricando-se objectos baratos*. Não ha duvida que algumas vezes um negociante não ganha quando as mercadorias tornam-se mais caras, mas á proporção que ficam mais caras os consumidores perdem, porque privam-se de um certo conforto e das cousas mais necessarias á vida. Po-



rém, si as mercadorias fôrem fabricadas por menor preço, todos os consumidores ganham de todas as maneiras, e todos sendo consumidores, todos ganham logo que se utilisem desses artigos baratos. Não deve resultar disto que os operarios e os commerciantes soffram com o elevado preço das mercadorias. Si, devido a alguma invenção, uma grande quantidade de cousas é feita com o mesmo trabalho, o operario estará provavelmente habilitado a vender a sua parte do producto, mais cara do que antes, isto é, se o salario augmentará em vez de diminuir com o barateamento do producto. O negociante, em compensação, ganhará menos em cada artigo que vender, porém como poderá vender então muito mais, os seus lucros finaes augmentarão. O resultado a que chegamos é, pois, que *todo o augmento do producto e barateamento das mercadorias redundam em beneficio do povo e é o verdadeiro modo de tornal-o mais rico.*

44. **Como se apresentam as differenças de salarios.** E' muito importante comprehender exactamente a razão das grandes differenças que ha nas taxas de salarios pagos nas differentes profissões. Alguns trabalhadores são pagos cem ou mesmo mil vezes mais por um dia de trabalho do que outros, e póde parecer muito injusto que haja tão sensiveis desigualdades. Devemos considerar que isto é o resultado necessario dos variados caracteres e das faculdades

de certas pessoas, de algum modo provindos da força mental ou physica com que nasceram, de alguma forma da educação e da experiencia que conseguiram adquirir. Ouvimos dizer muitas vezes que todos os homens nasceram livres e eguaes; comtudo, este facto póde ser verdadeiro sob o ponto de vista legal, não o é em outros. Uma criança é, muitas vezes, forte e robusta desde os primeiros annos; uma outra, é fraca e doente com os mesmos exercicios. Na intelligencia ha ainda mais notaveis differenças.

As tabellas de salarios em differentes empregos são reguladas pelas *leis da offerta e da procura* que depois estudaremos. Do mesmo modo que as mercadorias sobem de preço quando ha poucas no mercado e são muito procuradas, assim tambem o preço do trabalho do homem augmenta quando muito de uma certa especie é procurado e pouco encontrado. E' indifferente que distingamos entre a procura de mercadorias e a do trabalho, o que é preciso para se fazer mercadorias. Quanto mais objectos de uma certa especie forem necessarios, mais homens capazes de fazel-os devem ser procurados. Si comprarmos um barometro aneirode, utiliza-mo-nos do trabalho de um homem capaz de fazer um tal barometro; si muitos individuos tiverem a phantasia de possuirem barometros aneirodes, e que só uns certos operarios sejam dotados de habilidade para construil-os, podem estes exigir um elevado preço

pelo seu trabalho. É verdade que as pessoas que compram barômetros não pagam ordinariamente aos operários para fazel-os; um individuo com algum capital compra os barômetros feitos anteriormente e os expõe á venda em uma loja. O capitalista adianta o salario aos operários mas sómente por algumas semanas ou mezes, e conforme a procura dos barômetros é animada ou demorada, emprega mais ou menos operários. Assim: *a procura de commodidades é mais ou menos, posto que não inteiramente, o mesmo que a procura de trabalho.* O lucro do capitalista deve ser considerado; mas, a parte esta excepção, *a taxa dos salarios é regulada pelas mesmas leis de offerta e de procura como os preços das mercadorias.*

Tudo o que affecta, portanto, o numero de homens aptos e promptos para executar uma especie particular de trabalho, affecta os salarios destes individuos. Assim, a principal circumstancia que regula os salarios é o numero comparativo das pessoas que foram educadas conforme os diversos grãos de força tanto physica como mental. A maior parte de individuos emquanto gosam perfeita saúde, são sufficientemente dotados de força muscular para executar trabalhos communs; a offerta desses individuos é consequentemente muito abundante; e a menos que possam adquirir um certo conhecimento particular ou destreza, não podem esperar elevados salarios. Os anões e os gigantes são



sempre muito menos communs do que os homens de estatura mediana; si se desejar um trabalho importante que sómente possa ser executado por anãos ou gigantes, poderão estes exigir elevados salarios. Os anãos, entretanto, não têm uma applicação especial excepto para se exhibirem como curiosidades; os individuos muito mais vigorosos, tambem, não são geralmente indicados para uma funcção particular, porque os trabalhos muito peizados são actualmente feitos por machinas. Podem, entretanto, ganhar até ordenados muito elevados quebrando carvão, ou forjando ferro, porque estes trabalhos exigem uma grande força e resistencia que ainda não são commumente utilizadas pelas machinas. Os forjadores de ferro algumas vezes ganham salarios relativamente elevados.

E' com uma grande pericia e conhecimento que geralmente um homem se habilita a ganhar grandes salarios. Os ricos gostam dos objectos de excellente qualidade, e assim alguns individuos que possam fazel-os do melhor modo possivel devem exigir preços muito elevados. Quasi todas as pessoas cantam mais ou menos bem; porém, difficilmente alguem poderá cantar tão bem como Mr. Sims Rieves; assim este póde ganhar talvez vinte ou trinta mil réis por cada peça. Dá-se o mesmo factó com os bons artistas, actores, advogados e engenheiros. O artista é ordinariamente o capitalista de si proprio, por-

que sustenta-se durante muitos mezes, ou mesmo annos, emquanto está pintando um quadro; si acontecer executal-o excellentemente, póde vendel-o por alguns contos de réis, porque são muito ricos os que desejam possuir bons quadros.

45. **Adam Smith e os ordenados.** Ha, comtudo, varias circumstancias que fazem com que os honorarios de um certo emprego sejam máis ou menos elevados do que em outros, e vamos nos occupar com o-que Adam Smith disse sobre este assumpto. Elle menciona cinco circumstancias principaes que adaptam pequenos salarios a alguns empregos e equilibram grandes salarios com outros, como se segue:

(1) **A conveniencia e a desconveniencia dos empregos.** Si um emprego fôr por si mesmo comparativamente agradavel, attrahe aquelles que do outro modo não o desejariam com os salarios correntes. Assim, os officiaes do exercito e da armada não são na media bem pagos; por-rem nunca ha difficuldade em encontral-os, porque ao trabalho, aliás facil, estão alliadas a honra e a influencia. Por outro lado, um bom carniceiro ganha elevados salarios, porque esta profissão é repugnante, além, de ser, considerada cruel, e um individuo habilitado só de-verá abraçal-a em rasão dos seus vantajosos salarios.

(2) **A vida facil e barata ou a difficulda-de e despeza para habilitarmo-nos a exercer**

**uma profissão.** Esta circumstancia sempre tem muita importancia, porque a maior parte da população é pobre, e por consequencia não póde dar a seos filhos uma educação muito esmerada. Assim, a maior parte dos jovens está apenas preparada para empregos manuaes ordinarios, e portanto alcançam collocações baixas. Para se aprender uma profissão, como a do architecto ou do engenheiro, é preciso dispende-se elevadas sommas, tornar-se aprendiz em uma boa officina, e gastar-se muitos annos em praticar e esperar antes de conseguir algum resultado. Por esta razão, algumas pessoas que comparativamente são bem succedidas nestas difficulosas profissões ganham salarios muito elevados.

(3) **A constancia ou inconstancia de um emprego.** Quando um individuo está certo de ser empregado e pago regularmente todos os annos, está ordinariamente disposto a aceitar um pequeno ordenado. Assim ha pouca difficuldade em se encontrar na Inglaterra individuos que queiram ser policiaes pelo preço de 25 shillings por semana; não obstante terem de desempenhar as suas obrigações durante a noite e em serviços muitas vezes aborrecidos e desagradaveis, todavia, os policiaes estão intimamente convencidos de que terão emprego, emquanto comportarem-se bem. Um carpinteiro ou um pedreiro, ao contrario, é muitas vezes despedido do trabalho, e torna-se apprehensivo sobre o modo de sustentar suas familias.



Os pedreiros e tijoleiros, que não podem trabalhar durante a época das geadas, devem sem duvida ter elevados salarios durante o resto do anno, de modo a accumular uma boa provisão. Os individuos que trabalham nos diques e que são simplesmente vigorosos e sem nenhuma habilitade particular, ganham bons salarios quando o commercio é activo e quando muitos navios entram nas docas; outras vezes, quando o commercio está fraco, ou quando ventos contrarios retêm as embarcações fóra do porto, frequentemente cahem na miseria por falta de emprego.

(4) **Da confiança que se deve ter naquelles que exercem empregos.** Esta circumstancia affecta consideravelmente a um povo acostumado a certas occupações. Uma pessoa, que não tenha boa conducta, não póde esperar obter um emprego em um banco ou em umau oriver-saria. Não ha nada tão difficil para uma pessoa tida como deshonesta como encontrar uma collocação vantajosa. Assim, uma boa reputação vale muitas vezes muito dinheiro. A honestidade, realmente, é tão commum que não exige sómente elevados salarios, porém, é um dos seus requisitos. O individuo muito habil nunca poderá ser administrador de um grande negocio, quando haja motivos para se julgar que cometteo alguma fraude.

(5) Finalmente: **a probabilidade ou improbabilidade do successo em um emprego affecta grandemente o salario daquelles que**

**alcançam bom exito.** Em alguns casos, um homem pôde difficilmente evitar o bom exito; si por ventura assentar praça, torna-se soldado quer queira, quer não. Quasi todos, da mesma sorte, que se empregam em bancos, escriptorios commerciaes ou em repartições publicas podem fazer carreira executando alguns trabalhos exigidos nesses empregos. Consequentemente, os empregos são raras vezes bem pagos. Porém, para aquelles que se tornam advogados, sómente alguns têm conhecimentos especiaes, habilidade e tino exigidos para serem bem succedidos; alguns destes conseguem grandes resultados, e outros quando mal succedidos devem procurar outro meio de vida.

Certas occupações são muito mal pagas, porque podem ser desempenhadas por individuos que não tenham sido bem succedidos em outras. Freqüentemente uma pessoa depois de aprender um officio, ou uma profissão acha que não lhe é propria; em outros casos uma diminuição na procura de uma commodidade obriga os fabricantes a tentar outro meio de vida. Estes individuos são ordinariamente muito idosos e pobres para recommencarem a vida de novo, e aprenderem um outro officio difficil. Assim, devem aceitar o primeiro emprego que se lhes apresente. Os individuos regularmente educados que não conseguem prosperar vão ser amanuenses, agentes commerciaes ou de seguros, pequenos commerciantes de vinhos e procuram outras occupações semelhantes.

Os homens sem instrução vão guiar carroças, assentam praça, ou vão quebrar pedras; as mulheres pobres tornam-se costureiras ou criadas. Donde, ainda uma vez, vemos a necessidade de deixar a cada um inteira liberdade para aprender uma profissão que possa dirigil-a; não é só prejudicial ao publico, mas muito injusto para as pessoas desgraçadas, quando excluidas de empregos em virtude de restricções artificiaes apresentadas por aquelles que já exercem esses empregos.

46. **O que é um salario rasoavel?** Diz-se geralmente que *um homem deve ganhar um bom salario a troco do seo trabalho; mas é uma sentença illusoria*. Nada a primeira vista póde ser mais rasoavel e mais justo; mas quando examinamos a sua verdadeira significação logo vemos que não ha um sentido real em tudo isto. Reduz-se simplesmente a que *um homem deve ter o que deve ter*. Não se póde explicar o que é um salario rasoavel. Alguns operarios só ganham na Inglaterra um shilling por dia, outros dous, tres, e mais shillings; outros garham dez, e até mesmo vinte shillings por dia; qual destas diarias é um salario rasoavel? Si a expressão quer dizer que todos devem receber a mesma diaria, então todas as faculdades e caracteres differentes dos homens devem primêiramente ser equiparados e exactamente identificados. Vimos que os salarios variam de accordo com as leis de offerta e



de procura, e tambem que os operarios differem em habilidade e em força, e no modo de produzir as mercadorias, deve haver portanto differença na procura destes productos. Semelhantemente, tanto não deve haver uma tabella rasoavel de salarios como tambem não póde haver um preço equitativo para o algodão ou para o ferro. Tudo é um meio de negocio; aquelle que tem trigo, algodão ou ferro, ou outras cousas em seo poder, tem o direito de vendel-as pelo melhor preço que puder alcançar, comtanto que não impeça aos outros de venderem as suas mercadorias do melhor modo que intendem. Deste modo, todo o operario tem perfeitamente o direito de vender o seu trabalho pelo mais elevado salario que puder alcançar, comtanto que não vá prejudicar a eguaes direitos de outros para venderem o seo trabalho como lhes aprouver.

---

## CAPITULO VIII

### **Ligas-operarias.**

*(Trades-unions)*

47. **Fins das ligas-operarias.** Os operarios ordinariamente pensam que o melhor meio de elevar os seus salarios é formar as ligas-operarias, para obrigar os patrões a pagar-lhes melhores salarios. *A liga-operaria é uma associação de operarios empregados em uma certa especie de officio, os quaes concordam em agir simultaneamente, seguindo as instrucções de um conselho eleito e subscrevem quantias para o pagamento das despezas.* Algumas ligas-operarias differem entre si e são ora bem ora mal dirigidas a semelhança de individuos que uns se comportam bem e outros mal. Alem disso, a mesma sociedade muitas vezes occupa-se de differentes especies de negocios. Ordinariamente na Inglaterra, funcionam como sociedades de soccorros mutuos, isto é, cada membro que contribue com a quota por semana, conjuntamente com a joia e outros pequenos pagamentos, tem o direito, depois de pouco tempo, de receber vinte shillings por semana no caso de adoecer; quando queimadas ou perdidas as suas ferramentas recebe a importancia; quando despedido do tra-

balho recebe dez shillings por semana durante um certo espaço de tempo; si fôr tão infeliz que chegue a se invalidar accidentalmente, receberá uma boa somma como beneficio; e quando morrer será enterrado a expensas da liga. Todas estas disposições são excellentes, porque collocam um individuo ao abrigo das eventualidades que não são usuaes e impede aos operarios de cahirem na miseria. Desde o tempo em que as ligas-operarias funcionam, é impossivel não approval-as muito ardentemente.

Assim as ligas-operarias estão ainda aptas para cuidarem dos seus membros, insistindo afim de que os patrões tornem as fabricas uteis e salubres. Si um só operario fôr queixar-se que as officinas são muito quentes, que uma machina é perigosa, ou uma mina não está convenientemente ventilada, provavelmente não será attendido, ou será convidado a occupar-se com o seo trabalho. Mas si todos forem se queixar ao mesmo tempo e deixarem bem patente que não tencionam voltar para a fabrica, a menos que as cousas melhorem, o patrão pensará seriamente sobre o assumpto e fará tudo por evitar as contendas e perturbações. Cada um se justifica pelo facto de cuidar da sua propria vida e saude; e de tornar as cousas tão convenientes quão possiveis. Portanto, não temos que censurar os operarios pela discussão de taes assumptos entre elles, e pela admissão dos melhoramentos que julgarem



com o direito de pedir. E' inteiramente natura que assim procedam.

Mas ninguem é perfeitamente sabio, e aquelles que não tem muito tempo para adquirirem conhecimentos e aprenderem a sciencia e a economia politica, não vêm quasi sempre os resultados do que querem. Podem pedir algumas vezes o possivel, ou um preço tão elevado que embarçaria completamente o trabalho. Em todos estes assumptos, portanto, os operarios procedem cautelosamente, ouvindo o que os seos patrões dizem, e tomando nota especialmente do estado da opinião publica, porque é a opinião de muitos que nada tem a perder ou a ganhar no assumpto.

48. **O regulamento das horas.** Um dos principaes assumptos de controversia é ordinariamente o numero de horas que um operario pode trabalhar durante o dia. Em alguns officios o operario é pago por hora ou pelo trabalho que faz, de maneira que cada um póde trabalhar por maior ou menor espaço de tempo, como preferir. Neste caso cada individuo é o melhor juiz daquillo que lhe convem, e as ligas-operarias não tem que intervir. Porém, nas fabricas, geralmente falando, não é permittido que os operarios saiam e entrem como entendem; devem trabalhar emquanto as machinas e machinismos estão em movimento, e emquanto os outros companheiros precisam de seos serviços. Por consequencia, deve-se determinar si a fabrica trabalhará onze, dez, nove

ou oito horas por dia. Geralmente o patrão prefere muitas horas, porque pôde adquirir mais trabalho e lucro das suas construcções e machinas e ordinariamente não precisa estar no lugar durante todo o tempo. Parece, pois, rasoavel que os operarios tenham a sua opinião e que tenham voto para decidir por quanto tempo devem trabalhar.

Porém, estes ordinariamente se enganam e pensam que podem ganhar um certo salario tanto por nove horas de trabalho como por dez. Imaginam que o patrão pôde levantar o preço de suas mercadorias, ou tirar antecipadamente a differença dos seus maiores lucros. Mas, a acreditar-se na economia politica, o salario dos operarios é realmente o valor das mercadorias produzidas depois que a renda do terreno e o juro do capital foram necessariamente deduzidos. Si as fabricas, então, produzirem menos em nove horas do que em dez, como acontece ordinariamente, não se poderá ter, no fim de contas, tanto salario para receber. Por outro lado, como as machinas estão melhoradas, o trabalho torna-se mais productivo, e é inteiramente justo que aquelles que são sufficientemente pagos prefiram, dentro dos limites rasoaveis, diminuir as horas de trabalho antes do que augmentar os seus ordenados. Este assumpto depende de muitas considerações e não pôde ser tratado desenvolvidamente nestes Elementos. O que podemos concluir é

que, quando os operarios desejam diminuir as horas de trabalho, não devem exigir o mesmo salario por um dia de trabalho como antes. E' uma cousa diminuir as horas do trabalho; é outra augmentar o preço do salario por hora, e si bem que ambas possam ser reclamadas em certas circumstancias, não devem ser confundidas ao mesmo tempo.

49. **O augmento dos salarios.** O principal fim das ligas-operarias, entretanto, é augmentar o preço dos salarios. Os operarios parecem acreditar que, si não se acautelarem, seos patrões tirarão a parte mais importante do producto, e pagar-lhes-ão muito pequeno salario. Pensam que o capitalista póde dispôr de todos os meios, si não estiverem constantemente attentos de modo a conserval-o no temor de uma grève. Os patrões são considerados como tyrannos que fazem tudo o que querem. Mas isto é inteiramente um engano. Nenhum capitalista póde por mais de um anno ou dous ganhar grandes lucros, porque neste caso, sendo disto informados os outros procuram fazer o mesmo. O resultado será que augmentará a procura dos operarios dessa especie de industria; os capitalistas disputarão entre si para obtel-os, e, geralmente falando, só se habilitarão para conseguil-os em numero sufficiente augmentando a tabella dos salarios.

Não ha rasão entretanto para se pensar que as ligas-operarias tenham algum effeito per-



manente no augmento dos salarios da maioria dos officios. Sem duvida, estes salarios são actualmente mais elevados do que eram vinte ou trinta annos antes; mas até certo ponto, é somente um augmento de salarios em dinheiro, devido a abundancia de ouro descoberto na California e na Australia. O resto do augmento póde ser facilmente attribuido aos grandes melhoramentos das machinas e á prosperidade geral de um paiz. E' certo, tambem, que este augmento de salarios não é limitado ás industrias que tem associações; até mesmo os trabalhadores que não fazem parte de ligas recebem muito mais salario do que antigamente, e os criados de serviço domestico que nunca fizeram gréve, mas que vivem em um emprego até que possam alcançar outro melhor, tem levantado os seus proprios salarios, tanto quanto uma sociedade poderia ter feito por elles.

50. **Gréves e lockouts.** Diz-se que *os operarios estão em gréve, isto é, que se recusam a trabalhar, quando um certo numero concorda ao mesmo tempo em deixar de trabalhar em um dia prefixado para um determinado patrão, de modo a obrigar-o a pagar-lhes melhores salarios, ou de algum modo a ceder a suas exigencias. Quando um ou muitos patrões repentinamente despedem seus operarios ao mesmo tempo de maneira a obrigar-os a receber diminutos salarios ou concordam em alguma alteração no trabalho, é o que*

se chama um *lockout*, e um *lockout* é quasi o mesmo que uma *grève de patrões*. As *grèves* algumas vezes duram muitos mezes. Os operarios vivem então do que economisaram, do auxilio prestado pelos outros operarios, ou das sociedades dos mesmos ou de outras industrias. Os patrões por sua vez perdem muito dinheiro pelo facto de suas fabricas permanecerem paradas e muitas vezes recebem auxilios de outros collegas.

Não ha principio legal ou de ordem moral que se opponha a uma *grève* ou a um *lockout* quando convenientemente dirigidos. Um individuo, quando livre de compromissos e contractos, tem o direito de trabalhar ou não, como entender, isto é, a lei considera-o util a um paiz, em geral, onde o homem é livre para assim proceder. Semelhantemente os patrões são livres para fazer trabalhar as suas fabricas ou não, como entenderem. Nem os patrões, nem os operarios devem realmente romper o ajuste; aquelles que prometteram trabalhar até o fim da semana devem certamente fazel-o; só se tornam livres quando a sua promessa está cumprida. Além disso a ninguem é permittido suspender o trabalho subitamente de um modo perigoso para outrem. Na America os machinistas e os guardas algumas vezes fazem *grève* quando um trem está em meio da viagem, e deixam os passageiros alcançar a cidade mais proxima da melhor forma que podem. Isto equivale quasi a um assassinato. Os empregarios e os

operarios dos gazometros, e dos reservatorios de agua, ou de outros estabelecimentos dos quaes dependem as causas necessarias a vida de um povo, não deveriam parar subitamente o trabalho sem um aviso. A segurança publica deve ser considerada acima de tudo. As leis deviam, entretanto, punir aquelles que promovem taes gréves.

51. **Effeito geral das gréves.** Não nos permite a estreiteza deste pequeno trabalho discutir a materia minuciosamente, porem não temos a menor duvida em affirmar que *as gréves em summa, produzem uma grande perda de salarios áquelles que as fazem e a muitos outros.* Creio que si não tivesse havido uma gréve durante estes ultimos trinta annos, os salarios em geral não seriam mais elevados do que são e egualmente evitar-se-iam grandes prejuizos e privações. Isto, de facto, foi demonstrado pelo Dr. John Watts, de Manchester, no seo “Catechismo de salarios e capital” no qual demonstra que uma gréve, comquanto bem.sucedida, em geral occasiona prejuizos. Levando em linha de conta, diz elle, as interrupções accidentaes não ha nas industrias mais regulares mais de cincoenta semanas de trabalho em um anno, cada semana representa portanto dous por cento do anno. Si uma gréve para exigir quatro por cento do augmento de salarios fôr bem succedida depois de quinze dias successivos, exigirá doze mezes de trabalho pela nova taxa para compensar a quinzena perdida; e si uma gréve para



reclamar oito por cento mais durar quatro semanas, os operarios não serão mais ricos no fim de maneira, que frequentemente acontece, mesmo quando uma gréve é bem succedida, effectuar-se uma revisão de salarios antes que as ultimas perdas estejam concluidos, é, portanto, semelhante a um bom processo — que arruina menos do que um máo succedido.” Si nos lembrarmos que uma grande parte das gréves são mal succedidas nas quaes ha certamente uma simples perda para cada um que tomou parte; que quando bem succedidas o augmento dos salarios deveria provavelmente ter sido obtido de uma maneira gradual sem ellas; que o prejuizo pelas gréves não é limitado a uma simples perda de salarios, mas ha tambem damno para os negocios e para os capitalistas, as quaes acabam por prejudicar a todos no fim de contas; ser-nos-á impossivel duvidar que o resultado liquido das gréves é um completo prejuizo. A conclusão a que chegamos é que, *em regra geral, a gréve é uma loucura.*

52. **A intimidação nas gréves.** Os grévistas não têm o direito de obstar que os outros operarios occupem os seus logares. Si houver individuos desempregados, habilitados e dispostos a trabalhar por diminutos ordenados, é em beneficio de todos, excepto dos grévistas que estejam desempregados. É uma questão de offerta e de procura. O patrão, geralmente falando, tem o direito de adquirir o trabalho pelo menor preço

possivel, e si houver trabalhadores que appareçam offerecendo-se para trabalhar por um reduzido salario, não lhe ficaria bem pagar elevadas taxas.

Mas é infelizmente commum aos grévistas procurar persuadir ou mesmo amedrontar os operarios que procuram tomar os seus logares. Isto equivale a reclamar um direito para a industria de uma localidade particular, que nenhuma lei ou principio lhe permite. Uma grève só é legitima e legal, quando é inteiramente voluntaria da parte de todos combinados em recusar o trabalho. Quando um grévista começa a ameaçar ou de certo modo a obstar a outro companheiro para trabalhar como queira, comette um crime por oppôr-se a sua liberdade e ao mesmo tempo por prejudicar o publico. Os homens são livres para recusarem-se a trabalhar, porém, é absolutamente necessario defender o direito dos outros de trabalhar como lhes aprouver. As mesmas considerações, certamente, applicam-se aos *lockouts*; o patrão que despede seus operarios não tem o direito de intimidar, ou de alguma forma obrigar aos outros collegas para fazer o mesmo. Sem duvida, um accordo voluntario deverá ter sido feito entre os patrões, e os *lockouts* deverão tambem ter sido combinados, justamente, como as grèves importantes são arrançadas antecipadamente. Si certos patrões forem além, e ameaçarem com injurias aos outros seus collegas que não se uniram para o *lockout*, deverão ser seve-

ramente punidos. Porem esses casos raramente ou nunca acontecem. Assim, as grèves e os *lockouts* só são legitimos, como meras tentativas, para verificar-se si o trabalho apparecerá com uma certa taxa de salarios, ou debaixo de certas condições.

Si os operarios de uma industria convence-rem-se de que seos salarios são muito baixos, então uma grêve mostrar-lhez-á si ella era ou não justificavel; si seos patrões se acharem desprevenidos a adquirir egualmente bons operarios pelos mesmos salarios, terão que offerecer mais; porem si puderem obter tão bons pela taxa antiga, então isto é uma prova que os grévistas se enganaram. Seos salarios eram tão rasoaveis como o estado da industria admittia. Tudo isto é uma questão de offerta e de procura. Os grévistas estão nas condições daquelles que, tendo um deposito de mercadorias, recusam-se vendel-as, desejando alcançar melhor preço. Si enganam-se, devem soffrer as consequencias, e aquelles que preferem vender suas mercadorias neste meio termo auferirá lucros. Porem isto é simplesmente para que nunca se permitta que um possuidor de mercadorias intime e obste a outros de vender para o publico. E' digno de consideração si as combinações voluntarias dos commerciantes devem ser sempre toleradas; ellas são muitas vezes peiores do que as conspirações para roubar o publico. A vantagem dos consumidores, isto é, de



todos, é que devemos sempre considerar, e póde-se melhor assegurar, que os individuos actuaem livremente e compete a cada um comprar os objectos pelo preço mais barato.

53. **Monopolios das ligas-operarias.** Não se póde negar que em certas industrias póde-se conseguir até certo ponto pela união manter os salarios acima do nivel natural. Os salarios como os preços das mercadorias, são regulados pelas leis da offerta e da procura. Por consequencia, is o numero de fabricantes de chapéos pudesse ser limitado, diminuiria o numero de chapéos feitos, elevando-se os seus preços, e habilitando aos officiaes desta industria exigir salarios mais elevados do que aliás poderiam obter. Muitas sociedades procuram por esta forma limitar a producção recusando admittir mais do que um numero fixo de aprendizes, e tambem trabalhar com certos individuos que não tenham sido educados no officio. E' provavel que, si este fôr pouco importante, e a liga poderosa, póde ter algum successo. O commercio se torna um monopolio, e obtem os mais elevados salarios fazendo o publico pagar mais caro pelas mercadorias que consume. Elles levantam um imposto sobre o resto da nação, incluindo todos os operarios de outras profissões. E' um principio inteiramente egoista e pernicioso, e as leis devem por todos os meios rasoaveis reprimir taes monopolios. Alem

disso, o monopólio é extremamente nocivo no fim de contas ás classes laboriosas, porque todos procuram imitar aos que são bem succedidos. No caso que os chapeleiros tivessem uma forte sociedade, os sapateiros, os alfaiates e as costureiras procurariam formar sociedades semelhantes e restringir o numero de empregados. Si fossem bem succedidos o resultado seria absurdo; *seria difficil enriquecerem-se com a pobreza de cada um.* Como já demonstramos nos *Elementos de logica* (secção 177, p. 117) isto é um erro de logica, que se origina da confusão entre um termo geral e outro colectivo. *Porque uma industria considerada separadamente pôde tornar-se mais rica prejudicando as outras, não se segue que todas as indústrias adoptem e façam simultaneamente, a mesma cousa, podendo tornarem-se mais ricas.*

Sem duvida, os operarios pensam que, quando os seus salarios são levantados, sahem dos bolsos de seus patrões. Mas isto é ordinariamente um completo engano; os patrões não farão negocio sem augmentar o preço de suas mercadorias, e então vem dos compradores o augmento que pagam nos salarios. Sempre precisarão de um pouco mais para compensal-os do risco do negocio com os operarios que fazem grèves por momentos, interrompendo desta forma as transacções. São os consumidores que finalmente pagam o augmento dos salarios, e comquanto os ricos, sem duvida,

paguem uma parte do custo, é em grande parte o trabalhador que contribue para os mais elevados salarios de alguns dos companheiros.

O resultado geral dos monoplios das ligas-operarias é inteiramente desastroso para os proprios operarios. Si um d'entre cem, ou um d'entre mil é beneficiado, o resto é gravemente prejudicado. As restricções sobre o trabalho que estabelecem tendem a impedir que os individuos façam o que estão promptos e dispostos a fazer. Os felizes vivem a custa daquelles que excluem de trabalhar e as gréves e as interrupções do trabalho, provocadas pelos esforços de sustentar os monoplios, diminuem o producto distribuido como salario.

54. **As ligas-operarias profissionaes.** Muitas vezes ouvimos dizer que a existencia das ligas-operarias justifica-se pelo facto dos advogados, medicos, e outras classes de profissionaes tambem terem suas sociedades, institutos ou outras agremiações que não passam de ligas-operarias. E' o que se póde chamar um argumento *tu quoque* (tu tambem). "Formamos ligas porque tambem as formaes." Isto em todo o caso é um pobre argumento; o individuo que age imprudentemente não é desculpado pelo facto de outro fazer do mesmo modo. Estamos perfeitamente promptos a admittir que muitos dos estatutos das sociedades de advogados e solicitadores não são melhores do que os das ligas-operarias. Um advogado deve



iniciar-se assistindo a certos jantares; nunca deve receber emolumentos abaixo de uma certa somma; nunca deve communicar-se com um cliente sinão por meio de um solicitador; um advogado idoso deve sempre trabalhar com um mais moço; e muitas regras da chamada *etiqueta* claramente têm por fim elevar os lucros da profissão legal. Muitas cousas deste genero exigem uma reforma. Porem, por outro lado, estas sociedades evitam muitos erros das ligas-operarias. E' illimitado o numero de pessoas que podem entrar; todos os homens de bôa conducta e instrucção sufficiente podem tornar-se advogados e solicitadores. Além disso, o começo das carreiras da jurisprudencia, medicina, e de muitas outras, é cada vez mais regulado pelos exames que são feitos puramente para tornar um individuo habilitado para o serviço publico. Não ha nenhuma experiencia feita nestas ligas-operarias profissionaes para impedir que um membro procure tanto quanto possa servir o publico com as suas melhores habilitações. Estas ligas-operarias profissionaes são assim livres de *alguns* dos males peculiares ás outras ligas.

55. **Prejuizos sobre o trabalho.** Um dos enganos mais communs e dos peiores que commetemos em economia politica é imaginar que os salarios podem ser augmentados fazendo-se o trabalho vagarosamente de maneira que sejam necessarios muitos braços. Os operarios pensam

simplesmente que quanto mais homens exige um trabalho, mais salarios, podem ser pagos pelos patrões, e mais dinheiro passará dos capitalistas para os trabalhadores. Parece-lhes entretanto, que uma machina, uma invenção, ou uma inovação que apressa o trabalho, tende a diminuir os seus salarios. Nesta ideia, os ajudantes de pedreiros recusam (ou têm recusado ultimamente), carregar tijolos para as partes mais elevadas das construcções por meio de corda ou manivella; preferem a maneira antiga laboriosa e perigosa de carregar os tijolos aos hombros subindo escadas, porque o trabalho assim exige mais braços. Semelhantemente os tijoleiros recusam empregar qualquer machinismo; os pedreiros evitam totalmente collocar pedras preparadas por meio de machinas; e alguns compositores tambem oppõem-se a trabalhar em officinas onde estão introduzidas as machinas de compôr. Todos elles tem receio que si o trabalho fôr feito mui facil e rapidamente, não serão necessarios para fazel-o; pensam que si houver mais homens do que logares os salarios se resentirão disso. Em cada um destes casos é um erro absurdo e muito funesto.

Si persistirem, sem duvida, em se applicarem ao máo processo de fazer um certo trabalho desde que um melhor tenha sido inventado, obterão pequenos salarios e talvez acabem os seus dias em um hospital. Assim, os tecelões de Spitalfields continuam a tecer com as mãos, em vez

de aprenderem a tecer com as machinas a vapor; acontece pouco mais ou menos o mesmo caso com os fabricantes de pregos do sul de Staffordshire. Entretanto quando os operarios mais moços de uma fabrica estão bem praticos e são bastante previdentes para adoptarem uma nova invenção logo que tenha bom exito, nunca têm prejuizo, e ordinariamente tiram muito resultado. As costureiras inglezas recebiam infelizmente miseraveis salarios antes da introdução das machinas de costura pelos americanos, e pensavam que morreriam de fome quando o mesmo trabalho pudesse ser feito vinte vezes mais de pressa nas machinas do que a mão. O resultado, entretanto, tem sido justamente opposto. As que não eram muito moças, habéis e avisadas para aprenderem a coser nas machinas, recebem melhores salarios cosendo a mão do que antigamente. As costureiras que cosem á machina ganham ainda mais, em muitos casos cerca de 20 shillings por semana. Este facto se explica porque, quando o trabalho é barato, gasta-se muito mais. Quando a costura póde ser feita tão facilmente, muitas costuras são feitas nas roupas, e sendo estas mais baratas, são compradas em maior quantidade. Pelo mesmo motivo uma grande quantidade de costuras, de remates e de pospontos não podem ser feitos por machinas e isto proporciona muitos empregos para as que não podem trabalhar nas machinas.

Si os canteiros empregassem machinas para



cortar as pedras, teriam as mesmas vantagens que as costureiras, em vez de serem prejudicados. O preço do talhamento a mão é tão elevado que só os ricos podem fazer construcções de pedras, ou empregal-as na decoração das construcções de tijolo. Os aparelhamentos de pedras são muito mais baratos por meio de machinas, e neste caso muito mais pedras seriam empregadas, e os pedreiros em vez de trabalharem cortando as superficies planas encontrariam mais facil emprego no acabamento, esculptura e assentamento das peças cortadas mechanicamente. Não temos a menor duvida em affirmar que, alem dos que trabalham nas machinas, não deveria haver mais necessidade de pedreiros do que antes, depois da introdução das machinas. Com os compositores acontecerá a mesma cousa, si cedo adoptarem as novas machinas de compôr. E' verdade que um individuo com o auxilio de uma boa machina pôde compôr muito mais depressa do que sem o seo auxilio. Mas, si bem que os salarios pagos por uma composição possam ser assim reduzidos, tantos mais livros, pamphletos, jornaes e documentos de varias especies seriam impressos, que não se faria sentir a falta de emprego. Uma parte do trabalho, tambem, como a de justificação, correcção, paginação, etc., não pôde ser feito por meio da machina, de maneira que, ha sempre muito trabalho para aquelles que não quizerem trabalhar com a machina.

O facto é que *os salarios só podem ser augmentados com o acrescimo do producto do trabalho e nunca com o decrescimento do producto.* Os salarios de todos os operarios constam do producto total restante depois de se deduzir a renda, o juro, e os impostos. Os operarios ganham elevados salarios em Lancashire, porque empregam machinas de fição, que podem fazer uma grande quantidade de trabalho, comparado com o numero de braços empregados. Si recusassem usar as machinas teriam que fiar o algodão com as mãos, como os pobres habitantes de Cachemira. Si não houvesse machinas na Inglaterra, seriam aquelles povos quasi tão pobres como os trabalhadores de Wiltshire. Os homens perdem de vista que *não trabalhamos pelo praxer de trabalhar, mas para o que produzimos pelo trabalho.* O proprio trabalho é o preço desagradavel dos salarios ganhos, e estes salarios constam na maior parte do valor das mercadorias produzidas. E' um absurdo imaginar-se que um individuo póde tornar-se mais rico por ter menos riqueza. Para tornarmos-nos mais ricos devemos produzir mais riquezas, e o fim de cada operario não deve ser trabalhar, mas fazer as mercadorias tão rapida e abundantemente quão possivel.

56. **Trabalho de empreitada.** Algumas ligas-operarias procuram impedir os seus membros que trabalhem por empreitada, isto é, pelo pagamento da quantidade de trabalho feito, em vez

do pagamento do tempo gasto em executal-o. Si um individuo recebe dez pence por hora, trabalhando depressa ou devagar, é evidente para seo interesse trabalhar vagarosamente antes do que apressadamente, a menos que não seja tão indolente que corra o risco de ser despedido. E' bem conhecido o facto dos individuos empregados de empreitada que trabalham muito mais no mesmo tempo do que os empregados a jornal, e é inteiramente melhor que sejam pagos por peça quando o trabalho puder ser exactamente medido. Os individuos ganham melhores ordenados porque são levados a fazer muito mais, e ganham-no mais honestamente, em regra geral. As ligas-operarias, entretanto, algumas vezes oppoem-se ao trabalho por empreitada, dando como rasão que faz o homem trabalhar muito arduamente, e assim prejudica a sua saude. Porém, esta é uma rasão absurda; porque os individuos devem geralmente ser considerados capazes de cuidar da sua propria saude. Ha muitas industrias e profissões nas quaes as pessoas são praticamente pagas por peças, mas isto não é necessariamente baseado no facto de querer as ligas impedir que se matem. E' mais prejudicial que trabalhem muito menos, do que muito mais.

A objecção real que as ligas-operarias apresentam para os trabalhos de empreitada é que com elles o trabalho é feito mais depressa, e assim como pensam, tende sempre a retirar o tra-



balho de outrem. Porem, como já explicámos, os individuos não trabalham por trabalhar, mas para produzirem, e em geral, quanto mais os homens produzem, mais elevados são os salarios. Os membros das ligas formulam os seus argumentos baseados no desinteresse. Dizem que é egoismo de Pedro trabalhar a ponto de privar sempre do emprego a Paulo e a Martinho; mas não reparam nos milhares de Paulos, Pedros e Martinhos e outros empregados que ganham pequenos salarios, e que talvez impeçam com suas theorias ganhar mais. Si a nação como uma totalidade é para ser rica e prospera, devemos, cada um pelo seu lado, trabalhar com todas as nossas forças, produzindo as riquezas que melhor pudermos produzir, e não invejando aos outros um successo maior, si a Providencia dispensou-lhes maiores faculdades. Os individuos podem muitas vezes produzir riquezas por si mesmos sem derramar um beneficio maior pela sociedade, em geral, barateando as commodidades e alliviando o trabalho penoso.

57. **Prejuizos da egualdade.** Os operarios muitas vezes manifestam uma aversão em tolerar que um individuo ganhe mais do que outro trabalhando na mesma officina e no mesmo genero de trabalho. Este sentimento é em parte devido á noção falsa de que trabalhando mais do que os outros, toma-lhes o emprego. De algum modo, entretanto, experimentam um certo descontenta-

mento vendo um companheiro ficar em melhores circumstancias. Este sentimento não é só observado nos operarios. Alguem que reflecta sobre o estado da sociedade deve lastimar que alguns homens sejam tão ricos, e outros tão pobres. Observar-se-á que as leis, que deixam subsistir essas differenças, devem estar erradas. E' necessario reflectir, entretanto, que essas differenças de riqueza não são, na maior parte, produzidas pelas leis. Todos os homens, é sabido, nascem livres e eguaes; é difficil vêr-se como podem nascer livres, quando, depois de muitos annos de nascidos, tem necessidade do auxilio e soccorro de seos paes, e estão propriamente sob a sua tutela. Sem duvida devem tornar-se livres quando crescerem, mas então raramente são eguaes. Um mancebo é sadio, robusto e energico; outro fraco e debil; alguns vivos e intelligentes; outros tristes e estupidos. Sobre estas differenças de corpo e de espirito são impotentes as leis. Um Acto do Congresso não póde tornar um homem fraco nem forte. Succede que depois de moços, alguns individuos são capazes de ganhar mais do que outros. Entre mil homens ou mulheres, tambem, haverá alguns que se distingam por notaveis talentos ou genio inventivo. Um individuo a custa de um trabalho paciente e de uma grande sagacidade inventou a machina de costura, outro o telegrapho, outro o telephone e assim prestaram os maiores serviços possiveis aos vindouros durante os seculos seguintes.

E' evidente, para a vantagem de cada um daquelles que é capaz de ser util á sociedade, que seja animado com todas as recompensas possíveis, com cartas patentes, direitos de autores e com as leis da propriedade em geral. Impedir ou desanimar a um individuo habil de fazer o melhor trabalho que puder, não é certamente beneficiar a outrem. Isto tende a rebaixar tudo a um nivel inferior e a retardar inteiramente o progresso. Todo o homem, pelo contrario, que é incitado pelo trabalho ao estudo e ao desenvolvimento de suas faculdades, não sómente augmenta a sua felicidade, mas tambem a de outrem. Elle mostra que a riqueza póde ser, creada abundantemente e o trabalho diminuido. O que é proprio das grandes aptidões e invenções, tambem o é das menores faculdades e innovações. Si um ajudante de pedreiro póde carregar mais tijolos do que outro, para que impedir de fazel-o? Este poder é sua propriedade; e isto constitue o beneficio para todos aquelles que tiverem permissão de usal-o. Si encontrar um melhor meio de carregar os tijolos, certamente deve ser adoptado de preferencia aos outros. Com o carregamento de tijolos deve-se ter em vista beneficiar aquelles que tem necessidade de casas. Tudo o que torna as construcções das casas mais difficeis e dispendiosas faz com que os individuos sejam alojados peor do que de outra sorte não o estariam. Sómente podemos adquirir as cousas bem



feitas e caras si cada individuo fizer a sua parte melhor e fôr estimulado a executal-a com a promessa de uma recompensa. A cada um então, não só deve ser permittido fazer e ganhar tudo o que puder, como tambem deve ser animado; devemos então supportar as maiores vicissitudes da fortuna; porque um individuo que se torna muito rico uma vez, adquire capitaes, experiencia e os meios de se habilitar a ganhar cada vez mais. Alem disso, é inteiramente falso suppôr-se que, em regra geral, assim procede tomando a riqueza de outrem. Pelo contrario, com o accumulo de capital, construcções de moinhos, armazens, estradas, diques, e com uma organização habil dos officios, muitas vezes habilita milhares de homens a produzirem riqueza, e a ganharem salarios até um certo tempo então considerados impossiveis. Os lucros de um capitalista são ordinariamente uma pequena parte do que paga em salarios, e não pôde tornar-se rico sem soccorrer a muitos operarios a augmentar o valor do seo trabalho para conquistar uma confortavel subsistencia.

---

## CAPTULO IX

### Cooperação, etc.

---

58. **Arbitragem.** Acabamos de considerar os males que advêm, em parte, do conflicto actual entre os juro dos operarios e dos patrões. O assumpto mais immediato é discutir as diversas experiencias que foram apprehendidas para remediar estes males e estabelecer a harmonia entre o trabalho e o capital. Em primeiro logar, muitos individuos pensam que quando uma controversia se manifesta, os arbitros e os juizes devem ser nomeados para ouvir tudo o que póde ser dito de ambos os lados da questão, e assim dicidir qual deve ser a tabella dos salarios durante um certo tempo.

Sem duvida, bastantes rasões podem ser formuladas em favor de um tal methodo, mas, apesar disto, este é incompativel com os principios da liberdade do trabalho e do commercio. Si os juizes forem verdadeiros arbitros, devem ter o poder de obrigar á obediencia as más decisões, de modo que possam destruir a liberdade ao operario de trabalhar ou não como entender, e a do capitalista de empregar livremente o seo proprio

capital, e de vender as mercadorias por qualquer preço em relação ao estado do mercado. Si os salarios forem arbitrariamente estabelecidos deste modo não ha rasão para que se faça o mesmo com os preços do trigo, ferro, algodão, e outras mercadorias. Mas os legisladores têm ha muito tempo reconhecido o absurdo de tentar fixar os preços por meio de uma lei. Estes dependem inteiramente da offerta e da procura e ninguem é realmente capaz de ducidir com certeza quaes serão as condições da offerta e da procura um mez ou dous mais tarde. O governo poderia quasi tão sabiamente legislar sobre o tempo que teremos no verão proximo, como sobre o estado do commercio, que depende muito do tempo, ou das guerras e accidentes de varias especies que ninguem pôde prever. E' impossivel, pois, fixar-se anticipadamente os preços e os salarios por meio de uma lei ou decisão obrigatoria. E' uma questão de troco, compra ou venda e o patrão deve ter a liberdade para comprar o trabalho necessario pelo menor preço que puder adquirir-o, e os trabalhadores de vender o seo pelo mais elevado preço que puder, ambos devem estar sujeitos, sem duvida, a um aviso legal de uma semana ou quinzena.

59. **Conciliação.** Posto que a determinação obrigatoria dos salarios seja evidentemente condemnavel, muitas vantagens podem ser obtidas com os conciliadores, que são pessoas esco-



lhidas para conduzirem uma discussão amigavelmente sobre questões em litigio. As negociações arranjam-se de varios modos; algumas vezes tres ou mais delegados dos operarios reúnem-se a um egual numero de delegados dos patrões, que prestam ao conselho algumas informações que julgam necessarias, e então procuram chegar a um accordo. Em outros casos os delegados expõem as suas respectivas opiniões a um individuo circumpecto e imparcial, que logo procura suggerir os termos sobre os quaes ambas as partes possam se entender. Si estas previamente se compromettem a aceitar a decisão do conciliador ou arbitro, o accordo differe pouco de uma arbitragem, a menos que algum poder legal obrigue á obediencia a decisão. Tem-se lançado o discredito sobre esta forma de conciliação pelo facto de que os operarios tem em muitos casos recusado obedecer a sentença do arbitro quando dada contra elles, e certamente não se pode esperar, em taes circumstancias, que os patrões aceitem decisões contrarias como obrigatorias. Assim somos levados a considerar que o conciliador não deve ser juiz; é simplesmente um amigo imparcial de ambas as partes, tentando remover a desconfiança e os sentimentos hostis, esclarecendo cada uma com as vistas, razões e reclamações da outra, actuando em summa como um medianeiro, e acalmando a questão como o oleo que facilita o movimento das machinas. A solução final deve tomar a forma

de uma permuta voluntaria e directa entre os patrões e os operarios, a qual terá somente um effeito obrigatorio durante a semana ou quinzena na qual os operarios ordinariamente se obrigam a um habito legal. A conciliação pôde desta forma prestar muitos beneficios, mas não remove as causas do conflicto e não pode fazer com que os operarios se compenetrem de que os seus interesses são os mesmos que os de seus patrões.

60. **Cooperação.** Entre as medidas propostas para melhorar a posição dos operarios, a melhor é a cooperação, si comprehendermos por esta denominação *a união entre o capital e o trabalho*. O termo cooperação é usado realmente com varias accepções, das quaes algumas nada tem que ver com o que vamos agora considerar. *Cooperar quer dizer trabalhar conjuntamente* (do latim *cum* = com e *operari* = trabalhar). Ha cerca de trinta e cinco annos alguns operarios de Rochdale, tendo conhecimento dos grandes lucros obtidos pelos negociantes de commercio a retalho, resolveram reunir-se para comprar suas provisões por atacado e distribuil-as pelos membros da sociedade que haviam fundado. Chamaram a esta *Sociedade cooperativa*, e estabeleceram depois um grande numero de armazens cooperativos. Muitos destes que existem pertencem a uma sociedade de compradores, que combinaram comprar nestes armazens e dividir os lucros. Elles tem, em summa, prestado grandes beneficios facilitando

a alguns individuos economisar dinheiro e tomar interesse na direcção dos negocios. Os armazens são tambem uteis, porque entram em concurrencia com os commerciantes e obrigam-nos a abaixar os preços e a tratar melhor os freguezes. Frequentemente ouvimos falar das lojas que vendem mercadorias por *preços cooperativos*.

Porém taes sociedades cooperativas pouco ou nada tem com relação ao capital e ao trabalho. Ordinariamente estes armazens são dirigidos menos sobre o verdadeiro principio cooperativo do que as lojas ordinarias. Uma loja é usualmente dirigida pelo dono ou por um individuo que tem grandes interesses e as melhores rasões para esforçar-se. Os armazens cooperativos, pelo contrario, são muitas vezes dirigidos por homens que são pagos somente com salarios ou ordenados, e nada tem com os lucros e com o capital do negocio.

*A cooperação real consiste em fazer com que todos os que trabalham compartilhem dos lucros.* Presentemente um operario vende o seo trabalho pelo melhor preço que póde alcançar, e nada tem depois com os resultados. Si trabalhar mal o seo patrão é prejudicado. E' verdade que não deve ser muito preguiçoso ou negligente para não ser despedido; mas si procurar ser moderadamente cuidadoso e activo, é tudo o que deve fazer em seo proveito. Sem duvida seria de bom aviso recompensar os operarios mais activos, com ele-



vados salarios, e um patrão intelligente procurará assim proceder quando puder, collocando os melhores operarios nos melhores logares. Porém, as ligas-operarias ordinariamente oppõem-se a isto tanto quanto podem, insistindo para que todos os que fazem um mesmo genero de trabalho no mesmo logar, sejam pagos de uma maneira uniforme. Alem disso, como vimos, muitos homens laboram no erro de acreditar que si trabalharem muito, diminuirão a procura do emprego, e concorrerão para sempre tirar o pão a seos companheiros. Desta forma não é raro estudarem o meio de *não fazerem o trabalho muito de pressa*, em vez de esforçarem-se por fazer a maior quantidade de mercadorias no menor tempo e com o menor esforço. Não consideram que aquillo que produzem forma no fim de contas os seos salarios, de maneira que si pudessem ser incitados pela actividade e cuidado, os salarios elevar-se-iam em todos os officios.

61. **Sociedades industriaes.** A melhor maneira de conciliar o trabalho com o capital seria dar a cada operario uma parte nos lucros da fabrica quando o commercio fosse tão prospero que o permittisse. Charles Babbage propôz, em 1832, que uma parte dos salarios de cada pessoa empregada dependesse dos lucros dos patrões. Nestes ultimos annos este processo tem sido experimentado em muitos estabelecimentos importantes, especialmente na Inglaterra, nas minas de carvão

de pedra dos Snrs. Briggs, e nas forjas da firma Fox, Head & C.<sup>o</sup> O accordo geralmente estabelecido foi que os capitalistas primeiramente tirariam os lucros para pagar 10 por cento de juro sobre o capital os ordenados devidos aos administradores, a titulo de superintendencia, e uma quantia para fazer face as dividas perdidas, concertos, depreciações das machinas, e a todas as outras causas ordinarias de prejuizos. O que restasse dos lucros seria então dividido em duas partes eguaes, uma reverteria para todos os patrões, emquanto que a outra seria dividida proporcionalmente entre os operarios, com relação aos salarios recebidos durante o anno. Muitos operarios com este systema achavam-se pelo Natal de posse de cinco ou dez libras adicionadas aos salarios ordinarios do officio recebidos semanalmente durante o anno.

Esta especie de cooperação chama-se *sociedade industrial* e, si fosse regularmente levada a effeito, apresentaria muitas vantagens. Os operarios, reconhecendo que as festas do Natal dependeriam do successo dos trabalhos, não alimentariam a ociosidade, e teriam certo interesse em evitar as perdas de tempo e de materiaes. Gradualmente aprenderiam que *a melhor ligação operaria é uma sociedade com seos patrões*. As gréves e os lockouts seriam apenas uma lembrança do passado, porque, si os salarios fossem muito exiguos o balanço do fim do anno pro-

varia a rasão, e a metade do excedente passaria aos operarios. Estar livre do perigo das gréves seria uma grande vantagem para os patrões e uma parte dos lucròs que poderiam aparentemente perder seria compensada com o augmento cuidadoso e activo dos operarios. Os patrões continuariam a administrar os negocios inteiramente de accordo com as suas vistas e não teriam necessidade de tornar as suas transacções conhecidas pelos operarios. Apenas exigir-se-ia que habeis guarda-livros examinassem os livros no fim do anno e determinassem a parte dos lucros devida aos operarios. Si este plano fosse francamente desenvolvido, os operarios reconheceriam que trabalhavam realmente tanto para elles como para seos patrões, e as discordias que presentemente apparecem seriam quasi desconhecidas.

Ha grandes difficuldades no modo de realisar esta especie de operação; muitos capitalistas não adoptam-na, porque temem inutilmente tornar conhecidos os seos lucros pelos operarios, e não comprehendem as vantagens que surgiriam de um melhor estado de cousas. Os operarios tambem não a desejam, porque as ligas-operarias se oppõem á cooperação, que consideram funesta ao seo proprio poder. Onde o plano tem sido experimentado tem dado bons resultados até que os operarios, incitados pelas ligas, recusam continuar a mantel-o. Assim são todos os homens, atravez dos prejuizos e da ignorancia levan-



tam obstaculos aos seos proprios interesses e aos da nação.

E' para se receiar, pois, que as sociedades industriaes não façam mais progressos presente-mente, tal é a antipathia manifestada contra ellas pelas ligas-operarias e pelos patrões prejudicados. Não obstante, esta disposição está de accordo com os principios de economia politica, e será provavelmente adoptada pela geração futura. Já, na verdade, muitos bancos, casas commerciaes, e companhias reconhecem praticamente o valor do principio, dando festas ou gratificações a seos empregados no fim de um anno prospero. Uma companhia de estrada de ferro franceza adoptou este systema ha quarenta annos, e como os negocios cahem cada vez mais em mãos de companhias cujos lucros tornavam-se publicos, parece não haver rasão para que deixemos de adoptar a sociedade industrial. Diz-se que o mesmo principio tem sido levado a effeito na grande e prospera empreza de publicidade da firma W. H. Smith & C.<sup>a</sup> Sons.

62. **Cooperação por acções.** Outro modo de cooperação consiste nos operarios economisar os seos salarios até conseguirem um pequeno capital de modo que possam associar-se e possuir fabricas, machinas e materias com que trabalhem. Assim, tornam-se capitalistas e patrões e senhores de todos os lucros. As sociedades cooperativas desta especie são simplesmente *companhias por acções* que estão distribuidas pelos operarios em-

pregados. Sem duvida os accionistas devem escolher os directores entre elles mesmos, e devem tambem ter administradores para gerir os negocios. Os administradores e os directores devem ser bem pagos pelo que fazem e ter uma consideravel parte nos lucros de maneira a interessarem-se pelo successo dos trabalhos, e portanto activos e cuidadosos. Uma direcção incompetente ou negligente cedo arruinará os melhores negocios.

Um grande numero de sociedades cooperativas desta especie tem-se formado nestes ultimos vinte annos na Inglaterra, França e America e outras partes; mas muitas têm sido abandonadas por falta de uma boa direcção. Os operarios accionistas geralmente não levam em conta a grande somma de habilidade e circumspecção necessarias a direcção de um negocio; estão acostumados a ver o trabalho prosperar como por si mesmo, mas não reparam na constante attenção, nos cuidados e nos calculos que são necessarios para tornal-o aproveitavel. Por essa rasão, ordinariamente deixam de obter bons directores e não confiam sufficientemente naquelles que escolhem. Alem disso, muitas das chamadas companhias cooperativas não o são realmente; empregam frequentemente operarios que não são accionistas e que não recebem uma parte dos lucros, e pagam aos administradores pequenos ordenados. *Estas sociedades cooperativas são companhias por acção mal administradas e não se pôde esperar que dêem bom resultado.*

Uma outra difficuldade para estas companhias é, que ellas raramente têm capital sufficiente, e, quando o commercio se torna difficil, são incapazes de supportar os prejuizos que occorrem algumas vezes durante alguns annos successivos. Podem pedir emprestadas certas quantias hypothecando as construcções e machinismos pertencentes a companhia; é o que ordinariamente fazem; mas nenhum banco abrirá credito a essas companhias sem garantias de bens de raiz. Deste modo frequentemente entram em crise quando o commercio se torna difficil e toda a vantagem é para os que compram barato suas propriedades. E' provavel que para futuro todos os operarios tornem-se capitalistas em pequena escala, e quando tiverem adquirido educação e experiencia, as officinas cooperativas de operarios poderão dar bons resultados. Presentemente é melhor deixar a direcção dos negocios nas mãos de capitalistas, que não são individuos só experientes e habilitados, mas tambem com as melhores razões para serem cuidadosos e activos, porque as suas fortunas dependem do bom exito.

**63. Previdencia.** E' profundamente lastimavel que as classes operarias, na maior parte não vejam a necessidade de economisar uma parte de seos salarios de modo a terem alguma cousa para viverem quando o commercio tornar-se difficil, ou quando as enfermidades e os infortunios apparecerem. Muitas familias de operarios gas-



tam tudo o que ganham enquanto o commercio está prospero, quando falta-lhes emprego, tornam-se mais infelizes. *Ha muitas razões distinctas para que cada um economise tanto quanto fôr possível, e assim:*

- 1) fórma uma reserva no caso de molestia, de accidente, de falta de emprego, ou de outro infortunio; é tambem necessaria ao amparo da velhice, da orphandade, e da viuvez pela morte prematura de um operario;
- 2) produz lucros e augmenta a renda do operario;
- 3) habilita um individuo a estabelecer um negocio, comprar boas ferramentas e gosar de bom credito no caso em que surja uma opportunidade para estabelecer uma industria por sua propria conta.

Nenhuma pessoa, homem ou mulher, no vigor da vida, e ganhando bons salarios deverá gastal-os inteiramente. Mesmo um individuo solteiro geralmente chegará a uma epoca na sua vida em que a doença, velhice e outras cousas inevitaveis, tornal-o-ão na impossibilidade de ganhar o pão. Por essa epoca deve se achar bastante ao abrigo da falta de charidade ou da degradação do asylo de mendicidade. Quando tem mulher e filhos ainda crianças, a necessidade da economia é evidentemente muito maior. Cada tempestade, explosão em minas, ou outros grandes accidentes deixa um certo numero de crianças desamparadas, ou entregues aos penosos cuidados de pobres viúvas,

ou á mercê da charidade publica. Sem duvida, os homens podem ser affligidos por desastres tão grandes e inesperados que não devem ser censurados por não se prevenirem contra elles. Um individuo que na juventude tornou-se cego, defeituoso ou invalido é naturalmente designado á charidade publica, porem não faltariam muitas instituições beneficentes para prover estes casos excepcionaes, si aquelles que são mais felizes procurassem cuidar convenientemente de si mesmos.

Diz-se que os operarios muitas vezes não podem realmente nada economisar dos pequenos salarios que recebem; as despesas da vida são muito pezadas. Não podemos negar que ha trabalhadores, especialmente os operarios agricolas do sul da Inglaterra, cujos salarios apenas chegam para se proverem do alimento necessario e vestuario para suas familias. O ganho semanal de uma familia em alguns logares não é mais de 12 ou 15 shillings na media, e algumas vezes menos. Taes individuos difficilmente podem economisar. Mas isto não acontece com os artistas e operarios dos districtos manufactureiros. Estes raras vezes ganham menos de uma libra por samana, e algumas vezes duas. Os rapazes e as raparigas e muitas vezes a mãe de familia, tambem ganham salarios, de modo que quando o commercio é florescente uma familia de Manchester ou de Leicester, ou de outras cidades manufacturas poderá ganhar mesmo até 150 libras por anno,

ou mais. Alguns operarios, especialmente os quebradores de carvão, e os ferreiros ganham duas vezes esta somma em annos propicios, e são de facto mais bem pagos do que os professores, sacerdotes e empregados de certa cathegoria. E' ridiculo dizer-se que os operarios mais bem pagos não podem economisar, e si bem que não possamos estabelecer uma regra absoluta, é provavel que *todos os que ganham mais de uma libra (cinco dollars ou 25 francos) por semana, podem pôr de lado alguma cousa.*

E' facil provar-se esta asserção pelo facto que quando aparece uma grêve, os operarios voluntariamente vivem com a metade ou a terça parte de seos salarios ordinarios. Algumas vezes vivem durante trez ou quatro mezes com 12 ou 15 shillings por semana que lhes paga a liga-operaria, ou outras sociedades que lhes fornecem quantias para soccorrel-os. E' muito commum aos operarios o pagamento das quotas que são, quasi subscrições obrigatorias de um shilling ou mais por semana, em favor de outros operarios que estão agindo de accôrdo durante uma prolongada grêve. Ninguem deseja que os operarios vivam com a metade de seos salarios, mas, *si, com o fim de sustentar a luta contra os seos patrões podem desviar estas quotas, é evidente que tambem podem economisal-as, guardando-as.* Tambem, agora, sabemos que o dinheiro gasto em bebidas attinge a uma somma enorme; na Inglaterra



é cerca de £ 140.000.000 por anno, ou pouco mais ou menos quatro libras por anno para cada homem, mulher e criança. Em summa, metade desta somma poderia ser poupada com grandes vantagens para a saude e moral dos economisadores, e assim as classes operarias poderiam habilitar-se a guardarem annualmente uma somma não muito menor que a receita da nação.

---

## CAPITULO X

### Posse territorial

---

64. Temos sufficientemente considerado as difficuldades que surgem considerando o *trabalho* e o *capital* dous factores da producção; volvamos agora a uma outra parte da economia politica, e indaguemos de que modo a *terra*, o terceiro factor, é distribuida.

Em differentes paizes a terra é adquirida de muitos e diversos modos. É uma questão de uso e no correr dos tempos os costumes lentamente se modificam. O modo pelo qual as herdades são presentemente possuidas e administradas na Inglaterra em nada assemelha-se ao em que a terra é adquirida na França, na Noruega, na Russia, ou mesmo nos Estados Unidos; nem é semelhante ao em que eram possuidas na Inglaterra ha alguns seculos. O que convem a um logar e a um certo estado da sociedade não será conveniente em outras circumstancias. Vamos considerar os varios modos pelos quaes associam-se os factores da producção, terra, trabalho, e capital; algumas vezes todos são fornecidos pelo mesmo individuo; outras vezes por pessoas distinctas.

No systema de *escravidão*, por exemplo, como existia no sul dos Estados Unidos da America do Norte, o dono de uma herdade possuia ao mesmo tempo não só a terra como o trabalho e o capital. Estrictamente falando um escravo não é um trabalhador, porque não póde marcar preço para seo trabalho, nem trabalhar da maneira por que quizer. Sua posição assemelha-se antes a de um animal que puxa a charrua, isto é, a de uma simples besta de carga. Assim como um fazendeiro tem cavallos, vaccas e porcos que são uma parte do seo capital, um senhor de escravos considera estes como uma parte de seo capital. O trabalho do escravo sendo feito de má vontade, e sem a esperança de recompensa, é ordinariamente mal feito e superfluo; porém, ha além disso uma necessidade em considerar si a escravidão é bôa ou má sob o ponto de vista economico, porque é inteiramente condemnada pelo lado da moral. Podemos demonstrar a maneira pela qual os factores da producção são distribuidos na escravidão pelo seguinte diagramma:

*Senhor de escravos.*

Terra Trabalho Capital

Ainda em uma grande parte do mundo, o governo substitue os proprietarios de terras e arrecada as rendas por meio dos collectores. O cultivo das herdades é feito por pobres campo-



nezes que obtem capital si algum existe, e tambem fazem o trabalho. Temos, pois, a seguinte combinação:

<i>Governo</i>	<i>Camponex</i>	
⏟	⏟	⏟
<i>Terra</i>	<i>Capital</i>	<i>Trabalho</i>

Este systema, chamado de *locação protegida*, existe presentemente na Turquia, no Egipto, na Persia, e em varios paizes do oriente; encontra-se tambem um pouco alterado nas Indias Inglezas. Depois da escravidão, é o peor de todos os systemas, porque o governo póde fixar a renda como quizer, e é difficil distinguil-o entre renda e impostos. Quando as colhetas são deficientes os camponezes lavradores estão impossibilitados de pagar aos collectores, individam-se e tornam-se egualmente sem recursos.

65. **O camponex proprietario.** Um dos melhores systemas de possuir terras, quando póde ser applicado, é o do camponex proprietario; porque o dono do terreno sendo o proprio camponex, que trabalha com os seos proprios braços, tambem promove o capital. Neste systema como na escravidão, todos os factores da producção estão nas mesmas mãos; assim:

<i>Camponex</i>		
⏟	⏟	⏟
<i>Terra</i>	<i>Trabalho</i>	<i>Capital</i>

Mas, em todos os outros sentidos este systema está em opposição a escravidão. Suas vantagens são evidentes, o trabalhador sendo o

dono de uma fazenda e de tudo o que nella se acha, é um individuo independente, que tem todos os motivos para trabalhar com vigor, e augmentar suas economias. Todos os pequenos melhoramentos que puder fazer na sua roça são addicionados a sua riqueza, e a de sua familia por sua morte. E' o que se chama a *magia da propriedade*. O sentimento, de que trabalha inteiramente para si e para o beneficio de sua familia, *augmenta de um modo quasi magico a sua inclinação para o trabalho*. Em paizes recentemente fundados, taes como os Territorios de Oeste dos Estados Unidos, o Canadá ou as colonias da Australia ou do Cabo da Bôa Esperança esta maneira de occupar o territorio parece ser conveniente, porque este é ahi muito barato e as colheitas pôdem ser feitas com pouco capital. Nesses paizes não são necessarios dispendiosos estrumes, machinas aperfeiçoadas, drenagem, e adubo das terras.

A objecção contra o camponez proprietario é que sendo elle quem faz o trabalho da roça com os seos proprios braços, deve ser ordinariamente um individuo pobre e pouco habilitado. Si fosse rico provavelmente compraria o trabalho de outras pessoas e tornar-se-ia um capitalista fazendeiro; si fosse realmente um fazendeiro habil seria pena gastar suas aptidões em uma pequena fazenda, quando, com uma maior divisão do trabalho, poderia com vantagem dirigir e ad-

ministrar uma maior. Sendo pobre, seu capital será pela maior parte absorvido na compra de casas, e celleiros e na aquisição do terreno; pouco lhe ficará para os melhoramentos, ou para a compra de bons instrumentos que lhe economissem o trabalho, e para a obtenção de boas raças de cavallos, vaccas e porcos. Assim, a menos que o seo terreno não seja novo e muito fertil, não alcançará grandes lucros pelo seo trabalho. Devido a magia da propriedade, pôde trabalhar mui activamente, e durante longas horas, mas não o fará de um modo economico, e portanto tornar-se-á pobre a despeito de seos grandes esforços. Os camponezes proprietarios que ainda existem na Suissa, Belgica, Noruega, e Suecia, e em outras partes da Europa, trabalham quasi dia e noite durante o inverno, e são muito cuidadosos e economicos; comtudo raras vezes tornam-se ricos e tiram do solo o indispensavel para viverem.

Quasi frequentemente o camponez proprietario, si não é muito previdente, achá-se sem dinheiro depois de uma ou duas estações más. Elle será então levado a pedir dinheiro emprestado, a vender madeiras, e outros productos antes que estejam realmente promptos para o mercado, e assim entra em debito. Quando a sua fazenda tem augmentado de valor e apresenta alguma renda, estará muito provavelmente hypothecada, isto é, dada por uma escriptura legal como penhor de suas dividas. O crêdor hypothecario ou a pessoa



que empresta o dinheiro torna-se então possuidor de uma parte do terreno e do capital, de maneira que a transacção tende a tomar esta forma:

<i>Emprestador</i>	<i>Camponex</i>
<i>Terra Capital</i>	<i>Capital Trabalho</i>

**66. Direito de territorio na Inglaterra.**

A proporção que a agricultura torna-se cada vez mais uma sciencia, a lavoura exige grandes cuidados, maiores capitaes e o systema empregado na Inglaterra para a subemphyteuse será provavelmente desenvolvido. Neste systema observa-se a maior divisão do trabalho, e as differentes classes sociaes são participantes nos negocios, pouco mais ou menos da seguinte fórma:

<i>Proprietario</i>	<i>Arrendatario</i>	<i>Trabalhador</i>
<i>Terra. Capital</i>	<i>Capital. Trabalho</i>	<i>Trabalho</i>

O terreno é ordinariamente possuido por alguma pessoa rica, que deseja ter grandes propriedades, mas não quer ter trabalho. Com relação ao terreno este individuo unicamente é o *proprietario de um agente natural*, e a renda que recebe é uma renda verdadeira; mas ha ordinariamente construcções, estradas, cercas, canaes, e outros melhoramentos, dos quaes é tambem possuidor; com relação a estes é capitalista e o lucro que aufere é o juro. O arrendatario é um homem instruido e habil com um capital consideravel; aluga o terreno e melhoramentos ao pro-

prietario, introduz gados, carroças, instrumentos aperfeiçoados de todas as especies, e emprega então jornaleiros para executar o serviço manual, trabalhando elle mesmo na superintendencia, escripturando os livros, comprando, vendendo, etc. O trabalhador agricola geralmente falando, não passa de um trabalhador; vive em uma choupana alugada provavelmente ao arrendatario ou ao proprietario, e poucas rasões tem para trabalhar mais esforçadamente do que é necessario, porque as vantagens são para o patrão.

Neste systema ha grandes vantagens e tambem grandes desvantagens. O arrendatario sendo um homem intelligente, conhecedor da sciencia da agricultura, e provido de um capital sufficiente, póde adoptar todas as mais recentes invenções e usufruir com grandes vantagens os productos do terreno e do trabalho. E' egualmente vantajoso que o arrendatario não possua terreno e capital fixo, porque todo o seo capital fica livre para adquirir os instrumentos e adubos mais dispendiosos, e as mais bellas raças de gado. E' tambem muito favoravel ás grandes fazendas; por este systema póde-se ahi estabelecer uma consideravel divisão do trabalho, quasi como em uma fabrica; assim apparecerão algumas das vantagens que foram descriptas como pertencentes a Divisão do Trabalho (Secções 25—29).

As desvantagens do processo da lavoura empregado na Inglaterra são tambem grandes, es-

pecialmente com relação aos trabalhadores que formam as classes mais numerosas. Não têm a independencia dos camponezes proprietarios, e quando despedidos ou muito velhos para trabalhar, têm provavelmente que procurar o asylo de mendigos. Seos salarios têm sido até este momento muito baixos, e a economia tornou-se impossivel. Mas este estado de cousas é em parte devido as más leis sobre a mendicidade que existem na Inglaterra, e ao excessivo numero de trabalhadores pobres e ignorantes. Depois que estas leis forem melhoradas, quando os trabalhadores se tornarem mais instruidos, e empregados nas manufacturas, ou para fazer caminhar as machinas, não haverá mais rasão para que não obtenham bons salarios, e se tornem independentes como os artistas.

No systema adoptado na Inglaterra, um grande numero de cousas depende da natureza do contracto entre o proprietario do territorio e o arrendatario capitalista. Muitos daquelles recusam alugar suas terras por longos periodos de tempo. Preferem ter rendeiros que sejam locatarios sem contracto, e que possam ser expulsos de suas fazendas, advertindo-os um anno antes e privados do valor de todos os melhoramentos que fizeram, si desagradarem ao grande proprietario. E' facil de ver que: os proprietarios de terras desejam ser senhores e dirigir os negocios em seos dominios, como si fossem pequenos reis. Isto é, o que se



chama a *influencia territorial*, e aquelles que se tornaram ricos fabricando objectos de ferro ou de algodão, muitas vezes compram terras por elevado preço, de maneira a sentir as emoções de grandes senhores. As zonas ruraes da Inglaterra, Escossia e Irlanda estão ainda de facto sob o *systema feodal*.

Nestes Elementos apenas podemos considerar o assumpto sob o ponto de vista da economia politica, e neste particular é máo o systema que descrevemos. Os locatarios não têm estímulo para á vontade melhorar suas fazendas, porque isto leva o proprietario a expulsal-o, ou a augmentar o aluguel. Comprehende-se geralmente, na verdade, que este não usará do seo poder, de maneira que muitos arrendatarios trabalham como si estivessem certos de conservar suas fazendas; si forem despedidos depois, ficam praticamente privados do seo capital; e, em qualquer caso, nunca podem gosar da independência que todo o individuo deve ter. Devemos sempre nos lembrar que as leis devem ser feitas não para beneficiar uma unica classe, mas para beneficio de todos em geral. As leis relativas aos proprietarios, e locatarios, foram feitas, entretanto, pelos proprietarios e são mais adequadas a promover o seo goso do que a aperfeiçoar a agricultura.

Ha dous modos para se remediar este infeliz estado da propriedade territorial na Inglaterra, a saber:

- 1) Por um systema de arrendamento a longo praso.
- 2) Pelo direito do locatario.

67. **Posse por arrendamento.** O arrendamento é uma convenção formal de alugar um terreno ou casas a um locatario por um certo numero de annos, mediante um aluguel fixo, e a condições variadas, que são cuidadosamente determinadas, para evitar contestações. Quando um terreno é tomado por um arrendatario por um praso de trinta annos ou mais, torna-se quasi que sua propriedade porque, no começo do periodo pôde fazer grandes melhoramentos com o auxilio de capital, e ainda estar certo de reembolsar-se do seo valor, antes que o arrendamento chegue ao seo termo. Nos paizes de leste da Inglaterra e da Escossia, onde as herdades são muito grandes e bem dirigidas, estes arrendamentos a longo praso são o modo usual da locação do territorio. E' certamente um dos melhores ajustes para proteger uma boa lavoura e apresenta poucos inconvenientes; salvo si o arrendatario não fizer melhoramentos antes do fim do praso do arrendamento.

68. **Direito de locatario.** Uma outra boa medida é a do direito do locatario, que consiste em *dar ao locatario o direito de exigir o valor dos melhoramentos não esgotados* que pôde ter feito em sua herdade, si for della desti-

tuido. Um arrendatario póde provar facilmente o que tem gasto em construir celleiros, cocheiras, chiqueiros, etc., em drenar o solo, em abrir estradas, em concertar cercas, ou em adubar e esterocar o terreno. Aquelles que tem experiência da lavoura podem avaliar quando um melhora-mento dará resultado, a ponto de calcular quanto perderá o locatario si abandonar a herdade. Assim em uma bôa avaliação póde ser calculada a somma que este receberá como compensação, e o proprietario, si quizer despedil-o, será obrigado a pagar-lhe esta compensação. Esta será readquirida pelo proprietario, elevando o aluguel do novo locatario.

Este systema, comquanto ignorado na maior parte da Inglaterra, não é inteiramente novo; existio durante um longo periodo de tempo ao norte da Irlanda, onde era chamado *direito ulsteriano de locatario*. O novo locatario paga ao antigo uma quantia consideravel pela vantagem de adquirir uma bôa herdade com muitos melhoramentos, e o proprietario torna-se praticamente impedido de despedir um bom foreiro por sua simples vontade. Em Yorkshire tambem havia o costume de indemnisar o locatario despedido, e não ha rasão plausivel para que o uso não se converta em preceito legal e se extenda por todo o paiz. A lei sobre as Terras Irlandezas (*Irish Land Act*) de Mr. Gladstone já estabeleceo um systema algum tanto



semelhante para toda a Irlanda. Si a terra é destinada ao seu verdadeiro fim, e não meramente para divertimento e ostentação de alguns proprietarios *cada proprietario deve ser obrigado a conceder longos arrendamentos, como de trinta a cincoenta annos, ou então a pagar a compensação fixada por um jury*, e tornada evidente por individuos peritos em avaliações de estabelecimentos agricolas. Seria illegal alugar o terreno sob outras condições.

69. **Origem da renda.** E' muito importante comprehender exactamente donde procede a renda, porque sem isto é impossivel ver como seria permittido a um proprietario apresentar-se e retirar uma parte consideravel do producto, sem ter qualquer outro trabalho na questão. Mas o facto é que não podemos supprimir a renda; deve passar de uma pessoa para outra, e a questão real que apenas póde surgir é si deve haver muitos proprietarios que recebam pequenas rendas, ou alguns outros recebendo grandes rendas.

A renda frequentemente provém do facto das zonas de terra não serem egualmente fertes, isto é, não darem o mesmo producto com o mesmo trabalho. Isto póde provir das differenças na qualidade do solo, ou por ser este mais favorecido pelo sol e humidade do que outro. Si o globo tivesse uma superficie perfeitamente plana, a mesma por toda a parte, e si fosse toda lavrada e cultivada exactamente do mesmo modo, a renda não po-

deria originar-se desta maneira. Porem a superficie da terra, como vemos, tem montanhas e valles; ha planicies uberrimas em uma região, e desertos de areia secca e de pedras em outros logares. Actualmente, onde o solo é bom, e favoravelmente situado para o desenvolvimento do trigo, ou de outros productos, seo possuidor deverá ganhar mais, em retribuição pelo seo trabalho, do que si tivesse um máo pedaço de terra. Mesmo si todos possuissem a herdade que cultiva, aquelles que tivessem os melhores pedaços retirariam renda, porque obteriam mais producto. Assim, depois de dar o mesmo salario a todos, restaria alguma cousa mais aos felizes possuidores do melhor terreno. Si, em logar de trabalhar em suas proprias terras, alugassem-na a outros, habilitar-se-iam a adquirir uma renda dependente da riqueza, ou das outras vantagens dellas.

A pequena difficuldade que agora apparece consiste em examinar como se estabelece o *quantum* da renda territorial. A terra que nenhuma renda offerece apenas produz para pagar os salarios dos operarios que cultivam-na, e o juro do capital que exigem. A renda do melhor terreno consistirá no excedente do seo producto sobre o das terras mais pobres, depois de se fazer a parte da maior ou menor somma de trabalho e do capital gasto. Podemos encarar a materia deste modo; o preço do trigo é fixado pelo custo da

sua produção em uma terra que paga justamente as despesas de cultura, porque quanto mais trigo fôr necessário, é nessas terras que devemos procural-o, visto as melhores terem sido desde muito trabalhadas. Mas o trigo de tal qualidade vende-se pelo mesmo preço, qualquer que seja o custo da sua produção; logo, a renda do terreno mais fértil será o excesso do preço do seu producto sobre o do terreno que só paga o lavrador e não deixa renda.

---



## CAPITULO XI

### Cambio

---

70. **Como o cambio se estabelece.** Um dos melhores modos porque podemos augmentar a riqueza é pelo cambio *dando o que não temos necessidade pelo que carecemos*. A riqueza, como vimos, é tudo aquillo que usamos actualmente, porque não temos bastante, e que póde ser transferido para outra pessoa. Mas quando queremos que uma especie de commodidade seja satisfeita, não desejamos mais, porem sim outras especies. Resulta que o cambio constante produz um *ganho de utilidade*. Tem-se objectado que não póde haver vantagem no cambio, porque aquillo que é dado eguala em valor ao que é recebido. Outros tem adiantado que, si uma das partes ganha é evidentemente á custa da outra. De accordo com este ponto do vista, o commercio consistiria em tentar despojar o seo vizinho. O que é dado realmente eguala em valor ao que é recebido, mas não é igual em utilidade, e o augmento da utilidade é o fim de toda a producção, e de todo o commercio. Não pagamos as cousas em proporção a sua utilidade; então o ar e a agua seriam as mais

caras. Um pão de bom tamanho pôde ser comprado por um ou dois tostões, posto que o pão seja o principal sustento da vida. Antes de procurarmos comprehender este apparente paradoxo, devemos estabelecer exactamente o que comprehendemos pela palavra valor.

71. **O que é valor?** Na troca de algumas mercadorias por outras, apparece a seguinte questão: Quantas mercadorias de uma certa especie podem ser dadas por umas tantas de outra especie? Algumas cousas são consideradas muito *valiosas*, como um relógio de ouro ou um anel de brilhantes, porque trocando-as podemos obter uma grande quantidade de outros artigos. As cinzas são de pouco ou nenhum valor, porque nada podemos adquirir trocando-as. Isto posto, a palavra *valor* é muito complexa, e é empregada para exprimir diferentes cousas. Podemos dizer que o quinino tem valor para curar febres, que o ferro tem valor para reconstituir o sangue, ou que a agua tem valor para apagar os incendios. Aqui não exprimimos o valor em cambio, porque o quinino curaria a febre tão bem si custasse um tostão por gramma, como algumas dezenas de mil réis. A agua, si pudermos obtel-a em uma occasião opportuna, apagaria o fogo independente do seo preço. E' claro, pois, que queremos exprimir muitas vezes *valioso quanto ao uso*. Valor e valioso são termos *ambiguos* (vide Elementos de Logica pp. 22—26 sobre o *Emprego correcto das palavras*). *Ha valor quanto*

ao uso e valor quanto ao cambio, e muitas cousas que commumente dix-se ter pequeno valor quanto ao cambio, tem grande valor quanto ao uso. Mas esta phrase *valor quanto ao uso* não é mais que a *utilidade* de uma cousa para nós, isto é, a utilidade de uma parte dessa cousa que podemos agora empregar. Portanto, o valor do uso da agua quer dizer a utilidade da agua que bebemos, da que lavamos, da que cozinhamos. ou da que irrigamos, e esta utilidade é muito grande. Mas, sem duvida, não se póde estender á agua que não é usada por nós, sendo ao contrario prejudicial, como no caso das innundações, humidade das casas, alagamento das minas, e assim por diante.

Podemos agora ver como esta verdade era observada pelo economista italiano Genovesi "*o cambio*, dizia elle, *consiste em dar o superfluo pelo necessario*" ou como preferimos dizer: *o comparativamente superfluo pelo comparativamente necessario*. Aquelle que tem abundancia de um artigo tem já gosado todo o conforto que esse artigo póde proporcionar-lhe, mas provavelmente precisa de uma certa quantidade de outros artigos. O cambio como um acto de cortezia, aproveita não só a quem dá, como a quem recebe, porque aquillo que cada um recebe é muito necessario e tem grande utilidade. Na Inglaterra, por exemplo, ha grande quantidade de carvão de pedra, e a França produz muito bom vinho. Teriamos pouco ou nenhum vinho na Inglaterra,



a não ser que o obtivéssemos da França, ou de algum paiz estrangeiro, e a França tambem teria muita necessidade de carvão de pedra! E' obvio que ha um grande ganho de utilidade si a Inglaterra der uma parte deste carvão de pedra, comparativamente superfluo, em troco de uma boa quantidade de vinho da França.

Tem-se objectado que o commercio é esteril, e que não produz novidades em mercadorias. Pelo facto de terem sido trocados não existe mais nem menos carvão de pedra ou vinho do que antes. Mas em economia politica tratamos da utilidade e da riqueza; a questão é si alguma cousa é consumida com ou sem utilidade. *Si bem que o cambio não possa crear os elementos da riqueza, cria a riqueza porque fornece a utilidade para estes elementos.*

**72. Valor significa proporção no cambio.** Quando falamos do valor permutavel de uma cousa, exprimimos como muitas outras cousas podemos obter por ella. Isto certamente depende da natureza daquella outra cousa. Naturalmente podemos obter por um mil réis, muito mais batatas do que pães, e mais pães do que carne, e mais carne do que peptonas. Portanto, quando falamos do valor de uma cousa, devemos sempre dizer que é para ser avaliada por outra. *A palavra valor exprime sómente que tanto de uma cousa é dado por tanto de outra,* e a proporção destas quantidades

(do latim *proportio*, *pro*—em favor de, e *portio*—parte) que mede o valor do objecto. Uma tonelada de ferro em barra póde ordinariamente ser adquirida por uma quarta de trigo, aqui a proporção é de um para um. Para se obter uma tonelada de cobre, tem-se provavelmente de dar trinta quartas de trigo, aqui a proporção é de um para trinta. Não póde haver valor de cambio, sem proporção—tanto de uma commodidade por tanto de outra. Usualmente, com effeito, medimos o valor das cousas pelo seu preço. *O preço é a quantidade de moeda que damos por um objecto*; neste caso a proporção está entre a quantidade de moedas e a quantidade de mercadorias que adquirimos com ellas; como quando damos sessenta mil réis por dez jardas de tapete. Devemos observar posteriormente que a moeda é uma especie de commodidade, que tem utilidade e valor como as outras commodidades. Porém, ha grande facilidade em se representar e designar sempre os valores em moeda, porque podemos então immediatamente comprar o valor de uma cousa com o de outra. Si um kilo de batatas custa duzentos réis, um kilo de pães 500 réis, e um kilo de carne mil réis, podemos ver ao mesmo tempo que um kilo de carne tem o mesmo valor que dous kilos de pães, ou cinco kilos de batatas, e podemos julgar quanto de cada uma devemo-nos servir.

73. **Leis de offerta e de procura.** Agora

devemos procurar provar como o valor das cousas é dirigido e como é mudado de tempos em tempos. As principaes leis que regem o valor são chamadas *leis de offerta e de procura* e são com effeito muito importantes. *Offerta* quer dizer a quantidade de mercadorias que os individuos estão promptos a tomar por um certo valor, e *procura* semelhantemente significa a quantidade de mercadorias que estão dispostos a receber em troco; mas antes que uma pessoa possa julgar quanto deseja comprar de uma especie particular de mercadorias, deve saber o seo preço, isto é, sua proporção em troco por moeda. Si o pão em vez de custar 500 réis ao kilo, fôr 600 réis, o pobre talvez se decidirá a tomar menos pão, e a comprar mais batatas. Si a carne, em vez de ser a mil réis, elevasse-se a mil e quinhentos réis, ou a 2 mil réis ao kilo, algumas pessoas recusar-se-iam inteiramente a compral-a, e outros compral-a-iam menos do que antes. Semelhantemente a offerta das cousas varia; si o preço da carne elevar-se muito, os criadores trazem o seo gado para o mercado, de modo a obter um bom lucro, vendendo-o; si o preço baixar, guardam-no para vendel-o de outra vez.

*As leis de offerta e de procura* podem ser assim estabelecidas: uma subida de preço tende a produzir muita offerta e menos procura; uma descida de preço tende a produzir menos



offerta e maior procura. Reciprocamente, o augmento da offerta ou decrescimento da procura tende a abaixar o preço, e a diminuição da offerta ou o augmento da procura tende a levantar o preço.

Estas leis são tão importantes que procuraremos repetil-as de novo, sob a forma do seguinte quadro:

<i>Preço</i>	<i>Offerta</i>	<i>Procura</i>
Maior	Maior	Menor
Menor	Menor	Maior

Podemos agora comprehender como é determinado o preço de uma especie de mercadorias. O preço deve ser tal que a quantidade pedida em uma occasião dada seja egual a quantidade offerecida. Si aquelles que desejam as mercadorias por um certo preço não puderem adquiril-as, offerecerão um preço mais elevado de maneira que possam convencer a outras pessoas a vendel-as. Como vimos, quanto mais elevado fôr o preço, maior será a offerta; alem disso si alguns individuos offerecem no mercado um preço mais elevado, este logo torna-se conhecido pelos outros vendedores. Quando a mulher de um rendeiro, na Inglaterra, leva o seo pote de manteiga para vendel-o no mercado de uma cidade vizinha, logo

conhece si a offerta é maior ou menor que de ordinario. Si os compradores são poucos e tardios em comprar, começa a receiar que torne a levar a manteiga sem vendel-a, e que volte sem louça, fazendas e outras cousas que tenciona comprar com o dinheiro. Si começa pedindo um ou dous pence, por libra, outras vendedoras são obrigadas tambem a abaixar os preços porque ninguem comprará manteiga a uma dellas por um shilling e seis dinheiros, si puder obtel-a tão boa das pessoas ao lado por 1 s. e 4 d. Porém, si poucas pessoas levarem manteiga para o mercado, ou si houver muitos compradores, a scena é inteiramente mudada. As que trouxeram manteiga comprehendem que não haverá difficuldade em vender toda a que possuem; são os compradores que agora tornam-se apressados em comprar antes que toda se acabe; e logo sua impaciencia se manifesta ás vendedoras que pódem pedir preços elevados. E' por este *modo de vender no mercado*, pelos vendedores pedindo os preços mais elevados que podem obter, e pelos compradores experimentando comprar pelos preços mais baixos que pensam ser aceitos—que é estabelecido o preço no mercado de uma commodidade.

*O preço do mercado é tal que por esse preço a procura é igual a offerta.* A quantidade de manteiga ou de uma outra commodidade, que é vendida, deve ser igual a que é comprada,

porque é vendida só depois de ter sido comprada; mas o preço estabelecer-se-á de accordo.

**74. Como o valor depende do trabalho.**  
Chegamos agora á grande questão, si o valor é produzido pelo trabalho, ou que relação tem com elle. Alguns economistas, observando que, quando uma cousa, como o ouro, é muito valiosa, os homens gastam uma grande quantidade de trabalho em obtel-as, dizem que *o trabalho consumido é a causa do grande valor. E' inteiramente falso*; porque si fosse verdade, tudo o que dá muito trabalho, deveria ter muito valor e todos sabem que isto não se realisa. Póde-se dispendir muito trabalho escrevendo, imprimindo e encadernando um livro; mas, si ninguem quizer-o, elle não tem valor, salvo como papel de embrulho. Despendeo-se uma grande quantidade de trabalho na perfuração do tunnel sob o Tamisa, mas, como poucas pessoas desejassem atravessal-o, o tunnel era de pouco valor, até que foi construida uma estrada de ferro. Portanto é inteiramente certo que não podemos tornar uma cousa valiosa, trabalhando simplesmente nella; devemos trabalhar de modo a tornal-a util.

Por outro lado, certas substancias que custaram pouco ou nenhum trabalho pódem ser muito valiosas. Quando um pastor na Australia consegue formar uma barrinha de ouro apanhado na vertente de uma montanha, não despende grande trabalho em ajuntal-o, não obstante este ouro é



tão valioso, em proporção ao seu peso, como outro qualquer. Algumas minas produzem grande quantidade de ouro, outras que têm custado relativamente mais para cavar, produzem menos; nunca o ouro de uma mina é vendido pelo mesmo preço em proporção ao seu peso e pureza como o de outras minas. *Portanto é inteiramente certo que o trabalho não é a causa do valor.* O ouro tem muito valor porque uma grande quantidade de individuos deseja mais ouro do que tem já adquirido. e todas as vezes que uma coisa tem valor é porque alguém a deseja.

Porém, podemos encarar este assumpto de um outro modo. Si fosse possível adquirirmos uma coisa valiosa como o ouro com pouco trabalho, muitos individuos seriam mineiros de ouro. Muito ouro seria assim produzido si fosse exigido tanto como o que já existe, seria valioso. Mas ninguém deseja uma quantidade illimitada de substancias. A riqueza, como vimos, deve ser limitada; si o ouro se tornasse tão abundante como o chumbo ou o ferro, não seria possível conservar o valor que tem. Os individuos teriam muito mais do que poderiam empregar em joias, relógios, dourados, e assim por diante; haveria um grande excesso para ser empregado na fabricação de vasos e panellas, para os quaes ha menos necessidade. Agora podemos ver claramente todo o objecto do valor. Quando uma certa substancia póde ser ordinariamente produzida com pouco tra-

balho, torna-se tão abundante que as pessoas ficam satisfeitas com a quantidade que têm; não querem mais, ou pelo menos não a desejam com tanta urgencia. Acontece que não querem dar muita riqueza por ella. Assim o trabalho gasto em produzir uma commodidade não affecta o seo valor, a menos que altere as quantidades das quaes o povo tem necessidade e não torne assim uma nova porção dessa commodidade mais ou menos vantajosa do que antes.

75. **Porque as perolas têm valor?** Para tornar esta questão ainda mais simples vamos procurar responder a esta difficil pergunta: «Pescam-se as perolas porque alcançam um preço elevado, ou alcançam um preço elevado pela difficuldade da sua pesca?» A pesca das perolas é um trabalho muito perigoso e difficil. Os mergulhadores, transportando grandes pesos, precipitam-se no fundo do mar e devem reter a respiração durante um longo tempo emquanto estão occupados em apanhar as conchas das ostras. O numero de boas perolas que geralmente apanham é pequeno comparado com o grande trabalho em obtel-as. Acontece que, no termo medio, devem receber uma boa quantia pelo que acham, do contrario não teriam um salario que compensasse esse trabalho. Porém, isto não é só uma rasão sufficiente para que as perolas tenham tanto valor, ao contrario, a madre-perola onde são encontradas, teria tanto valor como as perolas. A ma-

dreperola é uma substancia muito barata. Alem disso, si fosse meramente uma questão de trabalho, um mergulhador descendo em qualquer parte, e trazendo a primeira pedra ou concha que encontrasse, poderia vendel-a por um preço muito elevado, porque teve que mergulhar para ir busc-a. A verdade é, que ellas são valiosas porque ha muitas senhoras que não podem possuir collar de perolas, e que desejam obtel-os; e que aquellas que têm algumas perolas desejam mais, e mais finas. Em summa, as perolas são valiosas porque são uteis ás damas que desejam muitas joias ornadas de perolas; são assim uteis porque as damas não se habilitaram até aqui a adquirir tantas, quantas quereriam; e não se habilitaram a possuir mais, porque é muito difficil pescal-as do fundo do mar. Temos, pois, exposto toda a theoria do valor e do trabalho. *O trabalho que é exigido para se obter mais de uma commo-didade regulu a sua offerta; esta determina si o povo deve fazer ou não o que mais urgentemente carece; e esta promptidão da necessidade ou procura rege o valor.*

---



## CAPITULO XII

### A moeda

---

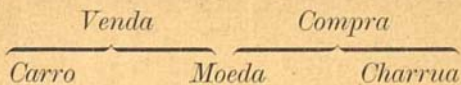
76. **O troco.** Quando as permutas são feitas dando-se uma commodidade ordinaria por outra, como um sacco de trigo por uma manta de toucinho, ou um livro por um telescopio, chamamos a essas operações *troco* (do francez *troc* = troco). Entre os povos selvagens o commercio é ainda feito desta forma; um viajante que se transporta pelo interior da Africa Meridional leva uma porção de contas, facas, pedaços de ferro, espelhos, etc, de modo que sempre possa ter alguma coisa que os naturaes desejem receber a troco de alimento e de seus serviços. O povo, entretanto, troca occasionalmente alguns objectos na Inglaterra e nos Estados Unidos, mas isto raras vezes acontece, em razão dos inconvenientes que traz.

Si, por exemplo, desejamos um telescopio, em troca de um livro, provavelmente teremos que fazer muitas pesquisas, e esperar muito tempo até encontrar uma pessoa que tenha um telescopio de mais, e que aconteça desejar esse livro particular. Uma outra difficuldade é que o livro não terá provavelmente tanto valor como o telescopio, que va-

lerá mais ou menos. O que possui um telescópio de valor não pôde cortá-lo em pedaços, e vender uma parte a um individuo e outra a outro; isto destruiria o seu valor.

77. **Vantagens da moeda.** Por meio da moeda todas as difficuldades do troco desaparecem; porque *a moeda é uma certa commodidade que o povo de uma nação está disposto a receber em troco, e que pôde ser dividida em fracções de todo o valor.* Quasi todas as commodidades podem ser usadas como moeda na falta de uma materia melhor. Nos paizes agricolas o trigo era empregado para este fim. Cada rendeiro tinha sua provisão de trigo em celleiros; si desejava comprar um cavallo ou uma carroça, levava alguns saccos de trigo ao celleiro do seu vizinho em troco. Supponhamos agora que, com o trigo como moeda, um rendeiro deseja desfazer-se de um carro e adquirir uma charrua em seu logar; não tem necessidade de procurar uma pessoa que deseje receber um carro, e dar uma charrua em troca. É bastante encontrar um rendeiro que queira receber um carro e dar trigo, e outro que queira dar uma charrua e receber trigo. Nenhuma difficuldade apparece, tambem, si o carro e a charrua não são de igual valor; porque, si o carro valer mais, então o rendeiro recebe por elle a charrua juntamente com o trigo bastante para cobrir a differença. A moeda assim actua como *medium de cambio*; é um medianeiro ou ter-

ceiro termo, e facilita a permuta dividindo em dous o acto do troco, da seguinte forma:



Sem duvida transforma-se um acto em dous; mas estes são muito mais faceis de se realizar, porque não precisam ser executados pela mesma pessoa.

78. **A moeda como medida de valor.** Quando a moeda é empregada como troco, diz-se que aquelle que a recebe *vende mercadorias*, e o que paga, *compra mercadorias*. Em cada caso ha um acto de permuta, e as vendas e compras não differem realmente do acto de trocar, excepto quando uma das commodidades dadas ou recebidas é empregada com o fim de preparar o troco. Assim a moeda póde ser chamada *commodidade corrente*, porque é uma mercadoria escolhida para *circular* como um meio de troco. Portanto, em uma venda ou compra deve haver muita proporção entre a quantidade de moeda, e a quantidade de outra commodidade. Esta proporção exprime o valor de uma commodidade comparada com a outra. O valor permutavel não significa mais que esta proporção, como foi desenvolvido antes (secção 72). Portanto, quando a moeda é empregada, a quantidade de moedas dadas ou recebidas por uma certa quantidade de mercadorias é chamada *o preço dessas merca-*



*dorias*, de maneira que o preço é o valor das mercadorias representado em moeda. Mas como a moeda quando introduzida uma vez é empregada em quasi todos os actos de troco, ha grandes vantagens. Habilita-nos a comparar o valor de uma commodidade com o de uma outra. Si soubermos que quantidade de cobre podemos obter por egual de chumbo; quanto de ferro por egual de aço, e da mesma fórma para o zinco e o latão, para os tijollos e a madeira, e assim por diante. não seria possivel compararmos o valor do cobre com o do zinco, e o do ferro com o da madeira. Mas si soubermos que por uma onça de ouro podemos obter 950 onças de estanho, 1700 onças de cobre, 6400 onças de chumbo, e 16000 onças de ferro fundido, logo comprehendemos sem nenhum esforço que com 1700 onças de cobre podemos obter 16000 onças de ferro, e assim por diante. Portanto, o ouro ou qualquer outra substancia empregada como moeda serve de *medida commum do valor*; mede o valor de cada commodidade, e assim habilita-nos a comprar o valor de cada uma com o de outras.

É uma grande vantagem. Este facto induz cada um a pensar ou a exprimir os valores das cousas limitados a uma moeda conhecida por todos. Todos os valores de mercadorias são representados pelos preços que cada um comprehende e que póde comprar com outras. A moeda póde neste caso ser indicada para representar duas funcções principaes.

Serve como:

- 1) um agente intermediario de cambio.
- 2) uma medida commum de valor.

Mas, é importante lembrar que, apezar disso a moeda prehenche desta fórma um fim muito util e particular, nunca deixa de ser uma commodidade. Seo valor é o objecto das leis da oferta e da procura, já estabelecidas (secção 73); si a quantidade de moedas augmentasse, seo valor seria provavelmente diminuido, de maneira que muitas moedas seriam dadas por tal commodidade, e vice-versa.

79. **De que é feita a moeda.** Como já observamos, sempre uma commodidade póde ser usada como moeda, e em differentes epochas todas as especies de cousas como o vinho, ovos, azeite, arroz, couros, fumo, conchas e pregos, têm sido empregados em compras e vendas. Porém, por muitas rasões, os metaes são mais admittidos, e dentre elles o ouro e a prata são os melhores para este fim do que quaesquer outros. As vantagens de se possuir moedas de ouro ou de prata são evidentes. Estes metaes são *portateis*, e tão valiosos que um pequeno pezo de metal iguala em valor a um grande pezo de trigo, ou de madeira, ou de outras mercadorias. Tambem são *indestructiveis*, isto é, não apodrecem como a madeira, nem se estragam como os ovos, nem azedam como o vinho; assim pódem ser guardados por muito tempo, sem perder o seo va-

lor. Outra vantagem é que não ha differença na qualidade do proprio metal; o ouro puro é sempre o mesmo ouro puro, e comquanto possa ser misturado com mais ou menos base de um metal, todavia podemos ensaiar ou analysar a liga, e reconhecer a quantidade de metal puro que contem. Os metaes são tambem *divisiveis*; podem ser divididos, ou fundidos em peças, e todavia estas reunidas terão ao mesmo tempo tanto valor como antes. O ouro e a prata têm tambem a qualidade de serem corpos bellos e brilhantes, e o ouro é tambem tão pezado que é difficil imital-o; com uma pequena experiencia e cuidado, cada um póde dizer, si o dinheiro que recebeo é ou não verdadeiro, — quando fôr em moeda de ouro ou de prata. Enfim, é uma grande vantagem que *esses metaes não mudem rapidamente de valor*. Uma colheita má, duplica o valor do trigo, e as cousas susceptiveis de destruição como os ovos, os couros, etc., estão sempre variando de valor. Porém, o ouro e a prata mudam lentamente de valor, porque duram muito tempo, e assim o novo supprimento que entra em um anno é muito pouco comparado com as reservas destes metaes. Não obstante, *o ouro e a prata, como todas as outras commodidades, estão sempre mudando de valor mais ou menos rapidamente*.

80. **Moeda metallica.** Quasi todos os metaes communs o cobre, o ferro, o estanho, o chumbo, etc., têm sido empregados no fabrico de moedas



e em varias épocas, alem de diferentes ligas como o latão, o estanho e o bronze. Mas, o cobre, a prata, e o ouro têm sido aproveitados de um modo mais vantajoso do que os outros metaes. O cobre, com effeito, sendo comparativamente de pouco valor, é pouco portatil. Era outr'ora a unica moeda da Suecia, e já vimos uma antiga moeda deste paiz, constando de uma chapa de cobre, com cerca de dous pés de comprimento, sobre um de largura. Um negociante que tivesse de fazer pagamentos com estas moedas, teria que levar o dinheiro em um carrinho de mão. Actualmente só empregamos o cobre nas moedas de pequeno valor, e para tornal-o mais consistente, é derretido com estanho e transformado em bronze.

Nos tempos dos saxonios a moeda ingleza era sómente feita de prata, mas nisto havia inconveniente para os grandes e pequenos pagamentos. O melhor processo é empregar as moedas de ouro, prata e bronze de accordo com as conveniencias. *No systema monetario inglex, o ouro é o padrão da moeda, e a de circulação legal*, porque ninguem é obrigado a receber uma grande quantidade em outro metal. Si um individuo é devedor de cem libras, não póde vêr-se livre desta divida sem propor ou offerecer cem moedas de ouro ao seo credor. As moedas de prata só têm um curso legal até a quantia de quarenta shillings — isto é, nenhum credor póde ser obrigado a receber mais de quarenta shillings em um só

pagamento. Do mesmo modo, a moeda de bronze só tem uma circulação legal até um shilling.

81. **O que é uma libra esterlina?** Na Inglaterra, o povo ordinariamente paga e recebe as quantias em libras, entretanto, poucos sabem o que significa exactamente uma libra esterlina. Sem duvida é representada por uma peça chamada *soberano*, mas o que é um soberano? Es-trictamente falando, *o soberano é uma peça de ouro cunhada, de accordo com um Decreto do Parlamento, em uma repartição do governo inglez, trazendo a marca desta e não pezando menos que cento e vinte dous grãos e meio.* Na media os soberanos sahidos da Casa da Moeda devem pezar 123.274 grãos, mas, é impossivel fazer-se cada moeda com um pezo exacto, e neste caso, em pouco tempo, teriam menos pezo com o uso. O soberano tem uma circulação legal para uma libra emquanto peza 122  $\frac{1}{2}$  grãos ou mais, e a sua marca não está gasta; mas, na realidade, o povo está habituado a pagar e a receber soberanos que têm alguns grãos de menos do pezo exigido por lei.

Vinte shillings de prata devem ser por lei recebidos como equivalendo a uma libra. Isto é necessario, de modo que nos habilita a pagar uma fracção da libra, porque uma moeda de ouro equivalente a vigesima parte de uma libra, seria facilmente perdida ou mesmo gasta. Mas a prata de vinte shillings não tem o mesmo valor que

o ouro de uma libra, seo valor varia com o preço do ouro e da prata, e, presentemente, vinte shillings representam unicamente o valor de cerca de dezesseis shillings de ouro e oito pence, isto é,  $\frac{5}{6}$  de uma libra. E' necessario fazer-se a moeda de prata ainda com um valor menor que o estabelecido de modo a tornal-a sem proveito no caso de ser fundida. Do mesmo modo, o metal em um penny de bronze tem só o valor approximado de um penny, de maneira que perder-se-ia muito fundindo-se ou destruindo-se estas peças.

82. **Circulação em papel.** Em vez de se empregar as verdadeiras peças de ouro, prata ou bronze, é commum fazer-se uso de notas estampadas contendo promessas de pagamento de moeda. Quando a importancia de uma certa quantia é consideravel, uma nota de banco é muito mais commoda, por ser muito menos pezada que as moedas, e menos provavel de ser roubada. Uma nota de banco de cinco libras é uma promessa para o pagamento de cinco libras áquelle que tiver a nota em seo poder, e que desejar cinco libras em troco do que o banco emittio. Uma *nota de banco convertivel* é a que póde ser trocada por moedas todas as vezes que se deseje, e emquanto esta operação se realisa, é evidente que a nota tem tanto valor, como as moedas, alem de ser mais commoda. O unico receio é que, um banqueiro autorizado a emittir essas notas,



não tenha sempre moedas bastantes para o reembolso, quando aquellas forem-lhe apresentadas. Muito frequentemente os bancos são obrigados a suspender os pagamentos, isto é, recusam-se a satisfazer os seus compromissos. Apezar disso, quando nenhuma outra circulação é possível, as notas de banco quasi sempre circulam como moeda. São então denominadas *notas inconversíveis*, ou segundo outros *papel-moeda*. Cada um recebe de bom grado este papel circulante a troco de mercadorias si acredita que outras pessoas receberão-o por sua vez. Mas esta circulação em papel é muito inconveniente, porque o seu valor varia de accordo com as quantidades emittidas, e o devedor está muitas vezes habilitado a pagar as suas dividas com menos valor do que o recebido. A questão de notas de banco e papel-moeda, entretanto, é muito difficil para della nos occuparmos nestes Elementos.

---

## CAPITULO XIII

### Credito e bancos

---

83. **O que é credito?** E' muito importante para os que querem aprender economia politica comprehender exactamente o que significa a palavra *credito*. Diz-se que Pedro dá credito a Paulo quando Pedro cede uma parte da sua propriedade para uso de Paulo, aguardando rehavê-la em um tempo futuro. Em summa aquelle que empresta uma cousa *dá credito*, e aquelle que a recebe emprestada *recebe credito*. A palavra *credito*, significa *confiança*, e Pedro acredita que obterá a sua propriedade de Paulo posto que isto infelizmente nem sempre se realise. Pedro é o *credor* e Paulo o *devedor*.

Não é muito commum, entretanto, falar-se de credito em certos casos; quando um individuo pede emprestado um cavallo, um livro, uma casa, uma machina, ou outros artigos communs o que paga é o aluguel, frete ou renda. Em alguns paizes onde a moeda ainda não está adoptada, o povo empresta e pede emprestado trigo, oleo, vinhos, arroz ou certas commodidades vulgares que todos desejam possuir. Em algumas regiões

da Africa onde o oleo de palmeira é obtido em grande quantidade, os naturaes dão e obtem credito em oleo. Mas nos paizes civilisados ha o habito de se emprestar e de se pedir dinheiro emprestado. Si alguém desejar uma machina, e não tiver com que compral-a pedirá emprestado o dinheiro bastante a uma pessoa que lh'o cederá nas melhores condições, e então comprará a machina onde puder obter por menos preço. Frequentemente, na verdade, o que vende a machina concede credito pelo seo preço, isto é, empresta a quantia sufficiente para o comprador habilitar-se a obtel-a.

O credito é uma cousa muito importante, porque quando propriamente empregado *colloca a propriedade nas mãos daquelles que della fazem melhor uso*. Muitas pessoas têm propriedades mas são incapazes de se envolver em negocios, estão neste caso as mulheres, crianças, velhos, invalidos, etc. Os ricos algumas vezes têm tantas propriedades que não se preocupam em se envolverem nos negocios, si encontram outros que se envolvam por elles. Não obstante os que muitas vezes estão empenhados em negocios possuem quantias que não têm em que empregar, e estão promptos a emprestal-a por algum tempo. Por outro lado ha muitos homens activos e habéis, que poderiam desenvolver grande quantidade de trabalho em officinas, perfurar minas e negociar em mercadorias, si tivessem bastante dinheiro que os habilitasse a comprar os



materiaes necessarios, instrumentos, edificios, etc. Um homem deve possuir alguma propriedade antes que possa esperar alcançar credito; com essa propriedade arranjar-se-á no caso de necessidade, e com uma boa reputação e honestidade, um negociante póde por meio do credito obter outros capitaes.

84. **Empréstimos sobre hypothecas.** O credito é concedido de muitos modos differentes; algumas vezes é um individuo ajudado por um credito permanente de um parente ou amigo que lhe deposita confiança. Enormes quantias são emprestadas como se diz: *sobre hypothecas*. Uma pessoa, por exemplo, que estabeleceo uma fabrica de fiar algodão com seos proprios capitaes, hypotheca a fabrica como penhor do emprestimo, isto é, dá ao seo credor o direito de vendel-a, si a divida não fôr satisfeita em um tempo determinado. *A fabrica chama-se hypotheca*, ou compromisso morto, porque torna-se de facto morto para o primeiro possuidor si romper as condições do emprestimo. Ha muitas instituições taes como companhias de seguros, sociedades de construções, etc., que têm uma grande somma de capital emprestada em hypothecas, e muitos homens ricos empregam-na do mesmo modo. Assim uma grande parte de casas, terras, fabricas, lojas, etc., não pertencem realmente a quem parecem pertencer, mas sim aos credores hypothecarios, que tem dinheiro emprestado sobre ellas.

Geralmente falando, o juro pago por taes empréstimos é de quatro ou cinco por cento ao anno, quando a garantia é muito bôa, isto é quando a propriedade hypothecada pôde ser vendida por mais do que se deo por ella. Sempre se deixa uma margem consideravel para cobrir os enganos, ou alterações com respeito ao valor da propriedade; desta forma, uma casa que se calcula ter o valor de £ 1000, será ordinariamente apenas garantida por um debito de £ 700 ou £ 800. Quando a garantia não é bôa, porque a propriedade ou o seo valor hypothecado é incerto, a taxa de juro será mais elevada, e pôde ser seis, sete, ou mais por cento. O excedente cobrê os riscos, isto é, compensa ao empréstador o risco de perder o que emprestou. Os empréstimos sobre hypothecas são geralmente feitos sobre um capital fixo como casas, fabricas, navios, etc., que duram muito tempo; mas algumas vezes os depositos de mercadorias, como algodão, vinho, trigo, etc., são hypothecados como penhor de um empréstimo temporario.

85. **Bancos.** Uma grande parte do credito é dada, em uma nação civilisada, pelos banqueiros, que se pôde dizer, *especulam com o credito*, ou que vem a ser o mesmo, *com a divida*. Ordinariamente um banqueiro entretém tres ou quatro especies de negocios, mas a sua função propria é obter dinheiro emprestado ás pessoas que têm-no prompto para dispôr, e emprestal-o

ás que desejam comprar mercadorias. Quando um logista vende as suas mercadorias, recebe dinheiro por ellas. E, até comprar um novo sortimento não tem necessidade immediata do seo dinheiro. Aquelles que recebem salarios, dividendos, rendas, ou outros pagamentos de tempos em tempos, ordinariamente não gastam tudo de uma só vez. Em logar de guardar esse dinheiro em uma casa, onde não rende juro, e onde está arriscado a ser roubado, perdido, ou queimado é muito melhor deposital-o em um banco, isto é, emprestal-o a um banqueiro que se comprometta a restituil-o quando fôr exigido. Geralmente falando os fabricantes, negociantes ou commerciantes mandam diariamente para os bancos o dinheiro que receberam, e só guardam uma certa quantia para troco, ou pequenos pagamentos. As vantagens que nos levam a depositar o dinheiro nos bancos são principalmente as seguintes:

1) O dinheiro está em segurança porque os banqueiros depositam-no em casas-fortes, fechadas e guardadas durante a noite.

2) E' facil retiral-o sempre por meio de cheques, ou ordens escriptas autorisando a individuos nellas especificados a receberem do banqueiro uma somma determinada.

3) Ordinariamente o banqueiro dá um certo juro pela quantia que lhe foi confiada.

Os banqueiros recebem os depositos em varias condições; algumas vezes o depositante se



obriga a dar o aviso sete dias antes da retirada do deposito; em outros casos o dinheiro é emprestado ao banqueiro por um, tres, ou seis mezes e, pelo maior espaço de tempo que é emprestado, maior taxa de juro deverá ordinariamente pagar o banqueiro. Porém uma grande somma póde ser despositada *em conta corrente*, isto é, o cliente põe o dinheiro no banco e retira-o quando quer, sem avisar. Neste caso o banqueiro dá muito pouco juro, ou mesmo nenhum, porque têm que guardar de promptidão, muito dinheiro de seus clientes, ignorando quando será exigido.

Todavia, emquanto que alguns depositantes estão retirando as suas quantias, outros estarão collocando mais, e é extremamente impossivel que os milhares de clientes de um grande banco desejem os seus depositos ao mesmo tempo. Desta forma acontece que o banqueiro, em addição ao seu proprio capital, tem um grande deposito de dinheiro em mãos; e tira lucro emprestando-o a outros clientes que precisem de credito.

Ha varios modos pelos quaes os banqueiros effectuam os emprestimos; algumas vezes emprestam sobre hypothecas de mercadorias, casas e outras propriedades, ou sobre acções de estradas de ferro e fundos publicos, da maneira já descripta; mas este não é um meio seguro para o banqueiro empregar muitos capitaes, porque póde não se achar habilitado a adquiril-os rapidamente quan-

do delles tenha necessidade. Um dos mais simples modos de emprestar dinheiro é permittir que os clientes saquem sommas superiores ao seo credito, isto é, sacar mais dinheiro do banco do que ahi depositaram. Mas um banqueiro naturalmente acautela-se para evitar este facto, salvo si tiver uma grande confiança em seu cliente, ou si receber uma quantia em pagamento da parte deste, ou de seos amigos.

86. **Desconto.** O meio mais commum e mais conveniente pelo qual um banqueiro dá credito e emprega os seos capitaes é o desconto de titulos, isto é, adiantando dinheiro a troco de uma promessa definida para pagal-o em uma epoca fixa. Supponhamos que John Smith vendeo por mil libras artigos de algodão a Thomas Jones, um logista; muitos mezes passar-se-ão talvez antes que John possa vender as mercadorias, e si não tem muito capital, concorda com John Smith dar credito das mil libras, mas neste meio termo saca uma lettra contra Jones. Este documento seria mui provavelmente redigido da seguinte forma:

Londres, 1º de Janeiro de 1878.

£ 1000.

Dentro de tres mezes, pagareis a mim ou a minha ordem a quantia de mil libras, valor recebido.

John Smith.

Ao Snr. Thomas Jones.

John Smith é o *sacador* da lettra; Thomas Jones é o *aceitante* e a lettra importa em uma affirmação da parte de John Smith que Thomas Jones deve-lhe a quantia estipulada. Si a pessoa contra quem se saca a lettra reconhece que este é o caso, indica-o quando a lettra lhe é apresentada, escrevendo a palavra *aceita*, juntamente com o seo nome.

Si entretanto o sacador e o aceitante de uma lettra são pessoas acreditadas, o banqueiro descontará promptamente a lettra, isto é, resgatal-a-á pela quantia devida, deduzindo o juro á taxa de cinco por cento ao anno pelo espaço de tempo que a lettra tem que correr. Esta lettra constitue um bom seguro, porque, quando aceita, Thomas Jones é obrigado a pagar as mil libras quando devidas, e si o não fizer, o sacador é o responsavel. Estes titulos são algumas vezes adquiridos por muitas pessoas successivamente, sendo *endossados* pela immediata, isto é, por aquella que inscreve uma ordem para que o dinheiro seja pago a ultima pessoa nomeada. Quando a lettra se torna devida o ultimo possuidor deve reclamar o dinheiro de Thomas Jones e si este recusar-se a pagal-o, cada possuidor tem direito sobre os precedentes.

---



## CAPTULO XIV

### Cyelos de credito

---

87. **A industria é periodica.** Cada um deve comprehender que o commercio varia em actividade de tempos em tempos e de um modo periodico. *Dix-se que uma cousa varia periodicamente, quando vae e vem por intervallos quasi eguaes* como o sol, ou quando sobem e descem como as marés. Actualmente, na industria, como ha vinte annos predisse Mr. William Langton, ha marés quasi tão regulares como as do mar. Shakespeare disse com verdade:

«Ha uma maré nos negocios dos homéms

«Que, tomada na montante, conduz á fortuna.»

Algumas destas marés dependem das estações do anno; os negocios são mais activos na primavera e no verão, e diminuem no inverno. E' comparativamente facil pedir dinheiro emprestado em janeiro, fevereiro, março, junho, julho, agosto e setembro; outubro e novembro são particularmente maos mezes; a taxa de juro eleva-se muitas vezes rapidamente, e as bancarrotas nestes mezes são mais numerosas do que nas outras epochas do anno. Abril e maio são tambem me-

zes perigosos, mas em menor escala. Os homens de negocio trazem sempre estes factos na imaginação, e, precavendo-se, pódem escapar ao desastre.

Ha tambem uma especie de maré muito mais prolongada nos negocios, que ordinariamente dura em alguns logares cerca de dez annos para subir e descer. A causa desta maré não é bem conhecida, mas não resta duvida que em alguns annos os homens tornam-se confiantes e esperançosos. Julgam que o paiz caminha mui prosperamente, e que si empregarem o seo capital em novas fabricas, bancos, estradas de ferro, navios, e em outras emprezas, podem tirar muito lucro. Quando um certo numero de individuos está nesta esperança, os outros procuram promptamente imital-os, á semelhança de algumas pessoas alegres que em uma sociedade tornam outras alegres. Assim a esperança gradualmente se estende por todos os ramos de commercio do paiz. Os homens habeis propõem então planos para novas invenções e novas emprezas e encontram promptamente capitaes para subscrever as acções. Isto anima outros especuladores a adiantarem capitaes, e quando as acções de cada companhia estão elevadas em valor suppõem-se que acontecerá o mesmo com as outras. Os planos mais absurdos acham defensores na occasião das grandes esperanças, e assim se forma o que é chamada uma *febre commercial*.

88. **Febres e chimeras commerciaes.** Quando os planos emprehendidos durante uma mania começam a ser executados, grandes quantidades de materiaes são exigidos para as construcções, e os preços destes materiaes sobem rapidamente. O operario que os fabrica ganha então salarios elevados, e gasta-os no melhor modo de viver, nos prazeres ou comprando grande quantidade de roupas, moveis, etc. Deste modo a procura das commodidades augmenta, e os commerciantes têm grandes lucros. Não obstante, sem haver razão sufficiente, os preços das outras commodidades ordinariamente sobem, como se diz, *por sympathia*, porque os que negociam com ellas pensam que suas mercadorias provavelmente se elevarão como as outras, e compram grande quantidade na esperança de alcançarem lucros. Cada commerciante quer comprar agora, porque acredita que os preços elevar-se-ão cada vez mais, e que, vendendo em uma bôa occasião, a perda subsequente dos preços recahirá sobre os outros.

Este estado de cousas, entretanto, não póde durar muito tempo. Aquelles que subscreveram açções em as novas companhias têm de concorrer ás chamadas, isto é, têm que entrar com o capital que prometteram. São obrigados a retirar o dinheiro que antes haviam depositado nos bancos, e assim os banqueiros têm menos para emprestar. Os fabricantes, commerciantes e especuladores que ajuntam ou compram grande quantidade de mer-



cadorias, desejam pedir emprestado quanto mais dinheiro possível, de modo que desenvolvendo-se consideravelmente os negocios, o lucro torna-se muito grande. Então, de accordo com as leis da offerta e da procura, o preço do papel-moeda cresce, o que quer dizer que a taxa de juro para um breve emprestimo, de uma a tres semanas ou seis mezes, é augmentada. A mania vae crescendo, até que os especuladores mais aventureiros e menos esculpulosos tenham pedido emprestado tantas vezes mais dinheiro do que realmente possuem. *Dix-se que o credito é muito extenso*, e uma firma, que talvez possua um capital estimado em dez mil libras, terá que pagar duzentas ou trazentas mil libras, pelas mercadorias que comprou por especulação.

Mas esta elevação subita que, mais cedo ou mais tarde se manifesta na taxa do juro, é muito desastrosa para esses especuladores; quando começaram a especular o juro era, talvez, somente de dous ou tres por cento; mas quando attinge a sete ou a oito por cento, ha que temer que uma grande parte do lucro se esgote em juros pagos aos emprestadores de capital. Alem disso, aquelles que emprestam o dinheiro, descontando os titulos, ou fazendo adiantamentos sobre a garantia de mercadorias, tornam-se anciosos em recuperal-o. Assim os especuladores são forçados por fim a começar a vender os seus depositos, pelo melhor preço que pódem obter. Logo que alguns

individuos começam a vender deste modo, outros possuidores de mercadorias pensam que é melhor vendel-as antes que os preços decresçam seriamente; então opera-se um movimento subito para vender, e os compradores alarmados, recusam comprar, a menos que seja por um preço muito reduzido. Os máos especuladores vêm-se então na impossibilidade de sustentarem o seo credito, porque, si venderem os seos grandes depositos por muito menos, seo capital proprio e real será inteiramente insufficiente para cobrir as perdas. Tornam-se assim incapazes de pagar ao que se haviam compromettido, e *suspendem os pagamentos*, ou, em outras palavras, tornam-se falidos. Isto é muito desastroso para os outros individuos, fabricantes, por exemplo, que venderam mercadorias aos bancarroteiros a credito; não recebem o dinheiro com que contavam, e como tambem talvez tenham pedido dinheiro emprestado para fabricar mercadorias, são egualmente levados a bancarrota. Deste modo o *descredito* espalha-se, e as proprias casas que só haviam pedido emprestadas quantias moderadas, em proporção ao seo capital, ficam na eminencia de uma fallencia.

89. **Crises ou collapsos commerciaes.** O estado de cousas descripto nesta ultima secção é chamado *colapso commercial*, porque ha *uma queda subita nos preços, no credito, e nas empresas*. Chama-se tambem *uma crise* (do grego

*αἰών*, = decidir) isto é, um momento perigoso e decisivo em que se prevê aquelles que farão ou não bancarota. Em breve essa crise chega, e todas as cousas mudam. Ninguém se arrisca a propôr novos projectos, ou novas companhias, porque sabe que os individuos em geral têm grandes difficuldades em pagar o que prometteram para os planos comprehendidos durante a mania. *A febre declina então*, e descobre-se que muitos dos novos trabalhos e emprezas dos quaes esperavam-se muitos resultados, são enganões absurdos e desanimadores. Propunha-se construir estradas de ferro si nada havia que transportar; cavar minas onde não havia carvão de pedra nem metaes; construir navios que não navegavam; todas estas especies de planos impraticaveis tem de ser abandonados, e o capital que com elles foi despendido torna-se perdido.

Não só esta queda arruina a muitos dos subscriptores dessas emprezas, mas faz com que os operarios fiquem logo desempregados. Os melhores projectos, na verdade, são executados, e, por um anno ou dous, dão trabalho aos constructores, aos ferreiros, e a outros, que fornecem os materiaes. Mas como estes projectos vão se extinguindo gradualmente, ninguém se aventura a propor novos; todos ainda estão atemorizados com as perdas, bancarrotas, e fraudes manifestadas na derrocada, e quando alguem se atemorisa, outros tornam-se egualmente, como que por sympathia. Em



assumptos desta especie os homens de commercio assemelham-se a um rebanho de ovelhas em que cada uma segue as outras, ignorando porque o faz. Em um anno ou dous os preços do ferro, carvão de pedra, madeira, etc., ficam reduzidos ao minimo; grandes perdas soffrem aquelles que fazem ou fornecem esses materiaes, e muitos operarios ficam sem emprego. As classes operarias têm então menos que gastar com o luxo e a aquisição de outras mercadorias diminue; o commercio em geral torna-se abatido; muitas pessoas ficam pobres, ou gastam suas economias accumuladas durante os annos anteriores. Tal *estado de depressão* póde permanecer por dous ou tres annos, até que os especuladores tenham começado a se esquecer dos seus insuccessos, ou que uma nova geração, que ignore esses desastres, julgue ver um meio de obter lucros. Durante este periodo de depressão, tambem os ricos, cuja receita é superior á despeza, depositam seus rendimentos nos bancos. Os negociantes que vendem suas mercadorias, deixam as quantias que recebem nos bancos; e assim gradualmente o capital torna-se abundante, e a taxa de juros diminue. Depois de algum tempo os banqueiros que foram bastante cautelosos no tempo da crise, acham conveniente emprestar seus capitães accumulados, e o credito melhora. Assim começa um novo cyclo de credito que provavelmente seguirá a mesma marcha do anterior.

### 90. As crises commerciaes são periodicas.

Seria de muita utilidade que estivessemos habilitados a predizer quando devesse chegar uma febre ou crise, mas é evidentemente impossivel prevermos taes acontecimentos com certeza. Todos os factos taes como — guerras, revoluções, novas descobertas, tratados de commercio, boas ou más colheitas, etc., — pódem occasionar a oscillação da actividade commercial. *Todavia é para notar como muitas vezes uma grande crise commercial apparece cerca de dez annos depois de uma outra.* Durante o ultimo seculo, quando o commercio era muito differente do que é agora houve crises nos annos de 1753, 1763, 1772 ou 1773, 1783 e 1793. Neste seculo tem havido crises nos annos de 1815, 1825, 1836—9, 1847, 1857, 1866, não falando no collapso excepcional de 1873 na America. Presentemente (fevereiro de 1878) ha uma grande crise commercial que marca o termo de um cyclo e o inicio de outro. As boas colheitas no continente européo, e as seccas na India occorrem todos os dez ou onze annos, e parece provavel que as crises commerciaes têm connexão com uma variação periodica do tempo, affectando todos os pontos da terra, e sem duvida provenientes de um augmento nas ondas de calor vindas do sol com intervallos medios de dez annos, mais uma fracção. Um grande supprimento de calor augmenta as colheitas, torna o capital mais abundante, e o commercio mais lucrativo.

e desta fôrma favorece as esperanças que originam a febre. Uma diminuição no calor solar empobrece as colheitas e transtorna muitas empresas em diferentes partes do globo. E' possível prevermos então uma febre e um collapso commercial.

Geralmente, *um cyclo de credito*, como foi chamado por Mr. John Mills, de Manchester, dura *cerca de dez annos*. Os tres primeiros annos abrangerão uma depressão no commercio com falta de empregos, oscillação em preços, baixos juros, e muita pobreza; depois haverá talvez tres annos de activo e solido commercio, com moderação nos preços, juros razoaveis, empregos favoraveis e credits melhorados; em seguida vêm alguns annos de commercio violentamente excitado, transformando-se em febre ou mania, e acabando em collapso, como já foi descripto. Este collapso occupará o ultimo periodo dos dez annos, de maneira que todo o cyclo de credito, na media, poderá ser figurado como se segue:

Annos									
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Commercio fraco			Commercio activo			Commercio excitado		Febre	Collapso

*Não se deve suppor que as cousas occurram*



*tão regularmente como se acham aqui estabelecidas; algumas vezes o cyclo dura só nove, ou mesmo oito annos, em vez de dez; as febres e crises menos graves apparecem muitas vezes no decorrer do cyclo, e perturbam a sua regularidade. Comtudo, é admiravel como muitas vezes o grande collapso chega no fim do cyclo, a despeito de guerra ou de paz, ou outras causas intercorrentes.*

91. **Como evitar as perdas por crises.** Actualmente as febros e crises são mui desastrosas; levam á ruina muitos individuos e poucas são as familias que não são prejudicadas em um ou outro collapso. As classes operarias são quasi sempre muito prejudicadas; alguns operarios ficam desempregados, e outros, não vendo rasão para que seos salarios devam ser reduzidos, aggravam as circumstancias com grèves, que, depois de um collapso, não pódem dar bom resultado. E', portanto, muito importante que operarios, capitalistas, especuladores, e todos enfim interessados em varios negocios — lembrem-se que *um commercio muito prospero é certamente seguido de uma crise e de difficuldades.* Quando, tambem, as cousas parecem particularmente favoraveis, o individuo que pretende empregar capitaes deve ser excepcionalmente prudente nas emprezas em que se envolver. *Em regra geral, é uma loucura fazermos justamente o que os outros fazem, porque devemos estar convencidos de que muitos fa-*

*rão o mesmo.* Si, por exemplo, o preço do carvão de pedra elevar-se, de modo que os donos das minas venham a ter grandes lucros, é quasi certo que muitos individuos procurarão novas minas. Uma tal occasião é justamente a peor para se comprar acções de minas de carvão de pedra, porque em pouco tempo, haverá um grande numero de minas abertas, o proximo collapso diminuirá a procura do carvão de pedra, e então haverá grandes perdas nestes negocios. E' o que aconteceu nestes ultimos annos na Inglaterra, e o que frequentemente acontece em outras praças commerciaes. Como regra geral, *a melhor occasião para se fundar uma fabrica, abrir uma mina, ou desenvolver negocios de uma certa especie, é quando o commercio está fraco, e quando os salarios e lucros estão baixos.* As perfurações das minas, as construcções, ou outros trabalhos podem então ser feitos mais baratos do que em outras epochas, e os novos trabalhos permanecerão até que os negocios tornem-se activos e que haja algumas outras novas fabricas para se abrirem.

Esta regra, na verdade, não se applica aos inventores, especuladores, e promotores, como são chamados os que promovem tantas companhias. Estes individuos se occupam ordinariamente com planos novos e novas acções que offerecem justamente quando todos estão dispostos a compral-as, isto é, durante uma *febre*, ou du-

rante um periodo de commercio excitado. Têm o cuidado de vender as suas proprias acções antes que appareça o collapso, e são os inexperientes os prejudicados. Uma pessoa prudente, portanto, nunca deve envolver-se em uma nova transacção durante uma mania ou febre; pelo contrario, deve vender todos os seus titulos duvidosos ou de especulação, quando a sua cotação subir; e empregar os capitaes nos melhores titulos ou fundos publicos, dos quaes o valor não pôde descer muito durante a crise. Os individuos mais experimentados têm sido illudidos durante as febres. Na bibliotheca da *Royal Society* ha uma carta de sir Isaac Newton pedindo a um amigo para comprar-lhe acções da Companhia do mar do Sul, justamente na occasião em que esta companhia se achava nas peiores condições. Que o povo tome o exemplo de Isaac Newton e nunca especule em uma cousa, porque outros fazem o mesmo; quando estas *febres* e collapsos estiverem previstos, tornar-se-ão menos desastrosos. Os cyclos de credito succeder-se-ão até que o povo saiba descobri-los e agir de accordo. Os homens de negocio devem tornar-se arrojados durante o fraco commercio, cuidadosos durante o commercio excitado, em vez de praticar justamente de modo diverso. É só conhecendo-se estes cyclos de credito que podem prevel-os e é por esse motivo que tanto nos temos alongado neste capitulo.

---



## CAPITULO XV

### Funcções do governo

---

92. Funcção significa execução (do latim *fungi, functus* = exercer) e as funcções de governo são as cousas que deve executar — os deveres que cumpre realizar, ou os serviços que delle deve esperar o povo. Estas funcções são ordinariamente divididas em duas lasses:

- 1) Funcções necessarias.
- 2) Funcções opcionaes.

As *funcções necessarias* são as que elle é obrigado a desempenhar; portanto, deve defender a nação de inimigos estranhos, manter a paz no paiz, e evitar as insurreições que possam ameaçar a existencia do proprio governo; deve tambem punir os malfeitores que transgridam as leis, e que procurem enriquecer-se com o roubo; deve igualmente sustentar os tribunaes onde são resolvidas claramente as questões de seos subditos e archivadas. Todas as funcções necessarias estão longe de figurar aqui.

As *funcções opcionaes* constam daquellas especies de trabalho que um governo póde execu-

tar com vantagem, taes como o estabelecimento de uma boa circulação monetaria, determinando um systema uniforme de pezos e medidas, construindo e mantendo estradas, transportando cartas por meio de uma repartição nacional de correios, fundando um observatorio nacional e um serviço meteorologico, etc. As funcções optionaes são de facto muito numerosas, e não ha limite para as cousas que qualquer governo deve proporcionar ao povo. Seria um trabalho muito importante, si fosse possivel, determinar exactamente quaes as empresas que um governo deve tomar para si e quaes as que deve deixar para serem exploradas pela iniciativa particular; mas é impossivel estabelecer regras precisas sobre este assumpto. Os caracteres, os habitos, e, as circumstancias das nações differem tanto, que o que é bom em um caso póde ser máo em outro. Assim, na Russia o governo constroe todas as estradas de ferro, e o mesmo acontece na Australia; mas não se deve concluir dahi que, pelo facto de ser necessario ou vantajoso nesses paizes, deva sel-o na Inglaterra, Irlanda ou Estados Unidos. A experiencia tem demonstrado que não obstante ser de muito proveito a Repartição de Correios na Inglaterra, os telegraphos postaes não compensam presentemente as despezas. Sem duvida póde ser que *fosse inteiramente funesto collocar o enorme systema de estradas de ferro da Inglaterra sob a administração de agentes*

*do governo.* Cada caso deve pois ser julgado segundo as suas proprias condições, e tudo o que o economista póde fazer é designar as vantagens ou desvantagens geraes da intervenção do governo.

**93. As vantagens da intervenção do governo.** E' muitas vezes immensamente economico ter-se um unico estabelecimento para executar uma certa especie de trabalho para todo o paiz. Por exemplo, o observatorio meteorologico de Londres, recebe diariamente as communicações telegraphicas dos observatorios dos outros logares do reino, e de muitos logares da Europa; combinando e confrontando essas communicações forma uma opinião segura sobre o tempo futuro o que seria impossivel para um particular, e esta póde ser rapidamente tornada conhecida pelo telegrapho e pelos jornaes. Cerca de alguns milhares de libras que o governo gasta annualmente com o observatorio meteorologico estão longe de se comparar com os serviços que este presta ao publico prevenindo-o dos naufragios, das explosões de minas, e de outros grandes desastres e inconveniencias que muitas vezes provém da nossa ignorancia do tempo futuro. E' certamente conveniente pois tornar os observatorios meteorologicos uma das funcções do governo.

Uma grande economia haveria tambem, si um estabelecimento semelhante a repartição dos correios fosse creado na Gran-Bretanha de modo a transportar pequenas mercadorias e pacotes.



Ha actualmente um grande numero de companhias desta especie mas muitas vezes têm que enviar uma carroça a grande distancia para apenas levar um embrulho. Em Londres uma meia duzia de companhias, independentes entre si, enviam suas carroças por toda a immensa cidade; cada uma das principaes companhias ferro-carris tem o seo systema proprio de entregar os pacotes, imitado por algumas lojas importantes. Deste modo ha uma enorme perda de força e de tempo. Si um serviço postal do governo tomasse este trabalho, só uma carroça entregaria as mercadorias em cada rua, e como poderia talvez haver um pacote para cada casa, ou outras vezes muitos, haveria sempre uma economia incrível na distancia percorrida e no tempo gasto. Isto esclarece a economia que pôde provir da direcção do governo.

#### 94. **As desvantagens da acção do governo.**

Por outro lado ha muitos inconvenientes que o governo emprehenda um trabalho que pôde ser suavemente feito por particulares ou por companhias. Os empregados do governo são raras vezes demittidos quando uma vez empregados, e naquelle caso, recebem pensões. Assim, quando o governo estabelece uma nova empresa, não pôde paral-a sem grandes despezas, e o trabalho é ordinariamente continuado quer seja feito economicamente ou não. Então, sabendo os empregados publicos que só podem ser demittidos com

uma pensão, tornam-se ordinariamente menos activos e cuidadosos do que os individuos que são empregados em casas particulares. Pelo trabalho que fazem são melhor pagos do que nos estabelecimentos particulares. E' portanto, muito menos desejavel que o governo se encarregue de uma especie de trabalho por sua propria conta, a menos que esteja perfeitamente demonstrado que o trabalho será feito muito melhor, e mais barato do que por particulares. Convem equilibrar as vantagens e as desvantagens; a vantagem de um só grande estabelecimento com muitos fundos: a desvantagem que o trabalho seja sempre feito mais dispendiosamente pelo governo. No caso dos correios, as vantagens excedem grandemente ás desvantagens; o mesmo dar-se-á provavelmente com um serviço de correios bem organizado para encomendas; nos telegraphos postaes ha mais vantagens, mas são obtidas a custa de uma consideravel perda. Si o estado comprasse e explorasse as estradas de ferro inglezas, as vantagens seriam comparativamente pequenas, mas as perdas enormes. Na America as companhias de transporte de encomendas denominadas *express* são administradas tão admiravelmente que fazem o trabalho melhor e com mais segurança do que as repartições do governo. Não ha a menor duvida que as estradas de ferro e os telegraphos americanos são muito melhor dirigidos actualmente do que se estivessem sob a influencia do governo federal.

## CAPITULO XVI

### Impostos

---

95. **Os impostos são necessários.** Seja qual fôr o governo que se revista de mais ou menos funções, é certo que necessitamos de alguma especie de governo e que este deve dispender grandes sommas de dinheiro. Estas, da mesma sorte, pódem mui raramente ser obtidas debaixo da fórma de um lucro real sobre o trabalho feito, de maneira que devem ser augmentadas pelos impostos. Geralmente empregamos o termo imposto ao pagamento exigido de individuos para fazer face ás despezas do governo geral ou local. Facilmente podemos ser taxados sem que disso sejamos sabedores; assim, os vinte réis que pagamos pelo sello é um imposto, e uma cidade póde ser taxada pelo preço da agua ou do gaz.

De todos os modos, e em qualquer paiz, os impostos devem ser cobrados por todas as maneiras imaginaveis. A *capitação* era uma certa quantia exigida de cada eleitor, ou cabeça, homem, mulher ou criança. Considerado um imposto muito vexatorio, nunca foi cobrado na In-



glaterra, desde o reinado de Guilherme III. O *Hearth tax* era uma contribuição de cada lareira (hearth) em uma casa; portanto, uma familia rica que morasse em uma grande casa que tivesse muitas lareiras, pagaria muito mais do que uma familia pobre com uma ou duas. Porém, como o povo não gostava que os collectores fossem á suas casas para contar as lareiras, foi aquelle imposto substituido pelo das janellas, porque o collector podia contal-as caminhando em torno da casa. Actualmente na Inglaterra não se taxa mais a luz solar, mas fixa-se a contribuição de cada um segundo a renda da sua casa, o total desta renda, ou quantidade de vinho ou cerveja que bebe.

96. **Impostos directos e indirectos.** Os impostos são *directos* quando o pagamento é feito pela pessoa que é designada para entrar com essa contribuição. E' geralmente o caso dos impostos fixos, ou das contribuições pagas pelos criados, cocheiros, etc. Como a maior parte dos individuos têm carros só para o seo conforto não pódem transferir para outras pessoas o pagamento do imposto. Mas si os carregadores ou negociantes fossem taxados pelas suas carroças recorreriam a seos freguezes para reembolsal-os; então o imposto não seria directo, e é por isso que as carroças que servem no commercio estão isemptas de impostos. Outros impostos que, na Inglaterra, são geralmente directos, são o imposto sobre a renda,

sobre os cães, os impostos para a manutenção da pobreza, os direitos de alfandega; mas um imposto que é ordinariamente directo, pôde algumas vezes tornar-se indirecto, e é muitas vezes impossivel dizer-se o que é realmente *a incidencia de um imposto*, isto é, a maneira pela qual recahe sobre as differentes classes da população.

Os *impostos indirectos* são pagos em primeiro logar pelos mercadores e negociantes, mas é permittido que recuperam as quantias dos seus freguezes. A principal parte destes impostos, na Inglaterra, consta dos *direitos de alfandega* cobrados do vinho, espiritos, fumo e alguns outros artigos importados para uso do paiz. Os *direitos de ciza* são os cobrados pelas mercadorias produzidas no interior do paiz. Estas são chamadas *de ciza*, porque antigamente era costume separar-se uma parte das proprias mercadorias, e tomal-a como imposto. Na Inglaterra, este direito só é cobrado actualmente por certos artigos como espiritos, cerveja, etc.; e trata-se de tornal-o o mais possivel igual aos direitos de alfandega do mesmo modo que as mercadorias importadas. A aguardente ingleza paga um direito equivalente á franceza, e as cousas estão arrançadas de modo que nada anima ou desanima o fabrico da aguardente ingleza. Portanto o commercio fica o mais livre possivel, consequentemente com o augmento de uma renda consideravel. Uma outra fonte importante de contribuições indirectas é o *imposto de*

*sello* que é o pagamento exigido do povo quando passa documentos legaes de diferentes especies. De accordo com a lei, os titulos, os cheques, os recibos, os contractos, e muitos outros documentos não são legalmente validos sem que estejam selados, e o preço do *sello* varia de vinte reis a centenas de mil reis, segundo o valor da propriedade em questão. Os direitos de *sello* são provavelmente, na maior parte dos casos, impostos indirectos, mas seria muito difficil dizer-se quem realmente os paga; isto depende muito das circumstancias.

97. **Regras sobre os impostos.** Adam Smith primeiramente estabeleceu certas regras, ou maximas, que devem guiar o estadista no estabelecimento dos impostos; são regras tão excellentes que, todos os que estudam economia politica, devem aprendel-as. São as seguintes:

1.<sup>a</sup> Os subditos de uma nação devem contribuir para a manutenção do governo, tanto quanto possivel, na proporção de suas posses; isto é, em proporção á renda que relativamente gosam sob a protecção do Estado.

Podemos chamar a isto o *maximo da equaldade*, e consiste em cada um pagar, de qualquer modo, uma porcentagem mais ou menos equal em proporção aos salarios, ordenados, ou outro rendimento que receba. Na Inglaterra os impostos attingem algumas vezes a dez por cento, ou uma libra em dez libras, e são igualmente distribuidos



pelas differentes classes da sociedade. É provavel, entretanto, que os ricos não paguem tanto como devem. Ao mesmo tempo aquelles que são muito pobres para pagar o imposto sobre a renda e aquelles que não fumam nem bebem, estão quasi inteiramente livres dos impostos nesse paiz; pagam muito menos excepto a taxa dos pobres. Seria impossivel inventar-se uma taxa que fosse egualmente cobrada a todas as pessoas. O imposto sobre renda é uma taxa de tantos pence por cada libra de renda, mas é impossivel fazer o povo declarar a sua renda exactamente, e não haveria meio de fazer com que os pobres satisfizessem semelhante taxa. Por isso é necessario estabelecer-se um certo numero de taxas differentes, de maneira que os que escapam a umas, sejam forçados a pagar outras.

2.<sup>a</sup> O imposto que cada individuo é obrigado a pagar deve ser certo e não arbitrario. A epoca, o modo, e a importancia do pagamento, tudo deve ser claro e bem definido. E' o *maximo da certexa*, e é muito importante porque, si a taxa não fôr conhecida de um modo certo os collectores podem opprimir o povo, exigindo mais ou menos como entenderem. Neste caso é muito provavel que se corrompam, recebendo peitas com o fim de induzil-os a abaixar as taxas. Sob este ponto de vista os impostos nunca devem ser cobrados de accordo com as mercadorias, ou *ad-valorem*, como se diz. O vinho, por exemplo, varia immensamente de valor de accordo com as

suas qualidades e fama, mas é impossivel ao agente das alfandegas dizer qual o seu valor. Si adoptar a declaração daquelles que importam o vinho, será induzido a mentir, e a adoptar um valor menor do que é realmente. E como não seria facil provar o delicto aos outros empregados da alfandega ou aos importadores, é para se temer que outros agentes recebam peitas. Mas si o vinho fôr taxado simplesmente de accordo com as suas qualidades, a somma dos direitos é concedida com grande certeza, e a fraude pôde facilmente ser descoberta. As mesmas observações applicam-se mais ou menos a cada especie de mercadorias que variam muito em qualidade.

3.<sup>a</sup> Cada imposto deve ser cobrado na occasião e da maneira que convier melhor ao contribuinte. E' o *maximo da conveniencia* e a sua utilidade é sufficientemente obvia. Pois que o governo só existe para o bem do povo em geral, e deve naturalmente proporcionar-lhe os menores embaraços possiveis. E como o governo tem immensamente mais dinheiro á sua disposição do que os particulares, deve arranjar-se de maneira a exigir um imposto quando o contribuinte esteja provavelmente habilitado a pagal-o. Tambem parece não haver razão sufficiente para que o governo faça o povo pagar o imposto sobre renda em janeiro, quando provavelmente está sobrecarregado com outros onus. Segundo esta maxima, os direitos de alfandega e de siza são muito bons

impostos, porque um individuo paga direitos cada vez que compra uma garrafa de espirito ou uma onça de fumo. Si não quizer pagar os impostos deixa de beber ou de fumar, o que provavelmente ser-lhe-á muito melhor. Em todo o caso, si póde beber e fumar, tambem póde dar alguma cousa para as despezas do governo. Neste mesmo sentido, o sello de quitações está tambem sujeito a imposto, porque o individuo que recebe dinheiro está no caso de pôr de parte um penny para o Estado, e geralmente fica tão satisfeito em receber esse dinheiro que não pensa sequer no penny.

4). Todo o imposto deve ser combinado de modo a tirar e a conservar fora da algibeira do povo o menos possivel além do que entra para o thesouro publico. E' o *maximo da economia*. Tambem uma taxa nunca deve ser imposta, si exigir uma grande quantidade de funcionarios para collectal-a, gastando-se assim mais do que o que é arrecadado, ou occasionando perturbações no commercio que tornam as mercadorias mais caras do que eram antes. Além disso, o governo não deve ser a causa do povo perder tempo e dinheiro com o pagamento dos impostos, porque isto equivaleria ao pagamento de mais impostos. Sob este ponto de vista os direitos de sello são muito mal taxados, porque em muitos casos é exigido que um individuo que deseja selar seus autos ou outros documentos vá á repar-



tição do sello, onde perde tempo, ou que occupe advogados e agentes para fazel-o em seo lugar, do que resulta despesas consideraveis. Tão incomodos são certos direitos de sello que em muitos casos o povo deixa de sellar as suas transacções, e prefere confiar na honestidade daquelles com quem trata. Estas transacções são pois algumas vezes tornadas de nenhum valor legal, e o governo por um lucro de seis pence ou de um shilling, recusa praticamente a protecção da lei ao povo.

98. **Protecção e livre cambio.** Quasi todos os governos têm empregado os impostos em diversas epocas, com o fim de animar a industria de seu paiz. Suppõem-se muitas vezes que, si os compradores forem impedidos de comprar mercadorias estrangeiras, comprarão as mercadorias nacionaes, e então as fabricas do paiz terão muito que fazer, e haverá muitos empregos. É inteiramente um engano, que podemos chamar o *erro da protecção*, mas dentro em breve este se apodera do espirito publico. Nenhum negociante ou industrial gosta de se ver suplantado pelos que offerecem melhores mercadorias por menos preço. Tambem quando os productos estrangeiros são preferidos pelos compradores, os que fabricam esses mesmos productos no paiz lastimam-se amargamente e colligam-se para persuadir ao povo que são lesados pelo commercio estrangeiro. O orgulho, o amor proprio nacional é ainda tão grande que um povo não gosta ouvir dizer que é amesquinhado por

estrangeiros. Os industriaes, cegos pelo seo interesse pessoal, usam de todas as especies de argumentos caprichosos para mostrar que si se impedisse a entrada de productos estrangeiros, poderiam em breve tempo fabricar tão bons, empregar grande numero de operarios e augmentar desta fórma a riqueza do paiz. Na verdade cahem no erro que já expuzemos (§ 55), raciocinando como si o fim do trabalho fosse trabalhar e não gosar abundantemente as necessidades e conforto da vida.

Não obstante, é impossivel negar que certos possuidores de terras, minas e usinas não possam ser beneficiados com o estabelecimento de direitos sobre mercadorias estrangeiras da especie das que querem produzir. Aquelles que já se acham no caso das vantagens desses direitos injustos podem, naturalmente, ser prejudicados, quando forem abandonados. Mas o que temos a considerar, em economia politica, não são os interesses egoistas de uma classe particular, mas o bem de todos em geral. Os proteccionistas esquecem dous factos: 1º) que o fim da industria é produzir muitas mercadorias e baratas; 2º) que é impossivel importar-se mercadorias estrangeiras por baixo preço, sem exportar outras para pagal-as.

Já nos convencemos da verdade incontestavel de que a riqueza é augmentada quando produzida no lugar mais conveniente á sua producção. Agora a unica prova segura de que um lugar é conveniente é o facto de que as commodidades

que ahí produzem são boas e por preço commo-  
do. Si os fabricantes estrangeiros pódem offerecer  
pelos productos do paiz menos do que valem. é  
a melhor prova, e de facto a unica conclusiva de  
que as cousas pódem ser fabricadas mais econo-  
micamente e com mais proveito no estrangeiro.  
Mas dir-se-á então, em que condições ficariam os  
operarios de um paiz, si todas as mercadorias  
fossem adquiridas no estrangeiro? Respondere-  
mos que um tal estado de cousas não póde exis-  
tir. Os estrangeiros só pensarão em enviar-nos  
mercadorias emquanto forem pagos, ou em outras  
mercadorias, ou em dinheiro. Então, si pagamos  
em mercadorias, certamente serão precisos ope-  
rarios para fabrical-as; e, quanto mais comprar-  
mos do estrangeiro, mais deveremos produzir no  
paiz para darmos em troca. Portanto, a compra  
das mercadorias estrangeiras anima as manufa-  
cturas nacionaes do melhor modo possivel, porque  
encoraja justamente os ramos de industria para  
os quaes o paiz está melhor adaptado e para os  
quaes a riqueza foi creada mais abundantemente.

99. A **theoria mercantil**. Talvez, entre-  
tanto, objectar-se-á que as nossas importações não  
serão pagas em mercadorias, mas em dinheiro;  
então o paiz será gradualmente esgotado da sua  
riqueza. E' o *antigo erro da theoria mercantil*  
que só cogita da riqueza de um paiz com a im-  
portação do ouro e da prata. E' um erro absur-  
do porque nada temos a ganhar ajuntando mon-



tes de ouro e prata. De facto, guardando-se me-  
taes preciosos, perdem-se os juros do seu valor;  
os ricos dispõem de meios para possuir custosas  
baixel-as, e os prazeres que dahi resultam com-  
pensam os juros. Porém, possuir mais moedas  
de ouro ou prata dô que as necessarias para re-  
alisar os pagamentos ordinarios do commercio,  
dá em resultado uma perda esteril de juros. Ne-  
nhum receio ha para que o paiz fique inteira-  
mente sem moedas. Porque, si estas tornassem-se  
raras, seo valor augmentaria de accordo com as  
leis da offerta e da procura e o preço das  
mercadorias abaixaria; então as importações di-  
minuiriam, e as exportações augmentariam. Só  
um paiz como a Australia ou a America do Nor-  
te, que possui minas de ouro e prata, é que po-  
deria pagar a dinheiro as suas importações, o  
que é de grande vantagem que se realise, sendo  
o metal uma commodidade que pôde ser produ-  
zida no paiz por baixo preço. A prata e o ouro  
devem ser extrahidos das minas, e portanto uma  
nação que compra mercadorias a dinheiro deve,  
ou possuir estas minas, ou sinão obter o metal  
de outros paizes que as possuam. Em nenhum  
caso, pois, devemos importar commodidades es-  
trangeiras sem produzir no paiz mercadorias de  
valor equivalente para pagal-as, e assim vemos.  
fóra de toda a duvida, que o commercio estran-  
geiro augmenta, em vez de diminuir, a activida-  
de de uma industria interna.

100. **A economia politica é uma sciencia triste?** Este livro é apenas um ligeiro e elementar resumo de algumas questões de economia politica, e é evidentemente impossivel discorrermos sobre os problemas desta sciencia em tão acanhados limites. Porém, o fim deste livrinho será satisfeito, si aquelles que começando com estes elementos puderem continuar os seus estudos em obras mais importantes que se occupam desta sciencia. Mas aquelle que nos tenha acompanhado até aqui deve reconhecer que a economia politica não é uma sciencia triste e funesta, como se diz. Será triste alliviar o trabalhador do seu fardo, ou collocar sobre a sua meza alimentos nutritivos? Sem duvida uma sciencia é bastante triste logo que nos leve a reflectir sobre as miserias inuteis existentes em toda a parte. E' triste pensar-se em individuos que por centenas de milhares, arrastam uma vida penosa nos hospitaes, prisões e enfermarias. As gréves são tristes, os *lockouts* são tambem tristes, a falta de emprego, a bancarrota, a carestia do pão, e a fome, tudo são cousas trister. Porém, é a economia que as origina? *Não é a nossa sciencia com mais sinceridade descripta como beneficente, a qual sufficientemente estudada, baniria aquellas cousas tristes, ensinando-nos a empregar sabiamente os nossos esforços em alliviar os trabalhos e as miserias da humanidade.*

